

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20\$000 EXTERIOR. . . . 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

OUTUBRO 1907

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA



DESDE que ha homens na face da Terra, — as trez grandes causas de todos os soffrimentos, de todos os conflictos, de todas as guerras, de todos os crimes, têm sido : a casa, a comida e o amor.

Dessas trez cousas, ha uma que não tem a força das outras : a comida; estomago faminto sempre se arranja bem ou mal, com fartura ou penuria, com indigestão ou jejum.

Mas a casa !... Mas o amor !... Essas são as duas molas reaes da existencia humana, as duas necessidades terriveis da nossa vida. E' raro, rarissimo, que a fome seja origem de crimes ; ao passo que por causa da propriedade de terras ou de casas, e por causa do amor, os tribunaes nunca tem mãos a medir, quer estejam occupados em decidir as pendencias e os litigios entre proprietarios ou entre amantes, quer estejam occupados em processar os réos de assassina-
tos causados pelo delirio da posse material ou

da posse amorosa. O tecto e o beijo ! — eis ahi os dois inimigos da tranquillidade humana !

Já os trogloditas, os homens-chimpanzés, e os primeiros lapões, e os primeiros esquimós, e os primeiros celtas, eram governados exclusivamente por essas duas necessidades. Para o homem primitivo, comer era um problema de solução facil : a caça era abundante, era farta a pesca, — e havia, na face da terra inculta e no seio das aguas bravias, carne demais para ap-
placar a exigencia do mais valido estomago. Mas o tecto e a mulher ! O que o homem primitivo, como o homem de hoje, defendia e prezava acima de tudo era o seu lar : a casa e a companheira. A casa era uma rude grotta natural, ou uma caverna artificial cavada na rocha, ou uma construcção megalithica de penedos sobrepostos, ou uma cabana lacustre levantada á flor da agua sobre espeques de madeira tosca, ou um ninho aereo equilibrado no cimo de alta arvore frondosa : dentro dessa casa, vivia a Mulher, que devia ser nesse tempo uma grande macaca muito feia e muito cabelluda — mas que já era uma das preocupações maximas, um dos maiores cuidados, uma das paixões supremas do homem.

Ainda assim, a mulher era mais facil de arranjar do que a casa : para conquistar uma mulher, bastava ao homem barbaro aprisional-a no meio do bosque, subjugando e matando em poucos minutos o seu legitimo dono ; mas para construir uma casa, que luta e que labor ! Os machados cortavam mal, as madeiras eram duras, não havia pregos, nem serrotes, nem plainas, nem parafusos...

De modo que naquelle tempo (como ainda hoje) o amor era uma preocupação mais serio do que a comida ; e a casa era uma preocupação mais serio do que o amor...

O que ahi fica escripto não é divagação de chronista sem assumpto. E', sim, o commentario inicial de um assumpto grave, que está actualmente preocupando o Rio de Janeiro, e já fez correr sangue em Buenos Aires.

A' imitação do que se faz em Buenos Aires, tambem aqui se fundou uma " Liga dos Inquilinos ". Dada a rivalidade que sempre houve e sempre haverá entre as duas grandes cidades, seria absurdo que houvesse em uma dellas alguma cousa que não existisse na outra...

A' nossa «Liga», como á de Buenos Aires, não pertencem os inquilinos que pagam seiscientos, seicentos, oitocentos mil réis mensaes pelos palacetes em que residem. Esses tambem são proprietarios e pertencem á classe feliz, que não conta o dinheiro que despende.

Os membros da «Liga» são os operarios, os pequenos empregados, os funcionarios de baixa categoria, muitos dos quaes ganham apenas cem mil réis por mez, e são obrigados a pagar cincoenta ou sessenta mil réis por um quarto sem luz, numa «avenida» infecta.

Não ha quem ignore que, com as demolições e reconstruccões que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira «crise de habitação». O numero de casas habitaveis diminuiu em geral, porque a reconstrucção é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notavel, o numero de casas modestas, destinadas á moradia da gente pobre, — porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia predios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e sumptuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietarios dos casebres e dos cochichólos que as picaretas demolidoras pouparam ? viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda,

e augmentaram o preço dos seus predios. E' uma crise completa e terrivel : ha poucas casas para os humildes, e essas mesmas poucas casas alugam-se por um preço que não é accessivel ao que possuem os poucos favorecidos de fortuna, os que apenas podem ganhar ordenado exiguo ou minguido salario.

Tudo isso justifica a fundação da Liga dos Inquilinos. Unem-se os inquilinos infelizes contra os proprietarios crueis. Nada mais justo. Todos os fracos recorrem a esse meio de defesa, que é o unico efficaç : a união das suas fraquezas, constituindo uma força respeitavel. A gritaria de cem ou de mil opprimidos sempre é mais facilmente escutada do que o grito de um só...

Em Buenos Aires, por causa da Liga dos Inquilinos já correu sangue. Os moradores collegados declararam que não pagariam os alugueis dos seus pardieiros e mansardas, emquanto no preço desses alugueis não fosse feita a reducção de uns tantos por cento. A essa imposição os proprietarios responderam com estas duas armas terriveis, que a lei implacavel dá aos ricos contra os pobres : o mandado de despejo e a penhora. Os inquilinos resistiram ; a força publica, que, sendo por si mesma uma Oppressão organizada, sempre intervém em favor dos oppressores contra os opprimidos, — veio postar-se, com as suas carabinas embaladas, ao lado dos officiaes de justiça, encarregados de fazer cumprir a Lei ; houve assuadas, pedradas, liros, — e um operario cahiu, baleado e morto.

No dia seguinte disseram-nos os telegrammas que toda a cidade platina ficou consternada, assistindo ao prestito immenso, que levou ao cemiterio o corpo do infeliz. Quatro mil operarios acompanharam á cova o cadaver. A multidão, contristada enchia as ruas, descobrindo-se á passagem do feretro. E algumas mulheres, vociferando á frente da tragica procissão, levavam bandeiras vermelhas, envoltas em crépe. Parecia uma scena do drama da communa, em Paris, em 1871...

No Rio de Janeiro, ainda o protesto não foi levado a tal extremo, e a situação ainda não se revestiu de tamanha gravidade. Disseram ha dias os jornaes que a nossa «Liga dos Inquilinos» resolvera iniciar a sua acção por meio de conferencias publicas. . .

Tudo aqui se resolve actualmente, por meio de conferencias e de cinematographos. São esses,

Ainda assim, a mulher era mais fácil de arranjar do que a casa: para conquistar uma mulher, bastava ao homem barbaro aprisional-a no meio do bosque, subjugando e matando em poucos minutos o seu legítimo dono; mas para construir uma casa, que luta e que labor! Os machados cortavam mal, as madeiras eram duras, não havia pregos, nem serrotes, nem plainas, nem parafusos...

De modo que naquelle tempo (como ainda hoje) o amor era uma preocupação mais seria do que a comida; e a casa era uma preocupação mais seria do que o amor...

O que ahí fica escripto não é divagação de chronista sem assumpto. É, sim, o commentario inicial de um assumpto grave, que está actualmente preocupando o Rio de Janeiro, e já fez correr sangue em Buenos Aires.

A imitação do que se faz em Buenos Aires, também aqui se fundou uma "Liga dos Inquilinos". Dada a rivalidade que sempre houve e sempre haverá entre as duas grandes cidades, seria absurdo que houvesse em uma dellas alguma cousa que não existisse na outra...

A nossa «Liga», como a de Buenos Aires, não pertencem os inquilinos que pagam seiscientos, seicentos, oitocentos mil réis mensaes pelos palacetes em que residem. Esses também são proprietarios e pertencem á classe feliz, que não conta o dinheiro que despende.

Os membros da «Liga» são os operarios, os pequenos empregados, os funcionarios de baixa categoria, muitos dos quaes ganham apenas cem mil réis por mez, e são obrigados a pagar cincoenta ou sessenta mil réis por um quarto sem luz, numa «avenida» infecta.

Não ha quem ignore que, com as demolições e reconstrucções que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira «crise de habitação». O numero de casas habitaveis diminuiu em geral, porque a reconstrucção é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notavel, o numero de casas modestas, destinadas á moradia da gente pobre, — porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia predios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e sumptuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietarios dos casebres e dos cochichólos que as picarelas demolidoras poupavam? viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda,

e augmentaram o preço dos seus predios. É uma crise completa e terrivel: ha poucas casas para os humildes, e essas mesmas poucas casas alugam-se por um preço que não é acessivel ao que possuem os poucos favorecidos de fortuna, os que apenas podem ganhar ordenado exiguo ou minguado salario.

Tudo isso justifica a fundação da Liga dos Inquilinos. Unem-se os inquilinos infelizes contra os proprietarios crueis. Nada mais justo. Todos os fracos recorrem a esse meio de defesa, que é o unico efficaç: a união das suas fraquezas, constituindo uma força respeitavel. A gritaria de cem ou de mil oprimidos sempre é mais facilmente escutada do que o grito de um só...

Em Buenos Aires, por causa da Liga dos Inquilinos já correu sangue. Os moradores coligados declararam que não pagariam os alugueis dos seus pardieiros e mansardas, emquanto no preço desses alugueis não fosse feita a redução de uns tantos por cento. A essa imposição os proprietarios responderam com estas duas armas terriveis, que a lei implacavel dá aos ricos contra os pobres: o mandado de despejo e a penhora. Os inquilinos resistiram; a força publica, que, sendo por si mesma uma Oppressão organizada, sempre intervém em favor dos oppressores contra os oprimidos, — veio postar-se, com as suas carabinas embaladas, ao lado dos officiaes de justiça, encarregados de fazer cumprir a Lei; houve assuadas, pedradas, liros, — e um operario cahiu, baleado e morto.

No dia seguinte disseram-nos os telegrammas que toda a cidade platina ficou consternada, assistindo ao prestito immenso, que levou ao cemiterio o corpo do infeliz. Quatro mil operarios acompanharam á cova o cadaver. A multidão, contristada enchia as ruas, descobrindo-se á passagem do feretro. E algumas mulheres, vociferando á frente da tragica procissão, levavam bandeiras vermelhas, envoltas em crépe. Parecia uma scena do drama da communa, em Paris, em 1871...

No Rio de Janeiro, ainda o protesto não foi levado a tal extremo, e a situação ainda não se revestiu de tamanha gravidade. Disseram ha dias os jornaes que a nossa «Liga dos Inquilinos» resolvera iniciar a sua acção por meio de conferencias publicas. . .

Tudo aqui se resolve actualmente, por meio de conferencias e de cinematographos. São esses,

Pela natureza do minério, e pelos aspectos da exploração, e do mesmo sitio em que esta se faz, é talvez mais interessante a Mina do Morro Velho.

A despeito da ordem chronologica, e chographica, principiamos, pois, por ella.

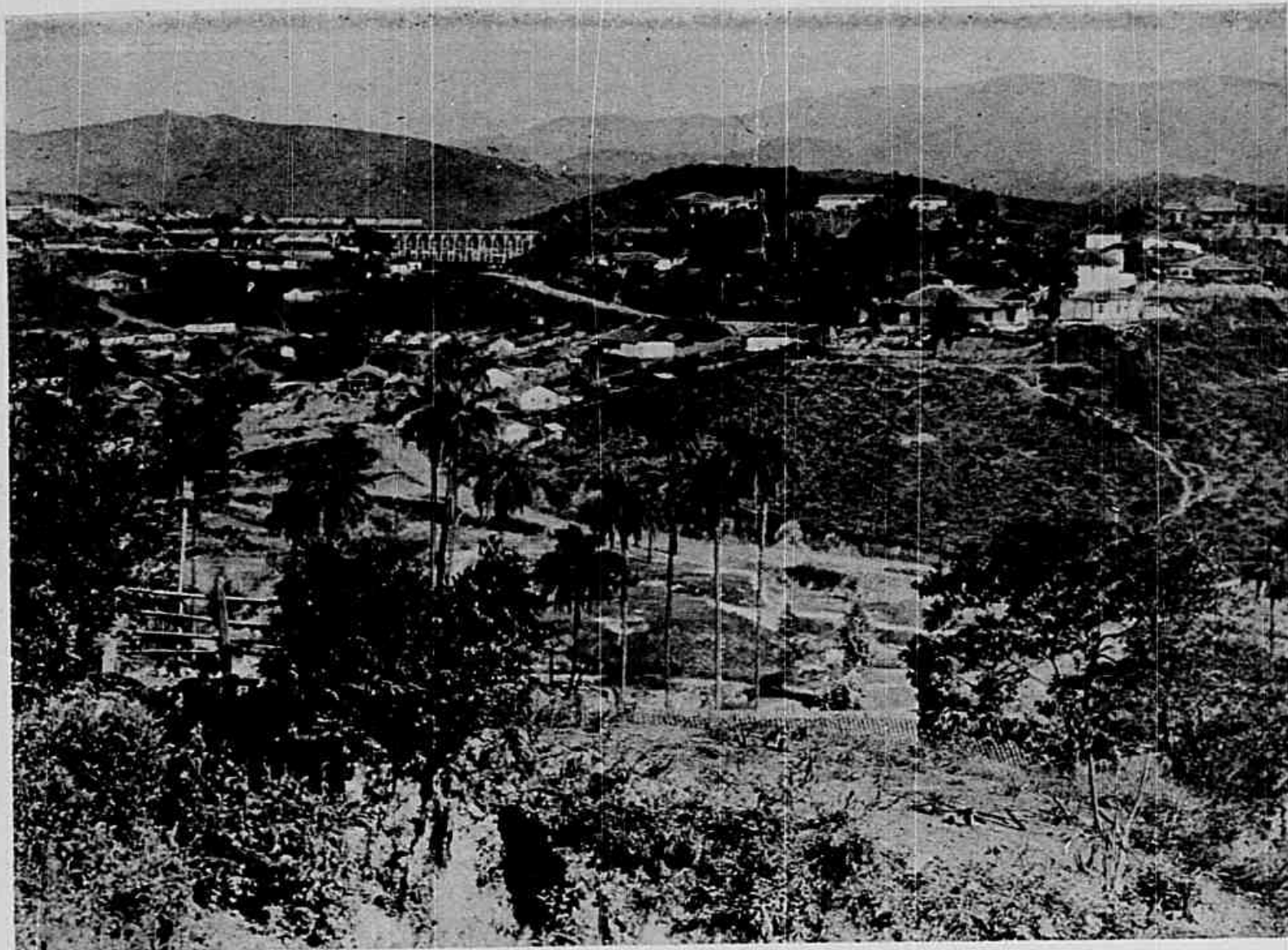
Fica esta mina de ouro, uma das mais antigas e mais celebres do Brazil, nas proximidades de Congonhas de Sabará, hoje Villa Nova de Lima, no municipio de S. João d'El-Rey, donde vem á companhia ingleza que a explora o seu titulo de *S. John d'El-Rey Mining Company*. Por esta são regularmente exploradas as minas do Morro Velho desde 1834, com phases successivas de prosperidade ou menor resultado. Hoje a exploração está em pleno desenvolvimento e, cremos, successo. E' feita já a mais de 1500 metros de profundidade numa rede de galerias bastante amplas, sufficientemente arejadas, artificialmente illuminadas a luz electrica numa estenção de alguns kilometros. Desce-se a ellas por elevadores e nas ultimas em grandes caçambas de ferro que se ainda deixam a desejar como commodidade parecem offerer toda a segurança, o que é o essencial. Nas mais profundas dessas galerias, onde o ar começa a ser mais escasso, e a imaginação nos faz soffrer do peso de mais de mil metros de rocha sobre as nossas cabeças, cavam-se ainda novos poços, donde vimos sair, á meia luz daquellas cavernas, imperfeitamente illuminadas por poucos focos electricos, como numa visão dantesca de Gustavo Doré, homens inteiramente nus, literalmente cobertos da lama negra dos poços em perfuração. Mais adiante outros brocavam o granito com instrumentos movidos a ar comprimido, ou agachados sob as abobadas mal abertas as iam levantando a golpes de picareta, no meio de um barulho infernal das possantes maquinas que ali nas entranhas da terra, distribuem luz, ar, força

necessarias aquelle duro labor de cyclopes. Tudo isto numa temperatura de 38 ou 39 graus centigrados, e sob a indizível impressão de que um accidente sempre possivel, o surgir inopinado de um veio d'agua, um explosão de gazes, vos pode sepultar, em transes horriveis de um desespero sobrehumano, a kilometro e meio de superficie do solo, sob milhões de metros cubicos de granito.

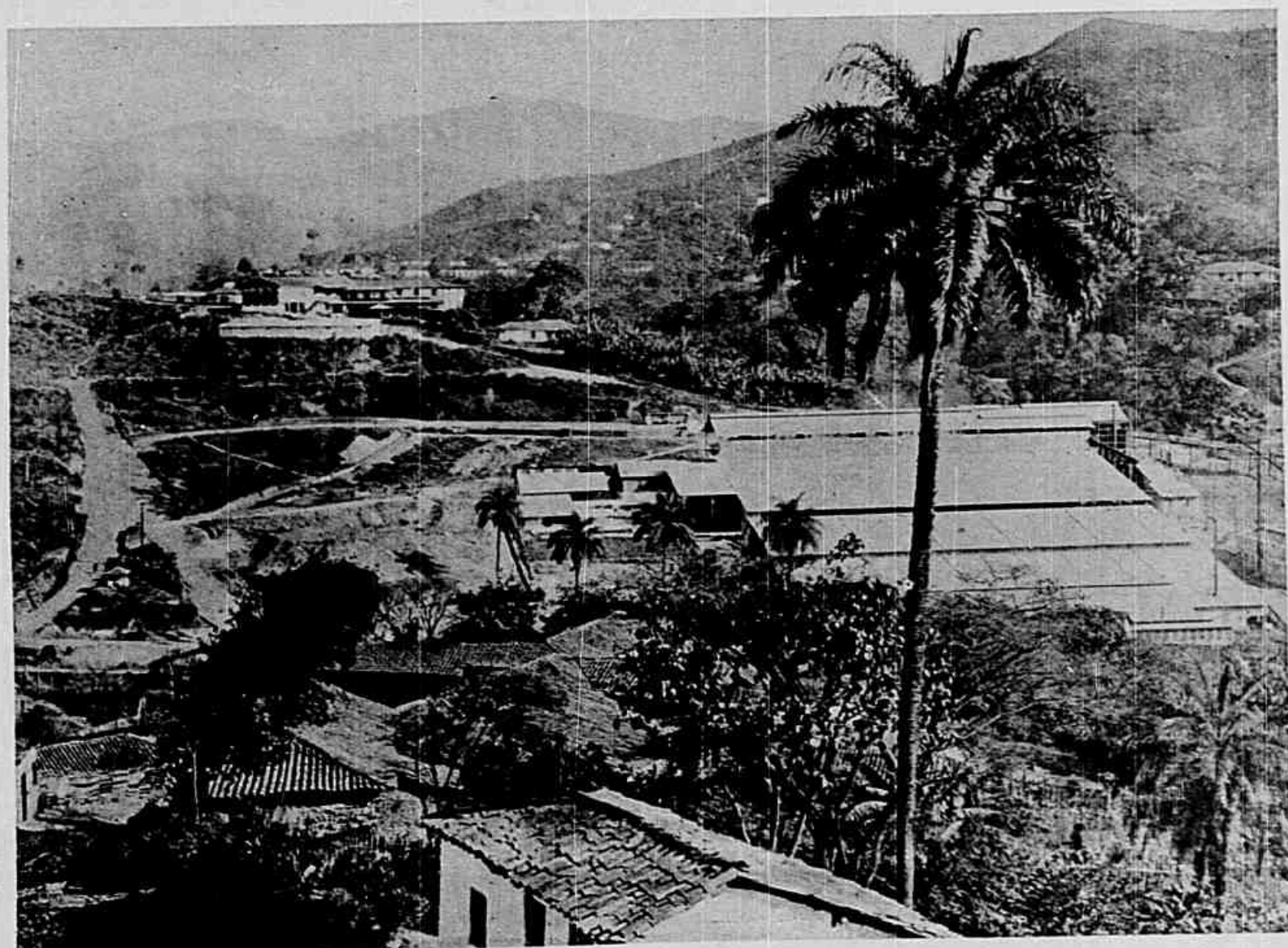


GUILHERME FERRERO

Em cima, sobre a mina, estendem-se os edificios, as officinas, as usinas da mineração após o trabalho da extracção em baixo. O seu material é de 120 pilões californianos, cujo socar põe em roda um estranho e constante ruido ensurdecedor. Ha ainda appparelhos para o minério e pessoal, bombas, perfuradores, com-



1.^a SECÇÃO DA VISTA GERAL DE MORRO VELHO

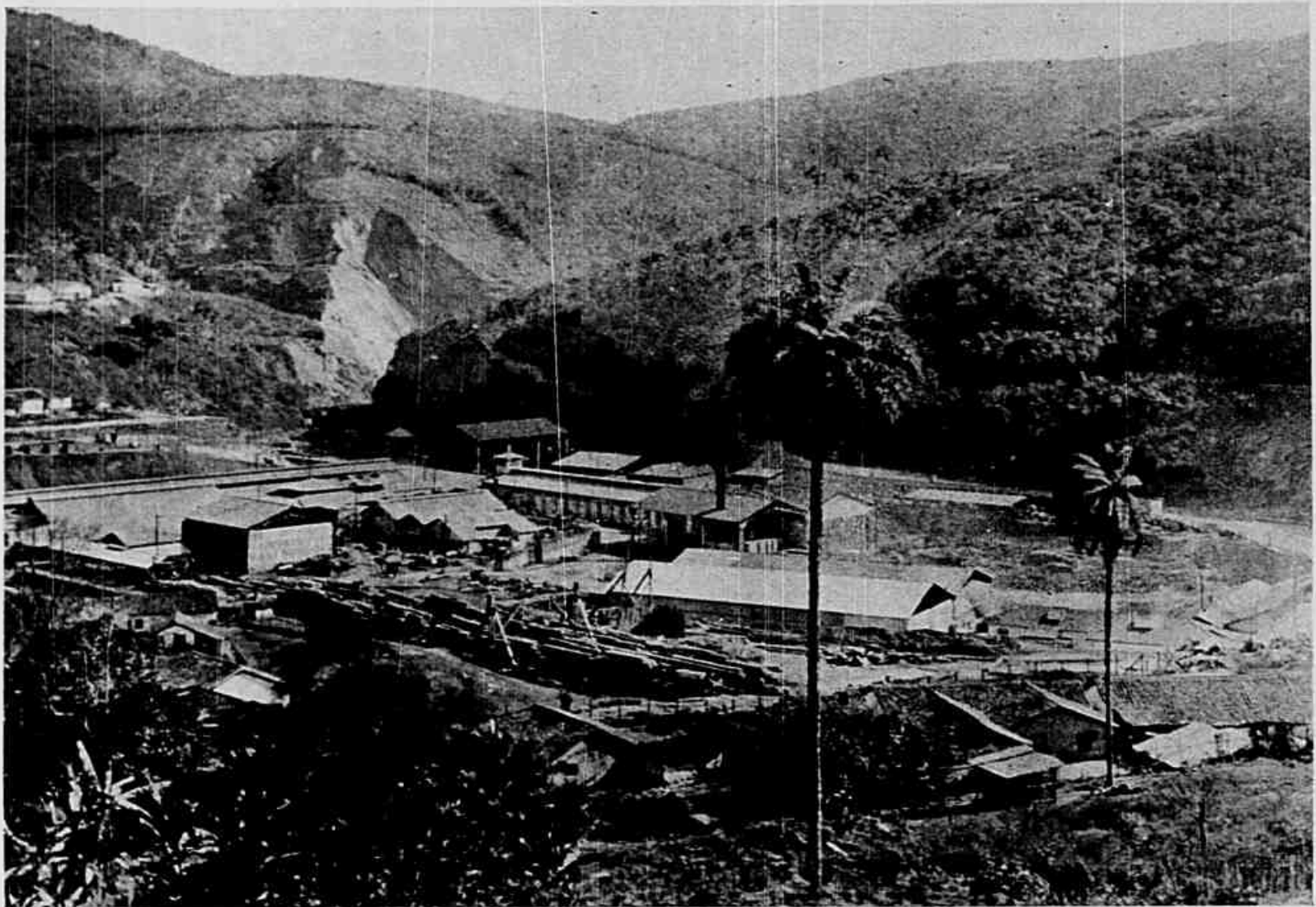


2.^a SECÇÃO DA VISTA GERAL DE MORRO VELHO

pressores de ar, movido tudo a força hydraulica hydro-electrica e a vapor. Nas galerias subterraneas o minerio ou antes a pedra quebrada que o encerra é conduzido em vagonetes de ferro rodando sobre trilhos, puchados por muarres, que uma vez descidos aquellas profundezas nunca mais vêem a luz do dia. Nos seus primeiros 52 annos de existencia (ella tem 72) esta mina do Morro Velho produziu 58,314 kilogrammas de ouro no valor de 5,125,000 libras sterlinas, e nos ultimos cinco annos, de 1901 a 1905, 13,304,042 grammas, no valor de 1,419,051 libras sterlinas. E no emtanto por cada tonelada de pedra extrahida não dá senão

medicos inglezes. Como a invejavel e largamente hospitaleira residencia do Director, o amavel Sr. Chalmers, é esta casa de saude, cercada de um parque e jardins admiravelmente cuidados, onde naquelle momento havia uma luxuriosa profusão de flores, de soberbas rosas sobretudo.

Da estação de Honorio Bicalho a Morro Velho é uma hora a cavallo, que nós fizemos ao chouto incommodo de burros e bestas. Salvo no valle do fundo do qual surge Villa Nova de Lima, antiga Congonhas do Campo ou Morro Velho, este trecho do sertão não tem nenhuma belleza particular. Mas vista dos altos que a



3.ª SECÇÃO DA VISTA GERAL DE MORRO VELHO

18,300 grammas de minerio de ouro. Trabalham nella pouco mais de 2 mil operarios, na sua maioria nacionaes. Chefes, mestres e contra-mestres são todos inglezes.

A Companhia mantem não longe da confortabilissima casa do Director, um hospital para os seus operarios e suas familias. Optimamente collocado sobre uma collina, num edificio de um só pavimento todo avarandado, este hospital pode ser modelo no seu genero, tal é a excellencia da sua installação e abastança de seus recursos. Dirigem-no dous

rodeiam aquella aldeia tem um singular encanto, e o atravéssal-a, pelas suas ruas estreitas, ladeirasas e empredadas de matacões roliços, marginadas de velhas e miseraveis casas baixas, feias, de villa colonial, vos traz não sei que sentimento de melancolia. E' o velho Brazil sertanejo, que ainda se demora em desaparecer mas que está evidentemente por pouco.

JOSÉ VERISSIMO.

(Continúa)

A questão do ensino⁽¹⁾

V

Do que dissemos nos capitulos anteriores, vê-se que as condições fundamentaes da reforma actual do ensino publico se reduzem a tres:

1ª Abolição dos privilegios de diplomas escolasticos ou academicos;

2ª Reducção da competencia do Estado, em materia de ensino secundario e superior, ao simples papel de auxiliar da iniciativa privada;

3ª Manutenção integral do ensino primario official não obrigatorio.

As duas ultimas condições implicam a organização pelo Governo de estabelecimentos de instrucção primaria, secundaria e superior — a escola, o collegio e a academia.

Na impossibilidade constitucional de eliminar os institutos das duas ultimas categorias, como ensina a politica scientifica, como pensam escriptores illustres de escolas philosophicas diversas, convem organisal-os de modo que se limitem a fornecer a *todos* os cidadãos que o quizerem, *tudo* que, mais ou menos, é *unanimente* reconhecido como util e necessario á vida domestica e civica. E' preciso que a instrucção do Estado não se torne o privilegio de alguns mas a propriedade de todos. E' preciso que ella abandone quanto possivel divagaçãoe theoricas, doutrinas discutiveis, para ministrar sómente os principios basicos, necessarios ás profissões de cada cidadão e á sua conducta privada e publica.

No meio da miseria proletaria, para que a instrucção possa estender-se a todos, é urgente, primeiro que tudo, collocar as familias numa situação material compativel com o lazer das mães e dos filhos menores, de modo que, ambos livres dos trabalhos exteriores, possam dar e receber a educação domestica e civica indispensaveis. Não basta tambem crear escolas e nomear professores, é preciso que os alumnos tenham tempo necessario para frequental-as com proveito, sem que seus pais necessitem distrahil-os com outras occupações além do estudo.

Afim de que esta situação se torne uma realidade, são imprescindiveis as seguintes providencias, já aconselhadas ao poder civil, desde 1882, ha 25 annos, pelo eminente e devotado apostolo do Positivismo, Raymundo Teixeira Mendes:

«1ª Conceder aos proletarios, que estão ao serviço do Estado, o salario minimo capaz de permittir-lhes a manutenção da familia, de sorte

que a mulher, os avós e os filhos até 14 annos, não careçam de trabalhar exteriormente. Para isto o governo deverá fixar o minimo para a existencia do casal e ajuntar a este minimo quotas correspondentes aos membros que lhe estiverem annexos.

«A este minimo de salario *que deve ser o mesmo para todos*, juntar-se-ha uma gratificação proporcional á importancia social do serviço prestado.

«2ª Manter o salario minimo em caso de molestia ou invalidez; e, por morte do proletario, mantel-o á familia desde que não deixar filhos maiores de 21 annos. (TEIXEIRA MENDES *A Universidade*, 1ª ed, 1882, pag. 27)

Além disso, visto que não ha uma fé unanime, uma doutrina que todos acceitam, o ensino integral, como foi systematiado theologicamente pelos collegios sacerdotaes e metaphysicamente pelas universidades, é hoje impossivel, redundando, si tentarem impôl-o, na protecção immoral e irracional de certos principios, de theorias apenas abraçadas e defendidas por um dos muitos grupos espirituaes em que se divide a opinião publica. Portanto, ao Estado compete apenas o ensino parcial, a instrucção destinada ao conhecimento e á pratica dos deveres politicos, num regimen em que a função do Governo é só manter a ordem material. A cada cidadão o Estado deve ministrar apenas os conhecimentos necessarios para saber das leis constituicionaes do paiz, que todos devemos cumprir por bem ou por mal, e ainda as noções uteis á sociedade, por todos reconhecidas como taes, apezar da divergencia de opiniões a respeito da aprendizagem de cada uma dellas.

Estes conhecimentos, assim comprehendidos, limitam os tres grãos do ensino classico, dando-lhes um caracter puramente pratico, salvo os principios theoricos absolutamente indispensaveis.

Conservando a triplice denominação, afim de não romper de todo com os habitos adquiridos, vejamos a que se devem reduzir o ensino primario, o secundario e o superior, os quaes se podem, comtudo, classificar em dous grãos apenas:

1º *O ensino geral*, abrangendo dous cyclos constituídos pelo *ensino fundamental* ou *primario* e o *ensino preparatorio* ou *secundario*;

2º *O ensino especial, final* ou *profissional*, que comprehende o chamado *ensino superior* e o *technico* ou *profissional* propriamente dito.

VI

ENSINO PRIMARIO.— Admittido que a creança no seio da familia, ou nos asylos de infancia desvalida, tenha recebido a educação peculiar á puericia, á primeira infancia, até aos sete

(1) Vide *Kosmos*, Anno IV, n. 7, Julho de 1907.

annos, o papel da escola primaria é fornecer a instrucção rudimentar indispensavel ao conhecimento dos deveres politicos, especificados nas leis, e necessaria á acquisição dos estudos secundarios e superiores, que, por si mesmo ou com auxilio de mestres, pretenda conseguir mais tarde, afim de exercer um officio, ou uma profissão liberal.

O ensino primario deve, pois, ficar reduzido preliminarmente ás tres disciplinas fundamentaes: leitura, escripta e contabilidade, completadas pelos dous appendices da escripta e da leitura—desenho e canto.

Com estes cinco instrumentos de cultura, o espirito da creança torna-se apto a adquirir com o tempo, pela experiencia da vida e pelas boas leituras, todos os conhecimentos, theoricos e praticos.

Pela leitura e escripta, obtem as noções descriptivas do mundo e do homem, no espaço e no tempo, aprende assim a geographia, a historia, a poesia e as linguas. Pela contabilidade, fica sabendo as concepções numericas applicaveis á vida social, e pela aprendizagem de uma das operações fundamentaes, pela divisão, habilita-se para o estudo de todas as theorias mathematicas e scientificas. Condorcet e Aug. Comte o disseram. «Esta regra (a divisão), diz Condorcet, bastante complicada, é um dos primeiros pontos em que a experiencia tem provado que se faz uma especie de separação dos espiritos. Muitos homens, até nas profissões em que o calculo é necessario, se acham detidos neste termo. (CONDORCET—*Moyens d'apprendre à compter sûrement et avec facilité*, Observations, *qème leçon*). «Todos os observadores didaticos, escreve Aug. Comte, confirmaram especialmente a judiciosa nota de meu pai espirital (Condorcet), que, sem nunca ter ensinado, foi conduzido philosophicamente a representar esse passo (o estudo da divisão) como suscitando uma selecção decisiva entre os diversos espiritos. Póde-se assegurar que todo aquelle que passou dignamente por essa prova é verdadeiramente capaz de bem cumprir a iniciação mathematica, e até todo o noviciado encyclopedico.» (AUGUSTE COMTE. — *Synthese subjective*, chap. 1, pag. 146.

Pelo desenho, a creança cultiva a aptidão especial ao estudo das artes plasticas, chamadas, por isso mesmo, artes do desenho, e desenvolve a habilidade pratica no exercicio de trabalhos manuaes, ligados tambem ás artes da fórma. Pelo canto, possui o estudo preparatorio de toda a musica vocal e instrumental.

O ensino primario encerra assim o germen de todos os conhecimentos. E' o esboço da cultura integral do espirito.

A tal ensino é que se devia limitar hoje a função docente do Estado para auxiliar e supprir a insufficiencia pedagogica da familia.

Entre nós, é elle mesmo o unico de que depende o exercicio da função politica. O art. 70 da Constituição da Republica estabelece claramente que todos os cidadãos maiores de 21 annos são alistaveis como eleitores, e elegiveis, desde que não sejam mendigos, praças de pret (exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior) monges e *analphabetos*. De modo que para ser deputado ou senador ou presidente da Republica, exercer as mais elevadas funções politicas, inclusive a de legislar sobre o ensino secundario e superior, fazer leis sobre a instrucção dos medicos, dos juristas e engenheiros, dos militares e industriaes, basta apenas saber ler e escrever, não ser analphabeto. Isto mostra que o principio republicano, que presidiu á elaboraçáo do nosso codigo politico, foi, por um lado, o da plena liberdade profissional, pois não se comprehende a exigencia de um diploma para exercer a medicina, a jurisprudencia ou a engenharia, quando para legislar sobre o ensino dessas profissões basta a cultura primaria, basta não ser analphabeto; por outro lado, o da tendencia para a abolição do ensino superior e secundario, quando se exige apenas o ensino primario para exercer cargos politicos.

ENSINO SECUNDARIO.—E' o complemento do ensino primario. Estende os conhecimentos preliminares da leitura, escripta, desenho e canto, ás artes correspondentes, poesia, musica, pintura, esculptura e architectura, e tambem ás linguas, que se classificam philosophicamente ao lado das bellas artes, como sendo umas e outras, modos diversos da linguagem humana. O estudo das linguas deve comprehender principalmente a vernacula e a franceza, seguidas da italiana, hespanhola, ingleza e allemã, e completadas pelo latim e grego.

Partindo do calculo inicial, da contabilidade primaria, o ensino secundario abrange neste ponto o conjuncto mathematico e todos os outros dominios theoricos; comprehende assim, o que vulgarmente se chama as sciencias mathematicas, as sciencias physicas e naturaes e as sciencias moraes e politicas, e systematicamente, segundo Augusto Comte, Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia, Sociologia e Moral.

Neste ensino, o Estado, na impossibilidade real e constitucional de adoptar uma theoria unanimemente acceita—que apenas existe quanto ás noções inferiores, e ainda assim só relativamente á doutrina e não ao methodo—tem forçosamente de amalgamar todas as theorias. E este mal, que só se pode sanar definitivamente eliminando o Estado-Professor, é que convem attenuar, reduzindo o ensino secundario ao que é restrictamente util e necessario aos trabalhos industriaes e á conducta dos cidadãos.

Assim, o ensino das linguas, salvo o grego

e o latim, deve consistir na pratica de falar e escrever correctamente cada idioma, abandonadas as preocupações adiaveis ou inuteis de erudição philologica. A aprendizagem das artes plasticas e litterarias, na leitura e meditação das obras primas da poesia; na observação e imitação dos modelos celebres, e na composição de trabalhos poeticos e plasticos, tendo um fim social e moral, desprezada toda a cultura de arte pela arte, como perniciosa aos verdadeiros talentos, nociva ao bem publico, e protectora das mediocridades, que procuram explorar a desorganisação geral dos costumes modernos. O estudo scientifico, na aquisição das theorias immediatamente utilisaveis na vida pratica. Ellas comprehenderão em moral e politica, onde ha as mais contradictorias e variadas opiniões, a somma de conhecimentos geraes, reconhecidos pela sabedoria universal. Estudar-se-á, por exemplo, a estrutura e o desenvolvimento da sociedade, apreciando a propriedade, a familia, a linguagem, o sacerdocio e o governo, mas subordinando, quanto possivel, tal estudo ao que já foi incorporado á legislação e aos costumes patrios e occidentaes. Instituir-se-á a apreciação da natureza humana e o seu aperfeiçoamento, expondo as noções universaes sobre o sentimento, o espirito e o caracter do homem, o estudo dos costumes privados e publicos, as aquisições moraes que já são patrimonio definitivo da maioria social, especialmente da parte mais pura e mais terna, que é constituida pela mulher, sob o triplice aspecto de mãe, esposa e filha. Invocando Deus ou a Natureza ou a Humanidade, em nome da theologia, da metaphysica ou da sciencia, proclamam-se os mandamentos sociaes e moraes que quasi todos espontaneamente acceitam; ministram-se noções mais ou menos unanimes de sociologia e moral, das chamadas sciencias moraes e politicas, embora empregando methodos diversos, de accordo com as crenças de cada mestre.

Convém, todavia, evitar que os professores officiaes ensinem aos alumnos doutrinas exclusivamente peculiares á Fé que adoptam. Certo é difficil, senão impossivel, conseguil-o, mas é preciso mesmo que se tente fazel-o, e do insuccesso resultante tirar mais um argumento em prol da completa abstenção do Estado em materia de ensino.

Só assim evitar-se-á realmente a immoralidade, que resulta do Estado, a custa do imposto, pago por todos, subvencionar doutrinas que todos não acceitam, nem mesmo os theoristas, a classe docente. No ensino sociologico e moral a immoralidade é flagrante. O Estado se propõe a ensinar estas duas disciplinas, mas, como são ellas diversamente concebidas, como ha uma moral e uma sociologia scientificas, segundo Augusto Comte, outras mais ou

menos metaphysicas segundo Herbert Spencer, Nietzsche, Fouillée, etc., sem falar nos principios sociaes e moraes inspirados no theologismo, o Estado tem de proteger, de adoptar uma, muitas ou todas, privilegiando, no primeiro caso, doutrina que não é a de todos, e, no segundo, fornecendo, sob o mesmo titulo, o ensino mais contradictorio e incoherente.

Até nos dominios inferiores do saber, não ha uniformidade, já quanto ao methodo, já quanto á propria doutrina. As chamadas *geometrias não euclidianas* de Lobatchewsky e de Riemann ahi estão para proval-o. A geometria está invadida tambem pela desordem mental da época.

Essa desordem irá mais longe ainda como Augusto Comte predisse. «Levar-se-á a loucura occidental, escreveu elle em 1854, ao ponto de contestar a arithmetica sem exceptuar talvez o theorema de D. João». (2) (AUGUSTE COMTE. — *Correspondance inédite*, t. I., VII lettre (à E. Deullin, pag. 37).

Nestas condições, não ha hermeneutica racional e moral que possa advogar a manutenção do ensino scientifico, ministrado pelo Estado.

ENSINO SUPERIOR. — E' o ensino profissional, que se póde classificar em dous typos — o das profissões intellectuaes e moraes, chamadas profissões liberaes, e o das profissões industriaes. Aquelle comprehende o ensino medico, a que se juntam ordinariamente o pharmaceutico, odontologico e obstetrico; e o ensino juridico. O ensino industrial abrange as differentes especies de engenharia. Os dous primeiros representam applicações immediatas das sciencias moraes e politicas, e o ultimo das sciencias mathematicas, physicas e naturaes.

Occupando-se com taes ensinos, o Estado deve abolir o luxo dos programmas theoricos, reduzindo-os ao essencial para a pratica correspondente, de modo a formar não *doutores em sciencias medico-cirurgicas, bachareis em sciencias juridicas e sociaes, bachareis em sciencias physicas e naturaes*, mas simplesmente — *clínicos, cirurgiões, pharmaceuticos, dentistas, parteiros, legistas e engenheiros*.

Neste sentido devem ser distribuidas as materias de ensino.

Para tornarmos bem claras e precisas as nossas idéas, esboçamos o conjuncto de materias que nos parecem indispensaveis a cada um dos principaes cursos, salvo as ommissões que os dignos praticos, os profissionaes competentes, saberão criteriosamente supprir.

O ensino medico tendo por fim tornar conhecidos os meios de restabelecer o equilibrio

(2) Alludindo a uma passagem do *D. Juan* de Molière. (Acto 3o, sc. 1) Aug. Comte assim denominou a formula popular da certeza: *dois e dois são quatro*.



perdido pelo mais complicado dos organismos conhecidos, é evidente que deve abranger especialmente o estudo physico, intellectual e moral do homem, quer no estado hygido, quer no estado morbido. Comprehende assim theorias biologicas, sociologicas e moraes. Estas, principalmente as duas ultimas, estando ainda em discussão entre os theoristas, não havendo a respeito uma doutrina uniforme, é logico que não pode haver tambem um ensino medico unanimemente acceito. O dever do Estado é, pois, limitar o mais possivel a cultura medica á clinica propriamente dita, a ella subordinando o estudo das theorias imprescindiveis ao seu exercicio. O ensino medico consistirá portanto em noções essenciaes de biologia, sociologia e moral, applicadas á pathologia, therapeutica e clinica, que constituem propriamente a medicina.

O chamado estudo de direito envolve tambem theorias sociaes e moraes que não adquiriram a unanimidade das opiniões; o ensino juridico, mantido pelo Estado, deve, por conseguinte, reduzir-se ao da legislação nacional e estrangeira, além das generalidades theoricas absolutamente indispensaveis. O legislador não tem que discutir theorias juridicas mas applicar as leis relativas aos factos constitucionaes, civis, commerciaes, criminaes, administrativos e internacionaes. O ensino juridico official será assim principalmente composto da legislação constitucional, civil commercial, criminal e administrativa do paiz, completada pelas correspondentes das principaes nações do mundo antigo e moderno, e pelo estudo dos tratados, que formam uma especie de legislação internacional.

Em ambos esses casos, reduzidos ao que ha de fundamental em cada um, os alumnos se acham convenientemente preparados para desenvolverem e aperfeiçoarem por si mesmo a aptidão professional, já pelo exercicio da profissão, já por meio da leitura e meditação dos mestres da medicina e do direito.

A engenharia, cujo objectivo é a modificação racional do meio cosmico e vital, abraça varias modalidades, conforme se trata da acção scientifica exercida sobre os phenomenos mathematicos, astronomicos, physicos, chimicos, vegetaes ou animaes.

Estudadas em cada caso as theorias immediatamente utilisaveis na pratica correspondente, o ensino de engenharia consiste essencialmente no estudo das artes mathematicas, como a topographia e a mecanica applicada, das artes astronomicas, como a navegação, das artes physicas como a hydraulica, das artes chimicas, como a metallurgia, das artes biologicas, como a agronomia e a zootecnia.

E' neste ensino que se acha incluída a instrucção militar, dada nas escolas do exercito e da marinha e a aprendizagem dos diversos officios.

VII

Organizado o programma do ensino resta saber como deve ser executado.

Ordinariamente diversos professores ensinam os mesmos alumnos, de modo que a instrucção final resente-se de uma serie de so luções de continuidade, tanto mais damnosas ao espirito do estudante quanto se sabem as profundas divergencias que caracterizam os theoristas docentes.

Recebendo de varios mestres o ensino de varias disciplinas, estas são necessariamente, cultivadas de maneira dispersiva, sem uma subordinação uniforme ao fim pratico do curso correspondente.

Assim, a primeira reforma a fazer depois da distribuição do ensino é a do modo de ministrá-lo. Este reduz-se á regra inversa da que se tem adoptado até hoje. Em vez de haver *um* professor de cada materia para ensinar *todos* os alumnos, haverá *muitos* professores de *todas* as materias para ensinarem a *mesma* turma de alumnos.

Esta regra devêra ser observada em cada um dos grãos do ensino. Entretanto, na impossibilidade de fazel-o, deve ser estabelecida principalmente para o ensino superior ou professional, e para o primario, onde, aliás, já é mais ou menos seguida.

Pelo novo regimen, haverá tantos professores primarios quantos as turmas de alumnos que devem ser dirigidas desde a leitura inicial até o desenho e o canto. Quanto ao ensino secundario, haverá em cada instituto, tres grupos de professores, um de linguas, outro de artes e um terceiro de sciencias; cada um delles ensinará uma mesma turma, successivamente as linguas, as artes e as sciencias. Quanto ao ensino superior, haverá em cada academia tantos professores quantos os necessarios para ensinarem separadamente diversas turmas de alumnos. Assim, o mesmo clinico dirigirá o ensino medico de uma mesma turma de alumnos; o mesmo legista, o ensino juridico; o mesmo engenheiro, o ensino industrial.

Esta regra da unidade de ensino quer quanto ás materias quer quanto aos professores exclue immediatamente os mestres incompetentes, exigindo a cultura geral de cada um, aliada á pratica professional, e mantem a regularidade dos methodos para cada discipulo, que assim estuda sob uma direcção uniforme.

Outra reforma necessaria é a exigencia de um exame de admissão, para a matricula nos cursos superiores.

Este exame consistirá numa revisão geral dos conhecimentos primarios e secundarios, seguida de provas especiaes sobre as theorias immediatamente applicaveis ás profissões correspondentes.

Além disso, devem ser exhibidos documentos moraes, que sempre prevalecerão sobre as provas intellectuaes.

O exame de admissão tem a dupla vantagem de eliminar as naturezas incapazes e de assentar sobre solidos fundamentos moraes e mentaes, a cultura profissional das verdadeiras vocações.

Para concorrer ao exame de admissão não se exigem diplomas de aprovação nos cursos primarios e secundarios. A condição unica é a bôa conducta pessoal, domestica e civica.

Esta, uma vez satisfeita, o examinando por si mesmo, a custa da intelligencia e da instrucção propria, disputará a sua admissão numa escola superior.

A investidura do professorado é a ultima questão importante a resolver.

O corpo docente primario, secundario e superior, deve ser constituído mediante a livre concorrência de cidadãos no goso dos seus direitos civis e politicos, independentemente de quaesquer diplomas, exigindo-se apenas, como prova de capacidade, a pratica do magisterio correspondente em estabelecimentos particulares ou officiaes.

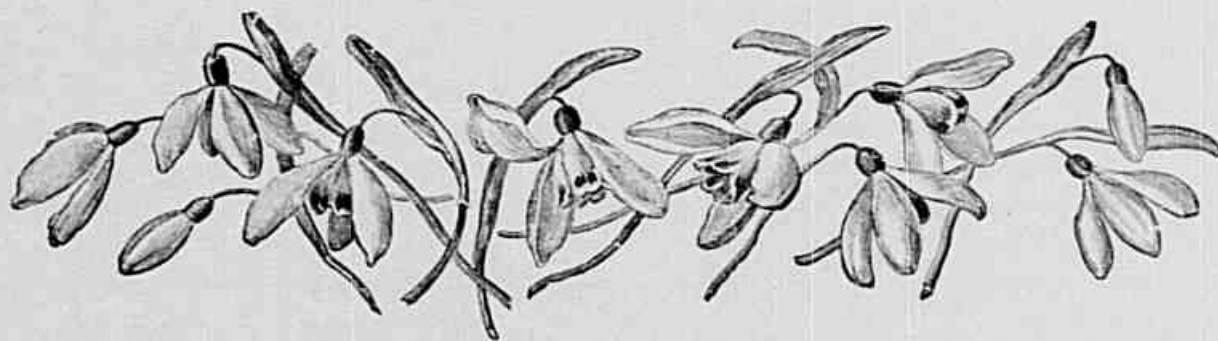
Por maiores que sejam os defeitos attribuidos ao regimen dos concursos para a investidura de professorado, é ainda o melhor, tanto mais quanto taes defeitos são devidos realmente, não ao processo em si, mas áquelles que o applicam. Eliminar o concurso,

substituindo o julgamento dos lentes pelo dos ministros, não é melhorar a situação, rectificando os abusos dos primeiros juizes. Em ambos os casos, os abusos persistem desde que assim o permita a incapacidade moral e mental tanto de lentes como de ministros; notando-se, porém, que no ultimo caso serão muito mais escandalosos, desde que não ha concorrência effectiva, manifestação publica e actual da capacidade dos candidatos. Além disso as congregações escolares officiaes, apesar de dependerem do Governo, de serem, queiram ou não queiram, um simples ramo da administração publica, uma repartição de Estado, têm comtudo, ou pelo menos presume-se que devem ter, mais autoridade e competência para julgarem a aptidão dos que aspiram ser os seus pares, do que um simples ministro de Estado.

Com estas medidas fundamentaes sobre a distribuição do ensino, a selecção dos alumnos e a escolha dos docentes, precedidas todas pela mais indispensavel das reformas—*a completa abolição dos privilegios escolasticos ou academicos, já formulada na Constituição da Republica*—fica o ensino official, tanto quanto possivel, melhorado, e reduzido ao simples papel de auxiliar da iniciativa privada, preambulo da sua extincção definitiva.

Rio, Setembro de 1907.

REIS CARVALHO





As festas dos Remedios

(Capítulo dum livro, em preparação. — AS FESTAS POPULARES MARANHENSES).



NÃO são pequenas as glórias de que se revestem as tradições da igreja e do culto de N. Sra. dos Remedios.

A história do Maranhão, principalmente da sua capital, tem uma parte integrante na festa dos Remedios, a mais popular e imponente das festividades religiosas deste porto do Norte do paiz.

De nomeada idêntica ás de Nazareth, do Senhor do Bomfim, das Neves e da Penha, no Pará, na Bahia, na Parahiba e no Rio de Janeiro, respectivamente, a pompa e o esplendor, aliados a um fausto e a uma grandeza não pequenos, de que se revestiu, outróra, a festa de N. Sra. dos Remedios, eram de proporções taes que ecoaram não sómente pelo Brazil mas ainda pelo exterior.

Não resta hoje a menor dúvida de que das festas que nos fôram trazidas pelo elemento colonial, foi esta, sem contestação, uma das que mais se arraigaram entre a crença popular em toda a sua plenitude.

A IGREJA E O CULTO OUTRÓRA

A historia da edificação e dos não pequenos sacrificios póstos em prática para as constantes ampliações do templo em que se venera a Santa de tão popular devoção, tem algo de importante e aqui passamos a rezumi-la:

Regista CÉZAR MARQUES (1) que, a 23 de Fevereiro de 1719, o síndico dos religiosos de Sam Francisco, João da Silva Cutrim, por escritura pública, passada pelo tabelião Manuel da Costa de Brito, declarou que «depois de haver acordado uniformemente com os ditos religiosos, cedia ao capitão Manuel Monteiro de Carvalho todo o territorio que se achasse roçado em a ponta a que chamaram do Romeu para a situação de uma ermida de Nossa Senhora dos Remedios, a qual dádiva fazia de seu motu proprio e sem constranjimento de pessoa alguma para a dita Senhora, fazendo-se a ermida, não para outra coisa alguma, e cazas para os romeiro e pessoas que pudésem assistir ao beneficio da dita ermida, e quando esta se não fizésse não teria este instrumento e data vigôr algum, e tendo ruina ou caíndo e não havendo outra pessoa que a levantásse, tornaria o territorio a passar ao dito convento de S. Francisco.»

(1) *Dicionário historico e geografico da provincia do Maranhão*, S. Luis, 1870.

Com efeito, a 8 de maio de 1719, o capitão Monteiro de Carvalho tomou posse de 50 braças, em quadra, julgadas bastante para a edificação do templo e o mais que na escritura constava.



IMAJEM DE N. S. DOS REMEDIOS

Iniciada a construção da capéla, depois das diligencias acima, o documento que se encontra é o em que, com data de 16 de setembro de 1719, o bispo d. frei José Delgarte confirma a nomeação de ermitão na pessoa de João Gonçalves, o qual «já havia um ano, servia de ermitão da ermida, que *de presente se estava fazendo*, de N. S. dos Remedios, por nomeação do sarjento-mór Manuel Monteiro de Carvalho, fundadôr e padroeiro della.»

Num dos antigos livros da Camara Eclesiástica, encontrou CÉZAR MARQUES um decreto pontificio, em latim, referente á capela, o qual foi traduzido pelo historiógrafo maranhense (2) a quem viemos seguindo, na sua narrativa, e é assim concebido:

«Eminentissimos e revms. srs. — Manuel Monteiro de Carvalho, da diocéze do Maranhão, nas Indias Ocidentaes, vem com toda a humildade expôr a vossas eminencias que, por cauza de edificar uma capela ou igreja em honra da Santissima Virgem dos Remedios, com sufficiente habitação e hospicio para uzo dos confrades, e oração da mêsma, os padres da ordem dos reformados, de S. Francisco, da cidade de

(2) *Op. cit.*

S. Luiz do Maranhão, e do respectivo sindico, cedêram uma certa porção de terra, com a condição, porém, de que pudêsse sortir seu efeito tão sómente em favôr da dita fundação e criação, como, de fato, o dito orador tratou de tomar a posse e levar a efeito a edificação com sentença de ordinario, como consta do instrumento de cessão, obtido aos 3 de fevereiro de 1719, e da posse tomada aos 8 de maio do mesmo ano; por isso, humildemente supplica a vossas eminencias pela confirmação dirêta *in-forma* por commissão ao Ordinario, etc. Deus, etc.

«A sagrada congregação dos eminentissimos e revems. cardeaes da Santa Igreja Romana, encarregada dos negocios e consulta dos bispos e regulares, benignamente cometêu ao Ordinario do lugar, pois que, sendo verdadeiro e existente o alegado, aprovo e confirmo a dita cessão, pela maneira como foi feita pelo sindico apostolico dos ditos relijiozos, com as condições, acima expressas, segundo seu arbitrio e consciencia. Roma, 8 de julho de 1725. (Assinado) Cardeal Paulutius. — Estava o sêlo, etc.»



CAPELA DOS REMEDIOS

A capêla durou algum tempo entre enorme matagal e sem habitação nas cercanias. Naquêla época, as edificações da cidade, além de rezumidas, se concentravam quase que exclusivamente na parte sul, nos bairros do Destêrro e de Santiago, de modo que os seus habitan-

tes ficavam mui distantes do santo lugar. Proximo a elles ficava a expressa mata denominada *Cova da onça*, hoje rua do Alecrim e adjacencias. Nesse sitio faziam pouzada os romeiros por ocasião da festa, tão lonje lhes ficava a ermida onde iam cultuar.

Fóra da época da festividade, apenas um ou outro devoto ali ia, em comprimento de promessa e esta, como nos narram as cronicas, eram em tudo semelhantes ás a São José de Riba-mar, na presente época.

Foi na *Cóva da onça* que se ocultou um individuo de côr preta, escravizado, e que assassinára o escravizadôr, no momento em que este o procurava. Tal circumstancia apavorou imenso os devôtos, que se retraíram do culto, deixando a imagem da Santa e o templo abandonados.

O capitão-general e governador Joaquim de Mello e Povoas mandou abrir, em 1775, a estrada que hoje fórma a Rua dos Remedios, a qual, ainda em 1781, se chamava: «Estrada que ia para a ermida de Nossa Senhora dos Remedios.»

Esse fato concorreu bastante para o revivescimento do culto, passando as romarias a serem mais frequentes.

Mas a ermida, abandonada, durante aquêlle tempo, ameaçava ruinas e não custou a desmoronar.

Foi então que o ermitão Francisco Xavier, recorrendo a esportulas, entre os fieis, promoveu a reedificação da igreja que dentro de pouco tempo, era novamente franqueada ao culto que surgia, agora, mais fervorôzo.

Em 1799, foi instituida a irmandade para encarregar-se do serviço e culto da Virjem Senhora dos Remedios.

Os comerciantes auxiliaram poderosamente os zeladôres da igrêja e tomaram a santa como sua protetora, fazendo colocar á entrada do templo uma lápida de marmore, com a inscrição: «N. S. DOS REMEDIOS, PROECTORA DO COMERCIO E NAVEGAÇÃO. ANNO DE 1904.»

Por lei provincial n. 6, de 22 de julho de 1854, foi aprovado, para ter o devido efeito, o compromisso da irmandade, o qual baixou com a mesma lei, assinado pela meza da assemblêa legislativa provincial.

O prezidente da provincia que sancionou a lei era, então, o dr. Eduardo Olympio Machado, e o secretario, que a referendou, o dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, que veio a morrer senador do Imperio pelo Maranhão.

Prescrevia o compromisso que se celebrasse a festividade, todos os anos, no primeiro domingo de outubro, com a «Solenidade, esplendôr e devoção que permitirem os rendimentos da irmandade e as ofertas dos fieis, precedendo a novena conforme deliberar a meza e havendo

nesse dia, missa cantada com sermão no evangelho. Para orçar-se a despeza e, consequentemente, ordenar-se a festividade, mandava o mesmo compromisso:—que a meza, com antecedencia, indagasse do juiz ou juiza se se encarregaria de fazê-la ou qual a quantia com que concorreria.

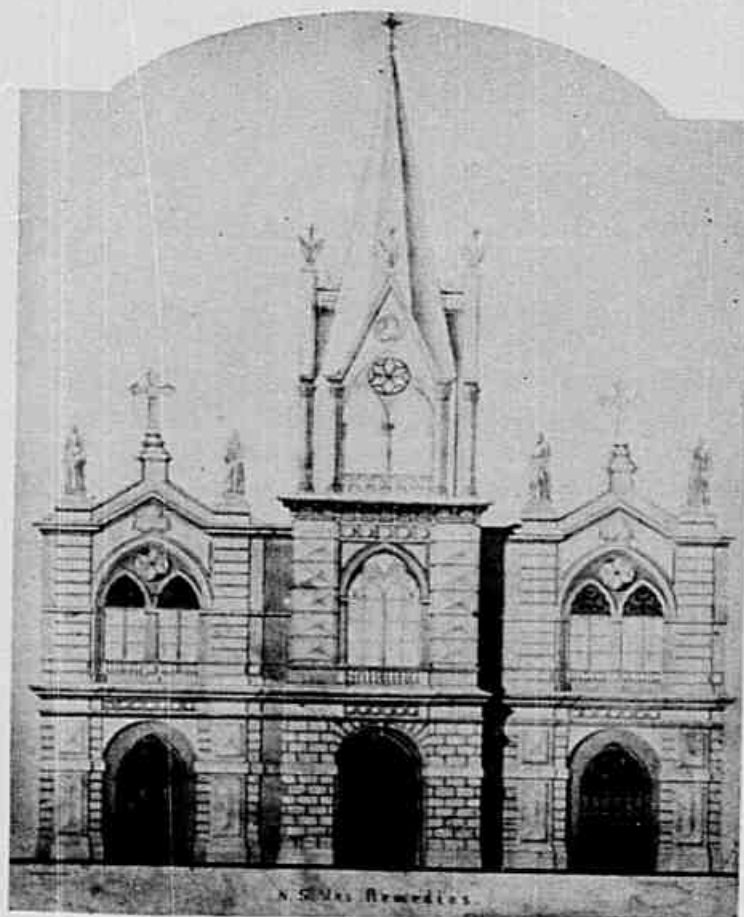
Era ainda do compromisso a determinação de que a administração da irmandade fôsse confiada a uma meza, eleita trienalmente, e composta do juiz, secretario, tezoureiro, procurador e doze irmãos (mezarios). A essa meza incumbia nomear as comissões julgadas necessárias, sob proposta do juiz, para que, indistintamente, mas em particular entre o commercio, procedêsem ao peditorio, cujo producto, reunido á oblação do juiz, juiza, mezarios e mordomos, seria aplicado a solenizar-se, com a possível pompa, a dita festa.

Antes da festividade do ano de 1860, achava-se a ermida muito arruinada e a meza da irmandade mandou proceder aos concertos que se apresentavam inadiáveis, rezolvendo transformar, interiormente, o templo que, ficou constando de:—cinco grandes arcos, sendo um na separação da capéla-mór do corpo da igreja, dois em cada uma das paredes lateraes, ocupando os lugares das tribunas, do pulpito e das janelas; quatro salões correspondentes aos arcos lateraes, mobiliados; o altar-mór e o retabulo, completamente nôvo; dois altares, também novos; o côro, reconstruido, sendo installada, em toda a ermida, iluminação a gaz.

Foi despendida nessa reforma a quantia de doze contos de reis.

A 22 de outubro do mesmo ano (1860), realizou-se a cerimonia do benzimento da igreja e de suas respectivas imagens, reencarnadas, prezidindo o ato o bispo diocesano. Houve missa solene e *Te-Deum*, ficando o templo novamente franqueado ao culto publico.

O governador do bispado fez publicar, a 13 de Setembro de 1868, um edital mandando executar o Breve apostolico de altar privilegiado *pro defunctis* concedido pelo Papa, em 16 de novembro de 1865, á igreja dos Remedios, tendo o mesmo Breve por fim «ilustrar a igreja filial da paróquia da bemaventurada Virgem Maria dos Remedios, contanto que aí se não encontre concedido algum outro altar privilegiado com este dom especial da misericordia do Onipotente, afim de que todas as vezes que algum sacerdote secular ou regular de qualquer ordem, congregação e instituto celebrar missa nesse altar, pela alma de qualquer fiel em Christo, consiga a mesma alma indulgencia do tezouro da igreja por modo de suffragio, ficando livre das penas do purgatorio, se assim aprouver a Deus». (1)



CAPELA DE N. S. DOS REMEDIOS

Aí fica a historia da edificação e subsequentes ampliações, até 1860, da ermida de N. Sra. dos Remedios.

Ligados a ella se acham os sinos, que, pelos seus maviózos sons, unicos na cidade de São Luís, representam uma certa tradição. Foram colocados solenemente, na torre, a 21 de setembro de 1814, segundo narra Joaquim Antonio Pereira, num livro de lembranças, e os juizes, que prezidiram á cerimonia foram José Antonio da Silva Bastos e sua irman, d. Maria do Carmo, mulher do coronel do regimento de linha Manuel Antonio Falcão.

A vibração dos sinos dos Remedios produz viva e intensa alegria, não só entre os fieis como mesmo entre os impios, tão adoravel e encantadoramente os seus sons ferem os ouvidos.

O CULTO INTERNO

O novenario, que constituia a pompoza festa continuou a ser feito, como mandava o Compromisso, em outubro, mas aproveitando-se sempre o plenilunio, de modo a que este occorresse nos ultimos dias das novenas, circunstancia essa que fazia, muitas vezes, dar-se começo á festividade em fins de setembro.

Ao alvorecer do dia em que principiava o novenario, ás 4 1/2 horas, a ermida era pequena para conter o povo que ia assistir á missa a celebrar-se áquellas horas.

(1) Cezar Marques - Dic.

A população em pezo comparecia á «alvorada de N. Sra. dos Remedios», apinhando a igreja e o largo.

Festejos internos tinham o seu inicio com aquelle ato e, durante os dias do novenario, celebrava-se missa rezada, ás 7 horas da manhã.

A' noite, tinha logar a novena, cerimonia que durava uma hora, constando de bençã, ladainha e canticos acompanhados a grande orchestra. No meio da cerimonia, o capitulante fazia leitura duma Meditação e dum Coloquio, correspondentes ao dia, os quaes constavam do livro — «Novena em obsequio de Nossa Senhora dos Remedios, ordenada para o seu culto. E offerecida por um seu indigno devoto á mesma Senhora dos Remedios — Lisboa, Na Off. de Francisco Luiz Ameno. MDCC.XCII — Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros (48 paginas)». (1)

A meditação e o Coloquio, correspondentes ao primeiro dia de novena, são as que se seguem:

«*Meditação I.* Considerai que fazendo-se a Mãe de Deos por todos os motivos acredora dos nossos obsequios, sendo innumeraveis os beneficios de que nos confessamos devedores a Ella este foi o espirito, com que a Igreja recebeo, e approvou a invocação de Senhora dos Remedios, com que agora a imploramos. Entre todos os titulos, com que a invoca a nossa devoção, este he o mais expressivo para significar o seu grande poder, que satisfaz a todas as nossas supplicas segundo as varias, e differentes necessidades, em que nos achamos. Elle he como a torre de David, da qual pendem mil escudos para nossa defensa. Elle he como o Terebyntho, que por toda a parte estende os seus ramos para nos amparar a sua sombra. Ainda não disse tudo. Elle he como aquelle grande Rio, que nascendo no meio do Paraizo, se estendia a banhar com suas correntes todas as quatro partes da terra; porque a Virgem Maria sendo secundada na sua origem pelo Altissimo com a enchente de todas as graças, das mesmas reparte conosco, quando a ninguém izenta dos seus favores, e a todos comprehende com os seus beneficios.»

«Colloquio I.—O' Mãe amabilissima, e Soberana Senhora dos Remedios, se o Filho de Deos, e vosso no seu Evangelho nos ensina, que aonde estiverem dois, ou tres congregados no seu nome, ahi se acha elle presente; ajuntando-nos nós agora aqui em obsequio vosso, não duvidamos tambem que escutais benigna os nossos clamores. Assim he quando vos interessamos para o soccorro nas nossas necessidades, allivio nos nossos perigos; então vos acreditão mais os nossos louvores pela ostentação que fazeis do vosso poder: agora que

nos chegamos a vós penetrados do mais reverente conceito delle, invocando-vos como Senhora dos Remedios, permitti que tudo quanto vos pedirmos nesta Novena, seja para gloria de Deos, e honra vossa; e tudo o que no decurso della alcançarmos de vós, seja dirigido ao importante fim da nossa salvação.»

Manda o livro donde extraimos as oblatas acima que, nos dias seguintes, se «fará tudo como no primeiro, havendo sómente a differença quanto ás Meditações e Coloquio, que se propõem para cada um dos nove dias.»

Em 1851, foi executada, pela primeira vez, a Novena de N. Sra. dos Remedios, original do maestro italiano Antonio Luiz Miró.

Como muzica sacra, a novena é duma concepção primorosa, na qual se acham consagrados todo o talento e a maxima inspiração dum artista de merito raro.

A sua execução dura uma hora.

Referindo-se á brilhante composição, assim se exprime JOÃO LISBÔA (1): «... digamo-la em honra da verdade, a composição e a execução são acabadas e primorosas como jámais se viu no Maranhão.»

São várias as versões que correm sobre o motivo que deu ensêjo ao maestro Miró compôr a Novena dos Remedios. A que circula com mais insistencia e por certa fórmula apoiada com maior vizo de verdade, é a seguinte: O maestro, voltando ao Maranhão, se achava em iminencia de naufragio, e prometeu á Virgem dos Remedios, se se desfizesse o perigo, compôr uma novena e uma missa. Dissipado o perigo, foi o voto cumprido.

As partituras da missa, a qual, segundo consta, nunca foi executada, desapareceram.

As da novena, felizmente estão completas, faltando, apenas, um *duetto* de soprano e alto que, na partitura geral, é assinalado em *carta volante*, o que pouco prejudica o todo da novena. (2)

Na vespera do «dia da festa», e neste, havia missa, pela madrugada e das 6 ás 8 horas da manhã, comparecendo, a estas ultimas, as tropas de linha e o Corpo dos Educandos Artifices. A' «missa da festa», ás 9 horas, acorria o que a capital do Maranhão tinha de mais seleta na sua sociedade. Os melhores e os mais ricos trajes, as mais lindas pedrarias, os mais pomposos ornamentos eram envergados e dispostos com requinte pela multidão, que assistia a tão imponente cerimonia, em que, muitas vezes, pontificava o bispo diocesano. Uma guarda de honra formava á frente da ermida dando as salvas de estilo, no momento da elevação.

(1) Folheim, em *O Publicador Maranhense*, n. 1173, de 15 de outubro de 1851 e nas *Obras*, vol. II, pags. 515. — Ed. Lisboa, 1901.

(2) Consta-nos que o maestro maranhense Leocadio Rayol tem pronta uma «Missa de N. Sra. dos Remedios», coordenada da Novena do Maestro Miró.

(4) Por curiosidade, conservamos a ortografia do interessante livro.

O CULTO EXTERNO

Para os festejos externos aprestava-se o largo com galhardia.

Barracas cobertas de lona, em não diminuto numero, "se armavam," para pequenos hotéis, cazas de sorte, teatrinhos. Na vespera do dia da festa, dava-se ainda maior lustre á decoração do largo, que se apresentava embandeirado em toda a sua extensão. Todas as noites do novenario, três bandas de muzica, nos corêtos tocavam, alternadamente, antes e depois da cerimonia da novena.

A "alvorada," inicial da festa tinha lugar logo apóz a terminação da missa.

Em um mastro, na frente da igreja, alçava-se linda bandeira com a effigie, de N. Sra. dos Remedios, ato este sempre prezidido por senhoras. Em seguida, os sinos repicavam festivamente, e uma salva de 21 tiros e bastas girandolas de foguetes atroavam nos ares. As bandas de muzica executavam simultaneamente uma marcha triumphal, e assim começava a popular festa.

Tomemos um belo trecho dum *Folhetim* do grande jornalista e incomparavel historiador maranhense JOÃO LISBÔA (1), referente á alvorada da festa, em 1851:

"Deram seis horas; os sinos, os foguetes, as bombas estrojaram tudo. A rua que guia ao largo, começou a encher-se, e a entornar as suas ondas incessantes e perenes. Toda aquella multidão fórma uma como só vêa, ou serpente de mil côres que se arrasta sem cessar, surucúcu, jararaca, ou cobra coral, sem rabo nem cabeça, mosqueada rajada, sarapintada de negro, branco, vermelho, azul, verde, amarelo, pardo e cinzento. Vista por partes, são brancos, pretos, mulatos, cafuzes, cabras, cabôclos, mamelucos, quartões, oitões, e outras infindas variedades. São cazacas, palitós, jaquetas, calças modernas, antigas martinicas, vestidos, saías, quizenas, mantas, vizitas, sapatos, chinelos, pés descalços. Formozura e fealdade, a graça e o desazo, o vicio e a virtude, a sizudeza e a desenvoltura, a intelijencia e a estupidez, todos os sexos, todas as idades. A criancinha envôlta nas fachtas, que ora ri, ora chora de quanto entrevê, e lhe sussurra confuzamente nos ouvidos; aquell'outra mais crescida que começa a ensaiar os tenrinhos passos mal seguros. — Lá vão aquelles já taludos, travessos, foliões. Acima destes os que aspiram aos fóros de moços e oças, os que já realmente o são, as estimaveis mãis de familias as matronas já entradas em anos, os homens barbados e sem barbas, anciões, velhos respeitaveis, e velhuscas respeitabilissimas, pelo sexo, como reliquias das gerações extintas, e como monumentos das passadas éras.

Esta cena toma maior animação aos sons da múzica militar, e quando alguns dos aneis da serpente são formados pela tropa ou pelos educandos artifices.

Faço um esbôço geral; seria impossivel individualizar tudo.

No dia da festa, no *alpendre*, que se erguia em frente á igreja, trocavam-se medalhas, registros e medidas (fitas de várias côres) bentas pela manhã, por ocasião da missa.

Com referencia ás medidas tem o "Timon," (1) as seguintes palavras;

"As *medidas* são fitas de uma vara de comprimento, de toda largura, e de todas as côres, em que se vêm estampados em ouro ou prata o nome e a imajem de Nossa Senhora: as mais ricas e de mais luxo terminam em franjas dos mesmos metaes. Não ha quem não as compre, e não orne com ellas o peito, cada um segundo as suas posses. Antigamente as uzavam riquissimas; havia-as até de vinte patacas em prata."

Ao lado do alpendre, realiza-se o lugar de prendas oferecidas pelos devotos, o que constituia sempre avultada receita em favor do culto.

Primitivamente o leilão era feito numa barraca, em fórma de cercado, com cobertura de lona. Os armadores de galas para esse mister, nos últimos tempos, faziam *cazas* semelhantes aos coretos. As *prendas* que atulhavam o leilão e que eram arrematadas por quantias extraordinarias, chegando-se as mais das vezes a travar verdadeiras batalhas entre os licitantes dum mesmo objecto, eram: frutas, *segredos*, plantas, quinquilharias, animaes domesticos, aves, sendo estas em avultado numero. Nos derradeiros anos, porém, a concorrência diminuiu, pelo que ficavam inumeros objetos para a licitação no dia seguinte, segunda-feira, o último da festa.

Nesse dia, as bandas marciaes iniciavam a tocata ás 4 horas da tarde, demorando-se no largo até o momento em que se queimavam os fogos de vista e de corda.

Era a festa chamada — dos barraqueiros ou de lava-pratos ou, ainda, os frios.

No Maranhão, as bandeiras, o repique de sinos, o estoirar de foguetes e o zabumbar das fanfarras são predicaos indispensaveis ás festas religiosas ou profanas, assim como os ariris, palmeirinhas que brotam com intensidade em quasi todas as urtas, prestando-se, como os ramos de murta e as folhas de pataqueira, para a decoração tornando-a majestosa.

O fôgo, de vista ou de corda, encanta admiravelmente o pôvo maranhense, sedu-lo, apaixonando-o mesmo. Em todas as festas em que os ha, ninguem a deixa sem que goze o prazer de assistir a queima ou, para seguir a frase popular — vêr tocar os fogos.

O balanço, os cavalinhos, os jogos de largartixa e de quino, tão frequentes e consti-

(1) *Op. cit.*

(1) *Op. cit.*

tuindo as delicias dos populares, durante a festa dos Remedios; as cazas de sorte e cosmorama, onde a petizada se recreiava, foram conquistados por outros generos de diversão que o invento moderno nos trouxe, como o carrossel, os tiros ao alvo e outros.

Ao povo, no sentido reto da palavra, na festa de N. Sra. dos Remedios, do antigo elemento de recreação, apenas restaram: o *páo de sebo* ou mastro de Cocanha e o *balanço*, enjenhozo aparelho que, formando uma especie de bêrço, era suspenso por possantes vêrgas de ferro, acionando-se-o em vae-e-vem. Comportava quatro pessoas e as deliciava devêras, de que era prova a azafama com que nêlle se disputavam os lugares.

Um dos ultimos armadores de *balanço*, no largo dos Remedios, foi o *mestre* Chico Julião, prêto, carpina, muito popularizado.

Na popular festa fôram conservados até aos nossos dias as classicas *doceiras* e os vendedores de *rolêtes* (quatro pequenas hastes de cana de assucar, descascadas e atadas com linha ou barbante) e dos enormes taboleiros de *chupas* (laranja sem a casca amarela, tendo uma das extremidades cortada formando o *tampo*, que se leva aos lábios para sugar e saboroza fruta.

Em quase toda a extensão do largo, as *doceiras* e os *gazozeiros* instalavam-se em enorme fila. Aquêlas, cada qual num môcho de madeira, e tendo diante uma meza com uma bandêja, atulhada de doces de todas as qualidades, trazem, ao lado da bandêja uma lanterna e, sob a meza, um póte com agua.

Os vendedores de *rolêtes* não tem pouzada no largo. Percorrem-no todo a apregoar o seu genero de negocio numa grita repercutinte e prolongada.

A pompa extraordinaria e o vivo esplendor da festa da Virgem protetôra da navegação e do commercio, acima descritos, se mantiveram por muitos anos.

De 1882, em diante, porém, a irmandade julgando-se enfraquecida para realizar a festa sômente com o produto das anuidades, quotas dos mezarios e joias dos juizes, o Novenario passou a ser estipendiado pelas diversas classes sociaes, dando-se os encargos das noites pela seguinte fórma: 1ª noite — Medicos, pharmaceuticos e militare; 2ª noite — Pescadores; 3ª noite — Empregados publicos; 4ª noite — Maritimos; 5ª noite — Fôro e instrução publica; 6ª noite — Artistas; 7ª noite — Senhoras cazadas, solteiras e viuvias; 8ª noite — Empregados no commercio; 9ª noite (Vespera) Negociantes e lavradôre.

Nos annos subsequentes, houve alguma transformação da distribuição dos encargos das noites pelas várias classes. Assim foi que os Pescadores passaram a concorrer para as des-

pezas da noite dos Maritimos, cabendo á Classe Estudantal a noite que, a principio, era feita ás expensas dos Pescadores.

Tambem com os estabelecimentos das fábricas de fiação e tecidos, os operários destas fôram contemplados como fatores duma das noites do Novenario.

A' cargo da irmandade e dos juizes ficaram as despezas do dia da festa.

O LARGO DOS REMEDIOS

Formando tres planos, o antigo largo dos Remedios tem, no superior, a dominar os demais, a ermida.

Situado em parte extrema da cidade, num dos mais pintorescos pontos, dominando o mar, o largo dos Remedios atráe poderosamente a concorrência publica, mesmo fóra da época da festa, as noites de luar sendo aproveitadas, maxime pelas familias que, em numero elevado, ali passeiam.

Em geral, o largo é ainda o mesmo de que nos fala o impecavel prozador (1) tratando da festa de 1851.

«A um lado o Anil, a sua oposta marjem a verdura infinda de suas colinas, a pedreira da Jansem; do outro a bahia imensa que desaparece nos confins do horizonte; a pouca distancia tres ou quatro navios, reliquias da antiga opulencia commercial; de outro lado, a cidade com a cazaria apinhada, e sobretudo, Santo Antonio, as paredes denegridas de seu claustro, as pardas arcadas da sua fonte, a sua cerca sombreada de bastas folhajens, e o chão tapeçado de um verde que o sol estivo principia a dourar. No nosso proprio largo flutuam bandeiras de mil cores, e de todas as nações; e as palmeirinhas de ariri abanam, ciciando, as comas verdes, sim, mas orfans e nuas de sabiás, que nem um só ouvi ali cantar, com mágoa o digo, e com perdão do nosso insigne e inimitavel poeta Gonçalves Dias.»

Posteriormente, melhoramentos que se tornavam imprescindiveis foram sendo consecutivamente introduzidos no largo.

Assim foi que, no anno de 1860, foi elle cercado de grades de ferro, por dois lados, recebendo a denominação de — PASSEIO PUBLICO NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS.

Esta obra, cuja cerimonia da conclusão definitiva foi a 15 de Outubro daquelle anno, se realizou no periodo administrativo do Dr. João Silveira de Souza, como se ve das inscrições que a assinalam em colunas erguidas no sul, uma, e no norte da praça, outra, precisamente no alto das escadarias que vão ter ao Cães do Rapozo, ponto terminal do Cães da Sagração, hoje denominado Parque 15 de Novembro.

(1) J. F. Lisboa — *Idem.*

Aquelle prezidente da provincia promoveu a obra por meio de subscrição angariada por elle proprio, sem despender dos cofres publicos.

Em 7 de setembro de 1873, foi solenemente inaugurada, ao centro da parte norte, a estatua de Gonçalves Dias.

Simetricamente dispostas, erguiam-se no largo dezenas de copadas arvores, — mamora-neiras. Esse arvoredado, porém, de ano para ano, foi sendo imensamente prejudicado pelo brinquedo de papagaio que, naquelle largo, tinha o mais extraordinario desenvolvimento.

As folhas e os galhos mais frajeis se desprendiam, e as arvores, desnudadas quazi por completo, começavam já a morrer.

A IGREJA E O CULTO NOS ULTIMOS TEMPOS

Em 1892, foi colocado numa das torres do templo um pára-raios.

Frequentes como são as quedas de faiscas electricas na capital maranhense, durante o mez de maio, aconteceu que, pouco tempo depois de instalado o condutor, uma faisca danificou imenso a torre, tendo-se verificado que uma placa apensa á haste com a marca da fabrica do pára-raios, inibira o seu não completo isolamento. Deu-se ainda outro incidente.

Um sauveiro, de cuja extinção nunca se cuidou rigorosamente, como se tornava neces-



A PRAÇA GONÇALVES DIAS, EM CUJA PONTA SE ERGUE A ERMIDA

Coube ao prezidente da municipalidade, em 1884, Dr. Manuel da Silva Sardinha, prover a substituição dessas arvores por palmeiras (*Areca oleracea*), o que se fez obdecendo á estética e circulando a estatua do autor de *Minha terra* das palmeiras por elle cantadas.

A Camara Municipal, a 3 de novembro de 1900, em sessão extraordinaria, sob a presidencia do vereador coronel Manuel Ignacio Dias Vieira, comemorando o 36º aniversario da morte do cantor dos Timbiras, rezolveu que a parte norte do largo dos Remedios, onde se acha colocada a estatua do injente cantor, passasse a denominar-se PRAÇA GONÇALVES DIAS, conservando a parte oeste do mesmo largo o nome de — PRAÇA DOS REMEDIOS (1).

(1) A Indendencia Municipal iniciará em Janeiro de 1908 o aforamento completo das praças Gonçalves Dias e dos Remedios.

sario, foi aos poucos corroendo em redor dos alicerces das paredes da igreja.

Assim profundamente abaladas as duas torres e, por consequencia, a fachada, foi rezolvida a demolição da ermida para reerguer-se nova.

Começaram os trabalhos de reconstrução em 1893, sob a direção e planos do engenheiro Manoel Jansen Pereira.

Achavam-se já as obras em adiantamento quando a municipalidade, por seu advogado, as fez embargar, por estarem em dezacordo com o codigo de posturas, na parte relativa ás reconstruções.

A fachada da Igreja, primitivamente, excedia uns seis metros do alinhamento das cazas lateraes, e os encarregados da reedificação collocaram-na ainda tres metros mais afora, o que

prejudicava altamente a estética. Os poderes municipaes ajiram com acerto.

Submetendo-se a irmandade á determinação daquelles, foi demolida a fachada recémconstruída; e, tendo de proceder-se ás obras do respectivo recuo, as paredes lateraes não ofereciam resistencia e foram derribadas.

E, assim foi um novo templo que ia surgir.

Contratado, em 1895, com o Sr. Luiz Ory, lente de desenho no Licêo Maranhense, e professor de desenho e cartografia na Escola Normal Porciuncula, a planta e a direção dos trabalhos que se iam empreender, a irmandade não teve fundos para os executar.

Promoveram-se varias quermesses, cujo produto era aplicado as obras que iam sendo feitas lentamente, sob a direção do mecanico João Serapião da Conceição.

No ano de 1897, as novas paredes e a torre estavam concluídas. Esta, porém, desmoronou, verificando-se que, na construção dos alicerces, confiada a um calceteiro, não foram obdecidas as mais comezinhas regras, faltando-lhe a profundidade que se faria mister.

Com o mais absoluto escrupulo, tornaram a erguer a torre, mas até o meio, sómente, pois faltava dinheiro para estipendiar as obras, se proseguissem.

Suspensas, por esse motivo, passaram-se anos a fazer quermesses.

Ao lado da ermida, em reedificação, foi, em 1900, armada uma «Capela Provisoria», para a qual conduziram, procissionalmente, as imagens de N. Sra. dos Remedios e outros santos que se achavam na capela do Sam Jezus dos Passos, na igreja do Carmo.

Na ermida provizoria começou-se a cultuar. Constituiu-se uma comissão reconstrutora da igreja dos Remedios, tendo a irmandade se julgado desobrigada da sua tarefa, uma vez que os maiores embaraços se lhe deparavam para levar a termino a missão.

A irmandade chegara ao seu completo definhamento, depois de haver sido riquissima, possuidora dum patrimonio composto de aplices da divida publica, numerosas ações de bancos e companhias, predios e outros bens.

Os novos encarregados das obras acoeteram a sua direção ao engenheiro Hiram Mapes, cuja ação foi quazi efemera, atenta ás dificuldades monetarias que a todo o instante surjiam.

Em 1904, o sr. comendador Augusto Cezar Marques, farmaceutico muito considerado e irmão do pranteado maranhense Cezar Marques, chamou a si, expontaneamente, a direção das obras.

Quatro paredes, uma das quaes tortuoza, colunas e armações de ferro para o teto, telhas para a cobertura e andaimes foi apenas o que recebeu o sr. comendador Marques.

Nem um ceitel havia para dar-se andamento ás obras, nas quaes, entretanto, cerca de 160:000\$000 já se tinham consumidos, emproficuamente.

O novo encarregado da reedificação da igreja teve que fazer quazi de novo, não sendo pequena a tarefa a que se impoz. No entanto, despendendo apenas metade daquella quantia, tem a ermida prestes a ser terminada, fazendo-a surgir quiçá uma das mais lindas do Norte.

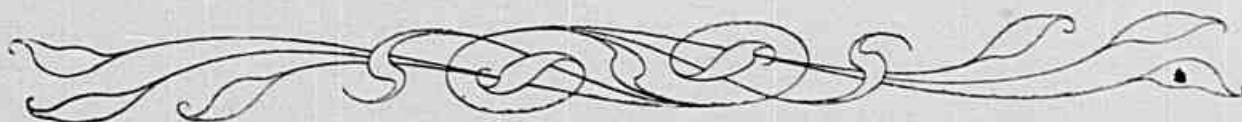
Não lhe foi difficil alcançar donativos para a consecução do deziderato da população catolica. Assim foi que obteve de dois portuguezes, antigos negociantes no Maranhão, ora rezidentes no paiz de sua orijem, as imagens dos quatro Evangelistas, valiozo e finissimo trabalho de escultura de Teixeira Lopes (pae), destinadas á fachada do templo. E isso sem falar de outras muitas e importantes ofertas que ha conseguido dentro e fóra do paiz.

O diretor tecnico das obras, nesta ultima e difinitiva faze, é o sr. Heitor Belfort, artista, cuja intelijencia e perspicacia postas em pratica neste cometimento é deveras relevante.

A igreja será restituída ao culto este anno e oxalá a festa que vae recommear se revista de brilho e imponencia taes que sejam a manutenção fiel do culto tradicional e que a crença do povo para todo o sempre acarinhando-o, o torne indestrutivel.

Sam Luiz, Outubro de 1907.

ASTÓLFO MARQUES.





D. JOÃO VI

NA PHYSIOGNOMONIA



○ MUITO que ultimamente se tem escripto a respeito de D. João VI, notadamente o rigoroso estudo do Sr. Mario Bhering, publicado no numero de Agosto desta formosa *Kosmos*, despertou-nos o interesse de sujeitar a *imagem* desse rei a uma indagação physiognomica.

Não é, como se comprehende, um estudo seguro, guiado e documentado por provas collidas no *original*. Falta-nos, para tanto, a medida craneana, um decalque das bossas, a certeza sobre a exactidão physiognomica dos retratos.

E' uma tentativa de amator sobre documento tido por bom.

Perante a physiognomia craneana, o rei D. João VI tinha a *cabeça* brachi-piriforme. O craneo brachicephalico é o que tende á forma larga, mas essa largura, tomada por circumferencia do occipital ao frontal, pôde recordar a forma da pera pela elevação conica da calóte.

Assim vemos no schema seguinte:



decalcado de um dos seus, suppostos, melhores retratos.

Os craneos desta forma indicam materialidade, por vezes animalmente lórpa, satisfação de gosos grosseiros, obsessão de ideias. Devemos, porém, attender a que a fôrma dolicha (oval) se approxima dalgum modo da piriforme;

e quando não ha attenuações por particularidades, ainda que secundarias, esta ultima participa de certas qualidades da primeira. Deixaremos para adiante a indagação de taes pormenores.

Sigamos as nossas pesquisas.

Na opinião da Sra. Génia Liubow a analyse physiognomica divide o systema facial em quatro secções.

A primeira secção comprehende o apice do craneo, englobando os parietaes anteriores e os temporaes, até o começo da fronte.

No Sr. D. João VI esta parte se nos desenhava vindo da linha vertical á curva da fronte. E' a região mystica. Ahi está o seu exaggero religioso affirmado pelo agudo da fôrma (idealista); o obstaculo da curva, que se oppõe

bruscamente á expansão da linha, cria a obsessão. E foi isso que o levou ainda moço a ser um *caróla* de marca maior.

Como se sabe, o rei D. João, quando principe do Brasil (em 1782) foi atacado de bexigas *confluentes* que fizeram perigar sua vida. Esteve em imminente perigo—conta o Sr. Antonio Ennes—dando mostra de uma devoção que encantou seu pae e sua mãe, porém que revelou, nesse espirito fraco, as tendencias que haviam de fazer d'elle um bom collega para os frades de Mafra... »

A segunda secção comprehende a fronte e as sobrancelhas e corresponde á vida intellectual, á alma especulativa.

Qual a fôrma que caracteriza esta secção physiognomica do Sr. D. João VI?

E' nitida: a fôrma *avançada* ou melhor a *abahulada*, que aquí temos nesta linha:



Não ha negar—a linha frontal do rei era esta. Assim vemol-a em todos os seus retratos, desde a sua mocidade, e aqui damol-a num decalque minucioso:

Sabe o leitor o que dizem

os physiognomonistas a respeito desta fôrma de testa?

Dizem que ella anuncia fortes tendencias á idiotia, ao cretinismo e á imbecilidade *segundo o traço secundario que a caracteriza*.



Ora, apesar do terno amor que a memoria do Sr. D. João VI está despertando no nosso mundo intellectual, e extranhamente entre o que este mundo tem de mais recommendavel, ninguem negará o que ha de seguro e incisivo neste retrato traçado por Oliveira Martins: « Egoista e secco como D. João IV, tinha inclinações fradescas como D. João V; tinha a esperteza soez e baixa de D. Pedro II, e o plebeismo de Affonso VI, sem ser inteiramente idiota, como fôra o infeliz encarcerado de Cintra.»

Continuemos, porém, a nossa analyse. Vejamos qual o traço secundario da sua physiognomia.

Sobrancelhas arqueadas, onde um dos signaes da sua aristocracia, mas sinuosas, o que inculca desconfiança continua, avareza, e terminadas em declive récto para as temporaes, indicando indole disposta a intriga e ao rancor. Nota-se ainda que as sobrancelhas se afastam dos olhos: falta de connexão nas ideias, espirito superficial, incoherencia, frivolidade.

Vejamos os olhos:

Os olhos são a physiognomia humana. Buffon dizia: « E' sobretudo nos olhos que se pin-

tam as imagens das nossas agitações secretas, e que alli se tornam claras. "Os olhos pertencem á alma mais que outro qualquer órgão; dir-se-á que elles estão em contacto com ella e participam de toda a sua vida. Por isso exprimem as paixões as mais fortes e as emoções as mais tumultuosas, como os mais suaves movimentos e os sentimentos mais delicados, e os traduz em toda a sua força e pureza, taes como realmente são. Os olhos recebem e ao mesmo tempo reflectem a luz do pensamento e o calor do sentimento. São o senso do espirito e a linguagem da intelligencia."

A isto accrescenta a Sra. Génia: "Mas, sob a importancia physiognomica, segundo penso, o que dá aos olhos grande interesse é que os musculos oculares são independentes dos musculos da face, do que resulta os olhos se moverem e guardarem, pela direcção do olhar, uma expressão mais ou menos intensa, enquanto que um esforço de vontade immobilisa as contracções da face e lhe communica um ar de indifferença; e basta-nos attender que, nos momentos os mais intensos da vida psychica, quasi sempre os olhos dizem e fazem comprehender cousas de tal forma subtis que os labios seriam incapazes de os exprimirem por palavras..."

Mas, dizemos nós, por nossa vez, para e considerar os olhos na analyse physiognomica é preciso que se os tenha vivos deante da nossa observação

Certo é que um bom quadro, uma excelente estampa de photographia podem *reter* a expressão dum olhar; não o contestamos. Contudo não estará alli o *olhar*. E nesta palavra se resume todo um mundo de ideias.

Queremos com isso demonstrar a nossa probidade no que estamos fazendo.

Demais sabe-se que esta parte da indagação physiognomica depende de tres relações importantes a 1ª relação da côr dos olhos com a da pelle, a do pello das sobrancelhas, da barba e dos cabellos; 2ª, a relação entre a fôrma dos olhos com a visagem, o *facies*; 3ª, a da penetração do olhar com a estrutura ossea facial.

Como se vê, das tres relações a unica que se póde aproveitar numa gravura a branco e preto é a da fôrma dos olhos com a visagem. Ultrapassar este limite é proceder com exaggero, e cahir em coima de falsidade.

Assim posto, vejamos qual a fôrma dos olhos do rei D. João VI.

Segundo a gravura que temos em vista, e que é a estampada com o vigoroso artigo do Sr. Mario Bhering, o rei tinha olhos redondos, porém grandes e salientes.

Attendendo-se a conformação da face e a extensão do nariz, esses olhos *compunham*, a physionomia. Ha certa harmonia entre elles e o

tamanho das bochechas, a saliencia do queixo, e toda a região do mento, que se nos apresenta gorducha, isto é, em papeira.

Se, em vez de grandes e redondos, o rei tivesse olhos miudos e *amendoados* o seu rosto seria de um comico irresistivel.

Assim como a natureza lh'os deu salvou-se elle do ridiculo.

Era nos olhos, algum tanto *espantadiços* por serem salientes, que o Sr. D. João VI tinha o equilibrio da sua physionomia. Em um rosto menos bochechudo e com uma bocca *bem feita* esses olhos exprimiriam sagacidade. Não quer isso dizer que não na exprimam no marido de D. Carlota Joaquina, mas essa sagacidade, pelo conjuncto das minudencias faciaes, não resulta de grande presteza intellectual, é a *sagacidade saloia* que o Sr. Oliveira Martins lhe descobriu, um mixto de *rosserie* e deslealdade, de teimosia e intriga. E o olhar fixado na estampa, postoquê não lhe attribuamos grande importancia, indica esse modo de ser.

Depois dos olhos, o que se nota de melhor no rosto de D. João VI é o nariz.

Elle o tinha direito, de tamanho proporcionado; a radícula larga, as narinas dilatadas.

Esta fôrma de nariz é assim descripta pelos physiognomonistas: «O nariz direito faz presumir um espirito desembaraçado, récto, e lucido; julgamento criterioso, coragem firme e tranquillidade, quasi stoica; ardor moderado, lealdade a toda a prova, extrema generosidade, e mais: um *positivismo idealista* e tendencias liberaes ou cavalheirescas.»

Era esse nariz que os gregos davam á esculptura de Apollo.

Mas o do Sr. D. João VI possuia narinas dilatadas e, ainda que comprido, o seu nariz era muifo afastado da bocca. E essas duas particularidades contrariam as boas qualidades da fôrma.

A dilatação das narinas é signal de sensualidade, o demasiado afastamento da bocca inculca falta de delicadeza nos appetites.

Indicações estas que se accentuam na bocca, o que, no rosto do rei, constituia a peor parte.

Era a bocca que afeiava o seu rosto. A grossura dos seus labios, com a indicativa de exaggerada sensualidade, fazia-lhe mais grosseira, e tambem mais lôrpa, a região inferior da face.

O labio superior era-lhe relativamente fino, em arco e muito erguido, tendo por isso a expressão de desdem, de frieza e calculo nas vinganças, caracteristicos collaborados pelos dentes que ficavam a descoberto, dando-lhe á bocca uma expressão de baixa inveja e aggressividade.



A aspereza desta expressão era atenuada pela forma do labio inferior, grosso, polpudo, cahido. Labio de glutão, de grosseiros appetites carnaes. E' uma bocca de comilão de frangos assados, devoradora, capaz de batalhas homericas nas regiões culinarias. Mas, por outro lado, o quanto a sua physionomia tinha de máo, de rancoroso, de frieza aggressiva com o labio superior, está atenuado pelo labio inferior, em collaboração com o *mento* arredondado, que, na opinião dos sabedores, pertence ás almas timoratas, afeminadas, amigas do repouso e da tranquillidade, qualidades que o rei possuia em alta dóse, como lhe reconhecem os historiadores, até mesmo os que lhe escreveram panegyricos, que a uma vóz nol-o apresentam como um *commodista*.

Resumindo: a physionomia do rei D. João VI, tanto quanto nos é possível estudal-a através dos retratos gravados, resume dois caracteristicos fundamentaes — materialidade e ma-

treirice.—A primeira domina a segunda pela abundancia das minudencias.

A segunda (matreirice) é a feição typica da sua mentalidade. A sua intelligencia estava nisso — astucia e intriga: uma especie de sabedoria aninhada no seu gordo cerebro, no dizer de Oliveira Martins.

Para termos a confirmação de tanto bastanos lêr os episodios da sua malquerença aos mações, dos seus despachos com os ministros; basta-nos conhecer o recurso de que lançou mão para se certificar da infidelidade brutal da mulher e a sua predilecção em conversar com os creados, que levava o General Foy a escrever a seu respeito: «... *une volonté capricieuse et flottant au gré des subalternes admis en assez grand nombre á sa familiarité.*»

Outubro de 1907.

CARLOS HENZE



COISAS DA INDIA



TORRES do silencio! Nunca uma expressão qualquer teve o poder de accordar em nosso espirito mais profundo sentimento de curiosidade, emoção mais sincera e mais accorde com a natureza das coisas, ou do facto particular que ella procurasse significar!

Feliz e eloquente denominação foi esta, em tratando-se de exprimir tão triste aparelhagem da morte, aquelles originaes cemiterios parsis, isto é, aquellas famosas torres, onde os cadaveres de tal gente são dados aos corvos que sobre elles se banqueteam diariamente! E tal é a sua incrível voracidade que em poucos minutos nada mais resta que esqueletos descarnados, para logo atirados ao fundo de um poço central, onde a chuva e o tempo os reduz a pó que afinal, alli, como em toda a parte e a despeito de todas as crenças religiosas, vem a ser a ultima expressão da nossa existencia terrestre.

E' em Malabar-Hill, ponta extrema da cidade de Bombaim, a 100 metros de altitude sobre o mar, que se acham essas curiosas edificações das quaes damos hoje um magnifico especimen.

Ellas são em numero de cinco, situadas entre jardins e grandes arvores, sobre as quaes vivem tranquillamente trezentos ou quatrocentos enormes corvos que parecem de uma raça especial, maiores e mais bellos que os nossos, semelhando o typo da aguia, tanto por sua côr e tamanho, quanto pela altivez de seu porte e expressão de seus olhos vivos e petulantes.

No Jardim Zoologico de Calcutá tive occasião de examinar de perto um d'estes interessantes abutres e confesso que senti verdadeiro mêdo ao fitar-lhes as pupillas scintillantes, a agudez dos longos passos e a rija enfitratura de seus grossos musculos.

Ao perceberem a aproximação de um cortejo funebre, elles soltam gritos de alegria, agitam-se nervosamente antegozando o novo pasto, mas são incapazes de se precipitarem sobre o cadaver antes que os encarregados da cerimonia o dispam e o abandonem sobre a torre.

Aqui como na cerimonia da cremação, os cadaveres são entregues a empregados incubido, cada qual de sua missão respectiva. São elles os unicos que penetram nas torres, cuja entrada é prohibida a quem quer que seja, mesmo ao rei da Inglaterra!

Em consequencia, as manifestações de carinho da familia terminam, não com a ultima pá de terra, com o mausoléo e a urna d'ossos como acontece entre nós, mas a trinta metros do tetrico monumento, onde os aludidos empregados, *carriers of the death*, se apoderam

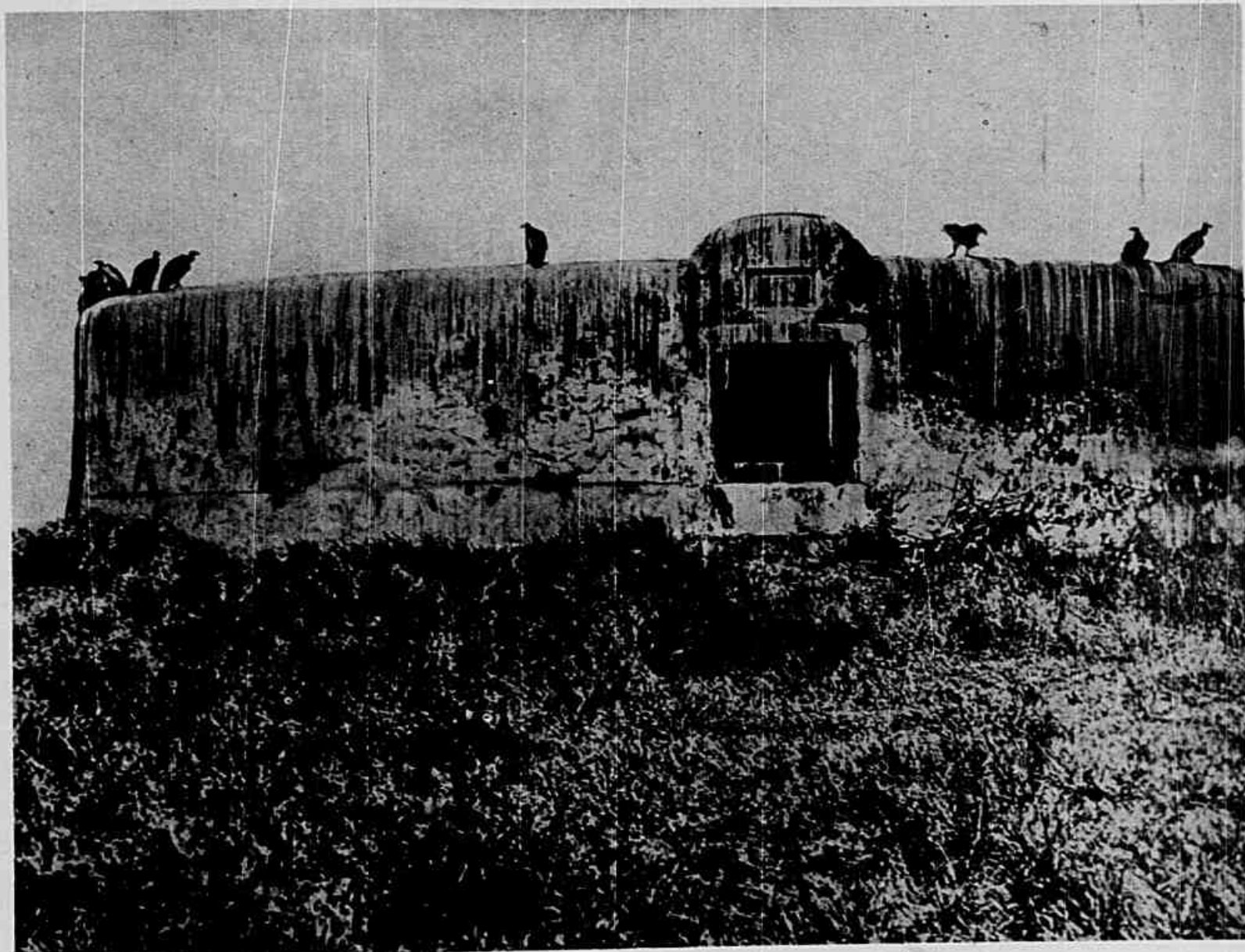
dos cadaveres e com elles penetram os umbraes de sua ultima e definitiva habitação.

Curioso tambem é o côro de carpidores que fazem parte do prestito e que são em maior ou menor numero, ou choram mais ou menos conforme a importancia social do defuncto, ou a fortuna pelo mesmo deixada! Depois d'estes vem um homem com um cão branco, emblema da fidelidade, seguido de uma multidão de sacerdotes vestidos de branco, agarrados a um lenço, ou tendo as vestes pregadas umas as outras em signal de sympathia e communhão de sentimento em relação a pessoa do morto.

onde só encontramos sabios e ventrudos brahmanes a quem comprimentamos respeitosa-mente, sêm porem confessarmos a nossa desillusão, pois que preferiamos antes ver grandes magicos, grandes exhibições de fakirismo hindú, que travar conhecimento com aquelles nedios e excentricos directores d'almas.

De facto, depois verifiquei que alli o vocabulo fakir significa geralmente sacerdote e não o typo que a nossa curiosidade reclamava e que por toda a parte corresponde áquella denominação.

Na casa de oração onde dia e noite arde o fogo sagrado queimando sandalo e resinas



TORRE DO SILENCIO — EM BOMBAIM

Uma casa de oração existe a direita de quem sobe a elevação e da qual se tem sobre a cidade e ilhas vizinhas uma vista verdadeiramente grandiosa. Nas immediações estão os grandes reservatorios d'agua cuidadosamente cobertos de telhas de barro, a Governement House, ou residencia do Governador inglez, a Alms-House, construida pelo filhos do parsi Fardonjee Sorabjee Parak para asylo dos decahidos de sua raça e um grande templo hindú, onde nos disseram haver muitos fakirs, mas

odoríferas, está a miniatura perfeita de uma das torres de silencio, preparada para ser mostrada em todas as suas minucias ao Principe de Galles, actual rei dos inglezes, e a qual tambem tivemos occasião de examinar, em virtude da auctorisação escripta que haviamos solicitado ao Secretario do Panchayat que é o centro religioso parsi que alli tudo dirige.

A maior das cinco torres custou 30.000 libras e tem 276 pés de circumferencia e 25 de altura. A entrada é uma só e conduz a pla-

taforma do alto, onde se acham n'um declive suave e em círculos concentricos, quadros de diversos tamanhos, verdadeiros estojos onde são collocados os cadaveres. Os maiores que são os do circulo exterior, recebem os mortos do sexo masculino; os do segundo circulo, os do sexo femenino e o terceiro, os cadaveres das crianças.

Estreitas calhas convergentes para um poço central onde são atirados os esqueletos abandonados pelos corvos, conduzem para alli os liquidos da putrefação que são rigorosamente desinfectados no fundo do mesmo poço e vão ter ao mar com as aguas das chuvas, tudo de envolta com os restos da desagregação dos ossos que o tempo vae alli vagarosamente consumindo na mais absoluta promiscuidade.

Assim realisa-se o nivelamento dos ricos e pobres os quaes, segundo Zartasht, devem se encontrar depois da morte, evitando-se de tal arte macular a terra, a agua e o fogo, como se faz no resto da India, queimando os cadaveres, enterrando-os ou atirando-os a corrente dos rios sagrados, o que vae de encontro aos principios de sua religião que manda adorar semelhantes elementos, como emanações directas da divindade.

Por mais estranhas que pareçam semelhantes praticas, tão fóra de nossa educação e habitos religiosos, não se poderá concluir que os parsis sejam um povo selvagem, originariamente incapaz ou já decadente, no embrutecimento em que a fallada tolerancia ingleza tem sabido conservar os povos da India, a despeito do progresso material alli implantado ao serviço de seus grandes interesses então duplicados e só assim perfeitamente assegurados. Ao contrario, tal é o conceito que, a custa de continuo trabalho inquebrantavel energia e honestidade, bem orientada intelligencia e actividade, souberão conquistar estes honrados descendentes dos Persas que se tornaram, desde muito, a influencia mais real e mais acatada de Bombaim.

E' assim que seu nome se acha ligado a tudo que de bom existe na cidade, Hospitaes, Collegios, Dispensarios, Universidades, etc., para fundação dos quaes contribuíram elles com milhões e milhões de rupias.

O busto e o nome do parsi Sir Covanjee Jeangir Readmoney, o mais conhecido de todos, se encontra por toda a parte como o maior bemfeitor da grande cidade e os proprios inglezes confessam que seria preciso um grosso volume para descrever as suas obras de caridade e civilisação.

As mulheres de sua raça são de rara distincção, grande moralidade e belleza. Vestem-se a musulmana e sempre de sêda, por pobres que sejam, de modo que se as distingue facilmente d'entre a multidão quando não se mostram em

suas magnificas carruagens no passeio da Esplanada que representa os Campos Elysios de Bombaim e onde fazem ellas a mais distincta figura.

Com estas informações terminamos o assumpto para nos occuparmos agora de cousa mais alegre e por certo mais agradável, qual é a dança oriental, conforme fazem prever as gravuras hoje apresentadas: Bayaderas no Egypto, Devadassi na India, Bedaya na ilha de Java, a dançarina representa sempre uma casta privilegiada de artistas estimadissimos em todo o Oriente, onde nenhuma solemnidade se faz sem o seu concurso. No palacio dos principes, como nos templos, nas festas publicas ou particulares, nas ruas como nas casas, ellas são encontradas a todo o passo, dando a nota alegre a vida seilenciosa e tranquila do Extremo Oriente.

Cantam tambem e não obstante a monotonia de seu cantar e da musica que geralmente as acompanha, ellas vibram, exprimindo na physionomia e nos gestos toda a gama dos sentimentos humanos, todas as nossas paixões, todos as nossas dôres e prazeres moraes.

Acreditamos que os bailados e pantomimas que tanto apreciamos cá no Occidente e que representam dramas inteiros do mais accidentado entrecho e dos mais emocionantes, tiveram possivelmente tal origem.

Não insistiremos sobre a dança das Bayaderas do Egypto, de cujo repertorio tanto se servem as suas concurrentes europeas nas estafadas imitações da dança do ventre que aliás não é o que de melhor existe no genero. Mas diremos, com um pouco mais de vagar, a scena que vimos em Benarés, onde há ruas inteiras de profissionaes que d'outra cousa não se occupam, vivendo honesta e exclusivamente de sua arte.

Não me posso lembrar do custo da sessão coreographica dada exclusivamente para mim e meu companheiro de viagem, mas guardo a certeza que a dança não é positivamente das cousas mais baratas da India. A Devadassi habitava uma colméa immunda, mas a sala de suas exhibições era perfeitamente aceiada, tendo como ornamentação nas paredes, uma verdadeira orgia de candelabros de vidro, tão proximos uns dos outros e tão cheios de pingentes, que faziam suppôr uma estranha flora que alli vicejasse, aos cuidados de sua formosa proprietaria.

O soalho era coberto de panno alvissimo, sobre fofas esteiras que amorteciam os passos e como o tornavam de uma agradável elasticidade.

Os musicos eram trez, sendo que um d'elles, o do *gong*, talvez o mestre, tanto se emocionava com as evoluções da dança, tanto vibrava com o seu rustico instrumento, que mais parecia a nós outros, pouco entendidos



DANÇARINAS INDIANAS

em tudo aquillo, um verdadeiro desequilibrado em completo delirio de movimentos tanto do corpo como da face.

Mas a Devadassi vestida de branco, de saias bufantes com ornamentos de galões, lan-tejoulas, aljofares multicolores, vistosos collares e largos braceletes, tendo os cabellos trançados sob pezados diademas e com os pés nús, avançava para nós e recuava em seguida, rodopiava como um fuzo, fazia-nos gestos ameaçadores e ternos ao mesmo tempo, elevava a voz como irritada ou abaixava-a, emitindo sons acariciadores, modulações delicadas, tudo no sentido da representação do momento, lembrando scenas da vida, porém scenas que pareciam divéras sentidas, tal a movimentação da physionomia, o vigor dos movimentos, as contracções dos membros e o crisar de seus dedos nervosos e finos.

Sentia-se assim a paixão da arte, si bem nem tudo comprehendessemos; mas pelo menos

o entusiasmo do homem do *gong* nos garantia a preciosidade e a justesa da nossa observação.

Em Java, a Bayadera ou Bedaya, tambem é uma profissional; dança e canta a moda indus-tanica, si bem que menos vibratil, isto é, mais apathica, no que ainda se pode ver um traço da condição social inferior e do caracter d'aquelle povo eternamente escravo e submisso.

As vestes constam de um longo *sarong* que, envolvendo-lhes os seios, cae até aos pés, achando-se ligada a cintura por uma faixa larga e vistosa.

As primeiras que vi de perto pertenciam ao harém de Soesoehoenan de Soerakarta e a parte as joias e os ricos diademas com que se orna-vam, o que mais me chamou a atenção foi a côr finissima da pelle que ao mesmo tempo fazia advinhar a maciez d'aquella cutis e a delicada consistencia d'aquellas carnes que só a vida dos haréms poderá talvez produzir.

A pantomima Javaneza é uma combinação de tudo isso, isto é, um melhor desenvolvimento da dança e suas diversas modalidades. Entram nella mais individuos e assim melhor ampliam a acção dramatica. A ultima gravura representa um grupo de artistas do Sultão de Djocja, um *topeng trôup*, cuja figura principal é um anão ou pequeno, monstro que serve de bôbo no palacio, tal qual se fazia antigamente nas grandes côrtes da Europa. Que elle é um artista, bem compenetrado de seu papel e vibrante de emoção dramatica, mostra-o a visivel turgescencia das veias da frente, indicadora da colera natural na lucta que representa.

Consciencia de bôbo porém; em todo o caso parece não existir outra em todo o Oriente, dada a inferioridade politica daquelles povos conquistados eternamente explorados mas sempre tranquilllos e resignados!

DR. THEODORETO NASCIMENTO.

ERRATUM:—

Na 2ª columna, 14ª linha, 1ª pagina do artigo, onde se lê: a agudez dos longos passos, e a rija enfitratura...

Leia-se: e a agudez das longas presas e a rija enfibratura...

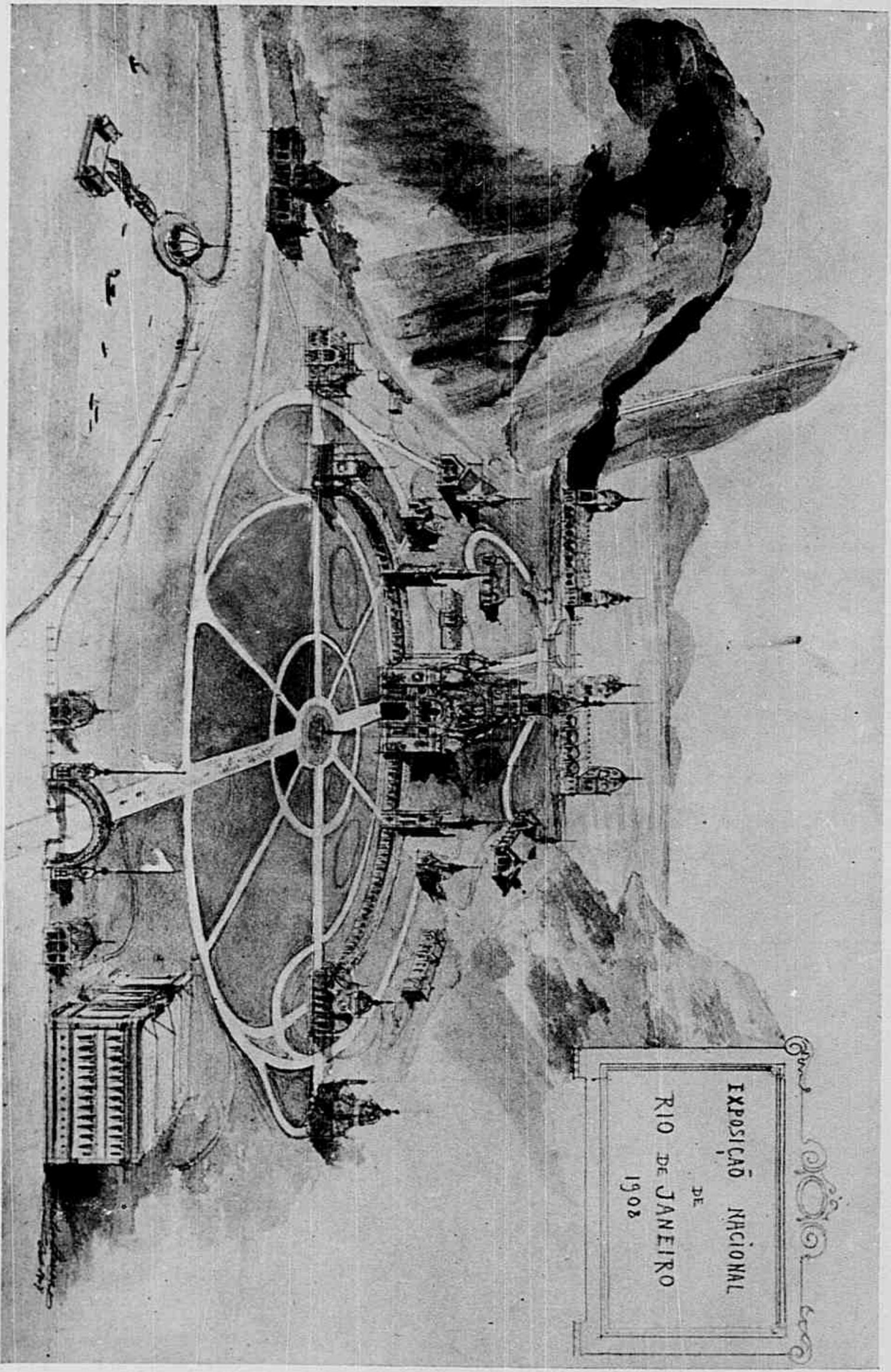


DANÇARINA JAVANEZA





PANTOMIMA JAVANEZA



EXPOSIÇÃO NACIONAL
DE
RIO DE JANEIRO
1902

O PRIMEIRO PLANO DA FUTURA EXPOSIÇÃO APRESENTADO PELO DR. BUARQUE DE MACEDO

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 8 D'ESTE ANNO)

CAPITULO VIII

Historia evolutiva dos Edriophthalmos

MENOS variado do que o dos crustaceos Podophthalmos, é o modo de desenvolvimento dos Isopodes que Leach reuniu na secção Edriophthalma, ou dos Crustaceos de olhos sesseis (fig. 36).

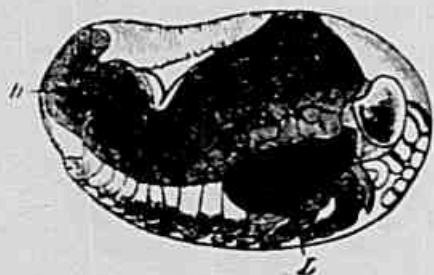


FIG. 36—Embryão de *Ligia* no ovo.

Os do genero *Ligia*, podem servir como exemplo do desenvolvimento dos Isopodes. N'estes, como em *Mysis*, a porção caudal do embrião é curva, não para dentro, mas para cima; tambem como em *Mysis*, antes de tudo, é formada uma membrana larvar, dentro da qual é o crustaceo desenvolvido. Em *Mysis*, a primeira larva pôde ser comparada á um Nauplius; em *Ligia* ella apparece como uma pupa, inteiramente destituida de appendices, porem prolongada em uma longa cauda simples (fig. 37). A membrana do

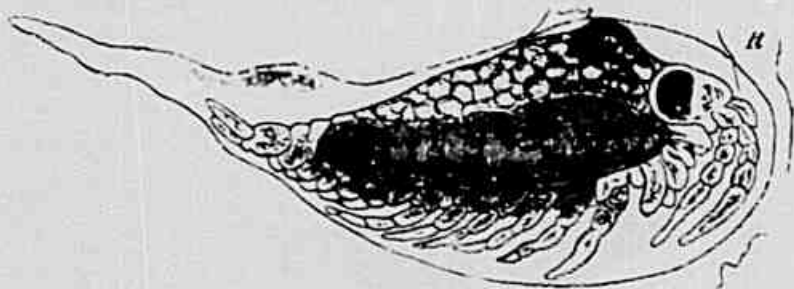


FIG. 37—Larva pupiforme da mesma, augmentada 15 diametros D—Vetelus, L—Fígado, R—resto da membrana do ovo; vê-se no lado ventral, de diante para traz as outras nas anteriores e posteriores, mandíbulos, as maxillas anteriores e posteriores, patas maxillas, 6 patas thoracicas, ultimos anneis do corpo mediano desprovidos de appendices; 5 patas do corpo posterior, patas caudaes.

ovo é retida mais longamente do que em *Mysis*; ella apenas se rompe quando os membros da joven *Ligia* estão já parcialmente desenvolvidos no seu numero total.

A superficie dorsal do crustaceo, está unida á membrana larvar, um pouco por traz da cabeça. N'este ponto, quando a união se desfaz, um pouco antes da muda da pelle, ha um appendice foliaceo que, existe sómente por pouco tempo e desaparece antes que a joven *Lygia* abandone o sacco ovigero materno.

Quando esta começa a cuidar de si, assemelha-se ao individuo adulto em quasi todas

as partes, exepuada uma importante differença; ella possui sómente seis, em vez sete patas ambulatorias; e o ultimo segmento do corpo mediano está, apenas, ligeiramente desenvolvido e, destituido de appendices. E' preciso mencionar, rigorosamente, que as peculiaridades sexuaes ainda não foram desenvolvidas e que, nos machos, as dilatações em forma de mão, das patas ambulatorias anteriores e os appendices copuladores, são ainda deficientes.

Ao problema da extensão em que o desenvolvimento de *Ligia* é repetido nos outros Isopodes, apenas posso dar uma resposta insufficiente. A curvatura do embrião para cima, em vez de para baixo, que eu encontrei, assim como Ratke, em *Idothea* e egualmente em *Cassidina*, *Philoscia*, *Tanais* e nos Bopyrideos — na verdade, não a encontrei em nenhum dos Isopodes examinados para esse fim. Em *Cassidina* tambem o primeiro tegumento larvar, sem appendices, é facilmente apreendido; elle é destituido da longa cauda mas, é fortemente curvo no ovo, como em *Ligia* e, por conseguinte, não pôde ser tomado por uma « membrana ovular interna ». Tal, comtudo, pôde succeder em *Philoscia*, em que a pelle larvar é estreitamente applicada á membrana do ovo (fig. 38) e só pôde ser explicada comotegumento larvar por uma referencia á *Ligia* e *Cassidina*. O appendice foliaceo do dorso é de ha muito conhecido no joven do commum *Asellus*. (1)

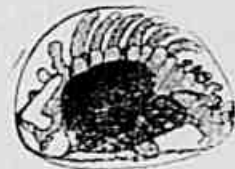


FIG. 38—Embryão de uma *Philoxia*, no ovo Augm. 25 diametro.

O facto de que o ultimo par de patas thoracicas falta aos jovens dos Porcellionideos (Miln-Edw.) e Cymothoideos (Miln-Edw.), já foi notado por Milne Edwards. Isto tambem se applica aos *Idothea*, aos viviparos *Sphaerosoma* e *Cassidina*, aos Bopyrideos (*Bopyrus*, *Entoniscus*, *Cryptoniscus*, n. g.) e aos chelíferos *Tanaides* e por isso, provavelmente á grande maioria dos Isopodes. Todos os outros membros são, na regra, bem desenvolvidos nos jovens Isopodes. Só em *Tanais*, faltam todas

(1) Leydig comparou este appendice foliaceo dos Asellos, com as "glandulas-verdes" ou "glandulas da casca" dos outros crustaceos, suppondo que a glandula-verde não tinha ducto efferente e, partindo do facto de que os dous orgãos occorrem "no mesmo lugar." Uma tal interpretação é realmente infeliz. Em primeiro lugar podemos facilmente garantir com *Leucifer*, como foi tambem o caso verificado por Claus, que a "glandula-verde" se abre realmente no extremo do processo descrito por Milne-Edwards como um "tuberculo auditivo" e por Spence Bate como um "denticulo olfactorio." E, em segundo lugar a posição é mais ou menos tão differente quanto ella possa bem ser. Em um caso, uma glandula par abrindo-se á base das antenas posteriores e, por isso, na face inferior do segmento; em outro, uma estrutura impar, elevando-se na linha mediana dorsal por traz do setimo segmento, (por traz da linha limitrophe do primeiro segmento thoracico, Leydig.)

as patas abdominaes (porém não as da cauda); ellas se desenvolvem simultaneamente com os ultimos pares thoracicos.

O ultimo par de patas do corpo mediano da larva, por conseguinte, o penultimo par do animal adulto, é quasi sempre semelhante em estrutura ao precedente. Uma excepção notavel é, contudo, apresentada á este respeito, por *Cryptoniscus* e *Entoniscus*—notavel por confirmar a proposição de Darwin de que «as partes desenvolvidas de um modo desusado são muito variaveis», porque, no par formado de modo peculiar, existe a maior differença possível, entre as tres especies até agora observadas.

Em *Cryptoniscus* e *Entoniscus*, esta ultima pata é delgada e em forma de agulha, em *Entoniscus cancrorum*, ella é notavelmente longa e provida de uma robusta e espessa mão e de uma chela peculiarmente construída; em *Entoniscus porcellanae*, muito custa, imperfeitamente articulada e terminada por uma larga peça oval. (figs. 39 e 40)

Alguns Isopodes soffrem uma consideravel mutação, immediatamente antes de atingir á maturidade sexual. Tal é o caso já referido com os machos de *Tanais* e segundo Hesse, com os *Pranizae* em que ambos os sexos passam á forma conhecida por *Anceus*. Porém Spence Bate, cuidadoso observador, affirma ter visto femeas da forma de *Praniza*, carregadas de ovos grandemente adiantados em desenvolvimento.

N'esta ordem encontramos pela primeira vez com uma extensiva metamorphose retrograda, consequente ao modo de vida parasitario. Mesmo em alguns *Cimothoa*, os jovens são activamente nadadores e os adultos, embotados, estupidos e pesados socios, cujas curtas patas atracadoras só são capazes de poucos movimentos. Nos Bopyrideos (*Bopyrus*, *Fryxus*, *Kepona*, etc., que podiam ter sido deixados convenientemente n'um unico genero), parasitas sobre carangueijos, lagostas, etc., estabelecendo sua morada primeiramente na cavidade branchial, as femeas adultas são inteiramente desprovidas de olhos, as antenas são rudimentares, o largo corpo é frequentemente assymetrico, em consequencia de se desenvolver em espaço confinado; seus segmentos são mais ou menos amalgamados entre si; as patas são atrophiadas e os appendices do abdomen, transformados de patas nadadoras, com cerdas longas, em branchias folicneas ou linguiformes e, ás vezes, ramificadas.

No macho, anão, os olhos, as antenas e as patas são, na regra, melhor preservados que na fema; porém, por outro lado, todos os appendices do abdomen, frequentemente não desaparecem e, ás vezes, os traços de seg-

mentação. Nas femeas de *Entoniscus* que são encontradas na cavidade somatica dos carangueijos e *Porcellanae*, os olhos, as antenas e orgãos oraes, a segmentação do corpo vermiforme, e em uma especie (figs. 41 e 42) o total

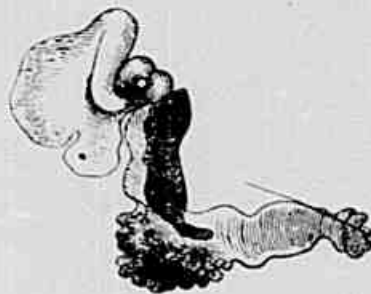


FIG. 41—*Antoniscus cancrorum*, fema, augm. 5 diametros.



Fig. 42.

FIG. 42—*Cryptoniscus planarioides*, fema, 3 diametros.

dos membros, desaparecem quasi sem deixar traço algum; e *Cryptoniscus planarioides*, mais depressa seria encarado um Plathelmintho do que um Isopode, se seus ovos e filhotes não trahissem sua natureza de crustaceo. Entre os machos d'estes varios Bopyrideos, o de *Entoniscus porcellanae* occupa o mais baixo lugar; em toda a sua vida, cabem-lhe seis pares de patas, reduzidas á disformes cotos arredondados.

Os Amphipodes são diferenciados dos Isopodes, em um periodo primitivo do ovo, pela posição differente do embrião, cuja extremidade posterior é curva para baixo (fig. 43). Em



FIG. 43—Embrião de um *Corophium*, 90 diametros.

todos os animaes d'esta ordem, para tal fim, (1) apparece muito cedo uma estrutura peculiar na parte anterior do dorso, pela qual o embrião é ligado á membrana ovular interna e que foi chamado «apparelio micropylar», porém, impropriamente, segundo me parece. (2) Elle nos lembrará a união dos jovens Isopodes com a membrana larvar e o «orgão adherente», impar,

(1) Nos generos *Orchestoidea*, *Orchestia*, *Allorchestes*, *Montaguia*, *Batea*, n. g. *Amphilocheus*, *Atylus*, *Microdeutopus*, *Leucothoe*, *Melita*, *Gammarus* (segundo Meissner e La Valette), *Amphithoe*, *Cerapus*, *Cyrtophium*, *Dulichia*, *Protella* e *Caprella*.

(2) Por pouco que o um nome possa affectar os factos, devemos certamente, confinar o nome de «micropyllo» aos canaes da membrana ovular que servem para a passagem da cellular masculina. Porém a membrana ovular externa passa sobre o «apparelio micropylar» dos Amphipodes, sem perfuração alguma, segundo as proprias affirmativas de Meissner e La Valette, parece que ella nunca está presente antes da fecundação, attinge o seu maior desenvolvimento n'um periodo subsequente da vida ovular, e os delicados canaes que a penetram, nem sempre parecem presentes; na verdade ella parece mais pertencer ao embrião do que á membrana do ovo. Jamais me pude convencer que a chamada «membrana ovular interna» seja realmente d'esta natureza e talvez não o primitivo tegumento larvar, só formado após a fecundação, como pode ser supposto relativamente á *Ligia*, *Cassidina* e *Philoscia*.

da nuca dos Cladoceros, notavelmente desenvolvido em *Evadne* e persistente por toda a vida do animal; porém em *Daphnia pulex*, segundo Leydig, comquanto presente nos jovens, desaparece sem deixar traço algum nos adultos.

O joven, enquanto ainda no ovo, adquire o pleno desenvolvimento de seus segmentos e membros. Nos casos em que os segmentos são amalgamados juntamente, como os dous ultimos segmentos do thorax em *Dulichia* e os ultimos segmentos abdominaes e a cauda em *Gammarus ambulans* e *Corophium dentatum* n. sp., e os ultimos segmentos abdominaes e a cauda em *Brachyscelus*, (1) ou onde faltam um ou mais segmentos, como em *Dulichia* e nas *Caprellas*, encontramos a mesma fusão e as mesmas deficiencias nos jovens retirados do sacco proligero materno. Mesmo as peculiaridades de estrutura dos membros, tanto quanto sejam communs em ambos os sexos, são na regra bem assignaladas no joven recém-sahido da casca, de modo que o ultimo só differe, geralmente, dos paes, pela forma mais robusta, o numero menor de articulos antennaes e filamentos olfactorios; e tambem das cerdas e dentes, com os quaes o corpo e as patas são providos e, tambem, pelo tamanho comparativamente maior do flagellum secundario. Uma excepção á esta regra é apresentada pelas Hyperinas que vivem, commumente, sobre os Acalephos. N'estas, jovens e adultos têm quasi sempre uma apparencia; porém, mesmo n'estes, não ha nova formação de segmentos somaticos e membros, mas, apenas uma transformação gradual d'estas partes. (2)

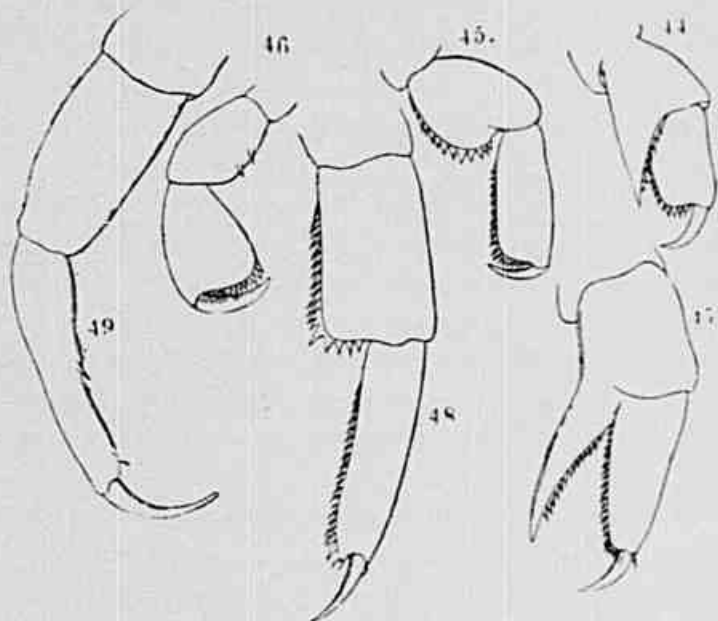
Assim, no intuito de dar novos exemplos, as podersas chelas do anti-penultimo par de patas de *Phromina sedentaria*, são produzidas, segundo Pagenstecher, de simples patas de estrutura vulgar; e *vice-versa*, as chelas dos penultimos pares de patas dos jovens *Brachyscelus*, se convertem em simples patas. Nos jovens do genero por ultimo citado, a longa cabeça, é estirada n'uma ponta conica e tem olhos notavelmente pequenos; no decurso do desenvolvimento, os ultimos, como na maior parte das Hyperinas, attingem á um tamanho e ocupam, por tal modo a cabeça, que esta parece espherica.

(1) Segundo Spence Bate, em *Brachyscelus cruscolum* o quinto segmento abdominal não é amalgamado ao sexto (cauda) porém ao quarto, do que estou inclinado á duvidar, attendendo á estreita semelhança que esta especie mostra com as duas que em examinei.

(2) Nos jovens de *Hyperia galba*, Spence Bate não encontrou nenhuma das patas abdominaes, nem os dous ultimos pares de patas thoracicas; porém, esta notabilissima asserção necessitava de ser ratificada, tanto mais quanto elle examinara estes minusculos animaes sómente em estado secco. Subse-

A differença dos sexos que nos Gammari- nos, está commumente expressa na estrutura das patas anteriores (gnathopoda, Sp. Bate) e nas Hyperinas, na estrutura das antenas, é frequentemente tão grande que, os machos e as femeas, foram descriptos como especies diferentes, ou, repetidamente collocados em generos diversos (*Orchestia* e *Talitrus*, *Cerapus* e *Dercotioe*, *Lestrigonus* e *Hyperia*) ou

quentemente, tive a oportunidade de traçar o desenvolvimento de uma *Hyperia* que não é rara sobre os Ctenophoros, especialmente sobre *Beroe galva*, Echs. A larva mais nova do sacco ovigero materno, possui já o numero total de patas thoracicas; de outro lado, como Spence Bate, não pude encontrar aquellas do abdomen. A principio, apenas, todas essas patas se convertem, como as anteriores, em patas prehensoras, ricamente denticuladas e, na verdade, de tres formas diferentes; os anteriores, (fig. 44) os dous seguintes (fig. 45) e finalmente



FIGS. 44-46 - Patas de *Hyperia martinezii*, n. sp. (1) Figs. 47-49 - Patas de um macho quasi adulto da mesma especie; 44 e 47 do primeiro par de patas anteriores (Gnathopodes; 44 e 48 do primeiro e 46 e 49 do ultimo par de patas thoracicas. 90 diametros.

os tres ultimos pares (fig. 49) sobre tudo, soffrem uma mudança. A differença entre os dous sexos é consideravel; as femeas se distinguem por um thorax muito largo e os machos (*Lestrigonus*), por antenas muito longas, das quaes, a anterior, tem uma desusada abundancia de filamentos olfactorios. Afinal as mais novas larvas não podem nadar; são animalculos desprotegidos que se atracam firmemente e, sobre tudo, ás laminas nadadoras, dos seus portadores; as *Hyperias* adultas, não raro encontradas livres no mar, são, como é bem sabido, os mais admiraveis nadadores da sua ordem. ("Il nage avec une rapidité extrême", diz Van Benden de *H. latrellei*, M. Edw.)

A transformação das Hyperias deve ser encarada evidentemente, como *adquirida*, e não *herdada*, isto é, a ultima apparencia dos appendices abdominaes e a estrutura peculiar das patas, nos jovens, não devem ser trazidos ao desenvolvimento historico dos Amphipodes, porém á conta do modo parasitario de vida dos jovens.

Como em *Brachyscelus*, a livre locomoção continuou até ao adulto e não ao joven, contrariamente ao modo commum entre parasitas. Ainda mais notavel é uma circumstancia semelhante em *Caligus*, entre os Copepodes parasitas. O joven, descripto por Burmeister como genero especial, *Chalimus*, fica ancorado, nos peixes, por meio de um cabo que sahe da parte anterior da cabeça e tem a extremidade firmemente implatada na pelle d'aquelles animaes. Quando chega a maturidade sexual, o cabo é cortado e os *Caligos* adultos, admiraveis nadadores, são, com frequencia, capturados nadando livremente no mar. (Vide Archif fur Naturg. 1852-I-Ing. 91.)



mesmo em familia (*Hyperinas anormaes* e *H. ordinarias*). Comtudo, ella é desenvolvida sómente quando os animaes estão quasi perfectamente adultos. Até então, os jovens se assemelham ás femeas, de um modo geral; mesmo em alguns casos, em que estas diffiram, mais amplamente do que os machos, do «Typo» da ordem. Assim, nos machos de *Orchestia*, o segundo par das patas anteriores é provido de mãos poderosas, como na maioria dos Amphipodes; porém construídas muito differentemente nas femeas. O joven, comtudo, assemelha-se á femea. Assim tambem — e tal caso é rarissimo (1) — as femeas de *Brachyscelus* são destituídas das antenas posteriores (ou inferiores); os machos as possuem, como os outros Amphipodes; nos jovens eu, assim como Spence Bate, d'ellas não encontrei traço.

Deve-se, comtudo, notar, especialmente, que o desenvolvimento das peculiaridades sexuaes não estão, ainda, no ponto da maturidade.

Por exemplo, os machos sexualmente mais jovens de *Orchestia tucurauna*, n. sp. têm antenas inferiores delgadas, com os articulos do flagello não fundidos; a margem prehensora (palma, Sp. Bate) da mão, no segundo par de patas, é uniformemente convexa, o ultimo par é delgado e semelhante ao precedente. Em seguida, as antenas se tornam espessas; dous, tres ou quatro dos primeiros articulos do flagello são fundidos juntos, a palma da mão adquire uma profunda emarginação, junto do angulo inferior, e os articulos intermediarios, do ultimo par de patas, se entumecem em consideravel dilatação. Nenhum zoologo de museo hesitaria em fabricar duas especies distinctas, se os mais velhos e os mais novos machos, sexualmente maduros, lhe fossem enviados sem formas intermediarias que os unissem. No macho mais novo de *Orchestia tacurutinga*, comtudo, o exame microscopico de suas glandulas sexuaes, mostrou que

elles já estavam adultos sexualmente, a emarginação da palma da mão (representada na fig. 50 e 51) e os processos correspondentes do dedo, ainda faltam inteiramente. O mesmo se

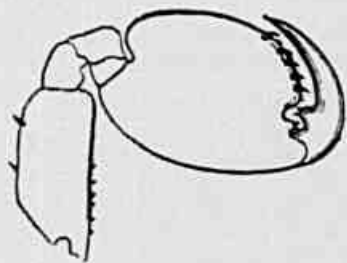


FIG. 50 — Patas do segundo par (20 par de gnathopodes) do macho e (fig. 51) da femea de *Orchestia tacurutinga* — 15 diametros.

elles já estavam adultos sexualmente, a emarginação da palma da mão (representada na fig. 50 e 51) e os processos correspondentes do dedo, ainda faltam inteiramente. O mesmo se

(1) Não conheço algum em que as antenas inferiores sejam obsoletas, quando as superiores sejam desenvolvidas Dana. (Darwin, Monogr. of the Sub-Clsas Cirripedia—Lepadidae, pag. 15.)

póde observar em *Cerapus* e *Caprella* e, provavelmente, em todos os casos em que occorram differenças sexuaes hereditarias.

Visinha ás extensas secções dos Podophthalmos e Edriophthalmos, porém, mais proximamente alliada á primeira, vem a notavel familia dos *Diastylideos* ou *Cumacea*.

Os jovens, que Kroyer retirou mesmo do sacco ovigero e que attinge um quarto do comprimento de sua progenitora, assemelham-se ao animal adulto em quasi todas as partes. Se, como em *Mysis* e *Ligia*, ocorre uma transformação dentro do sacco ovigero, que seja construído do mesmo modo que em *Mysis*, é o que não se sabe. (1) A parte caudal do embrião nos

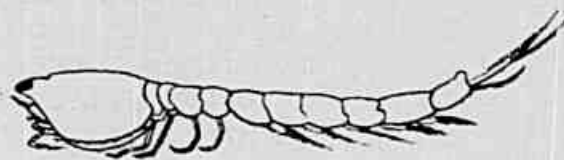


FIG. 52 — Macho de *Bodotria*, 10 diam. Note-se as longas antenas inferiores, estreitamente applicadas contra o corpo e cujas pontas apparecem por debaixo dos appendices caudaes.

Diastylideos, como eu observei recentemente, é curva para cima, como nos Isopodes, e o ultimo par de patas thoracicas, falta.

Egualmente rudimentar é o nosso conhecimento sobre a historia evolutiva dos Ostracodes. D'ella, nada sabemos mais alem de que, os membros anteriores se desenvolvem antes dos posteriores (Zenker). O desenvolvimento de *Cypris* foi recentemente observado por Claus: «Os primeiros estados são Nauplii formes, portadores de uma carapaça.

FRITZ MULLER.

(1) Um naturalista inglez, digno de fé, Goodsir, descreveu os saccos ovigeros e os ovos de *Cuma*, já em 1843. Kroyer, cujo meticoloso cuidado e consciencia são reconhecidos com admiração por todo aquelle que o encontra no campo da sciencia, confirmou os dados de Goodsir em 1846, e, como foi mencionado acima, retirou do sacco ovigero embriões adiantados em seu desenvolvimento, os quaes se assemelhavam aos seus paes. Por aqui, a questão de serem os *Diastylideos* animaes adultos ou larvas, está completa e definitivamente resolvida; e só os nomes famosos de Agassiz, Dana e Milne-Edwards, que quizeram recentemente reduzir os ditos animaes á larvas (Vide Van Beneden, Rech. sur la Faune littor. de Belgique. Crust., pp. 73 e 74), me induzem, com o appoio de numerosas investigações minhas, á declarar, com as palavras de Van Beneden «Entre todas as formas embryonarias de Podophthalmos ou de Edriophthalmos que observamos sobre as nossas aguas, não vimos uma unica que tivesse a menor semelhanca com qualquer especie de *Cuma*. A unica coisa que acompanha as larvas de *Hypolite*, *Palaemon* e *Alpheus*, na caracterisação de familia dos *Cumacea* dada por Kroyer e que occupa tres paginas, (Kroyer, Naturhist. Tidsskrift, Ny Række, Bd. II - pags. 203-206) é «Duo antennarum paria.» E isto, como é bem sabido, se applica á quasi todos os Crustaceos. Como estamos, nós, por isso, bem garantidos em identificar o ultimo com o primeiro! Comtudo, é sufficiente a quem quer que seja, passar os olhos sobre as larvas de *Palaemon* fig. 27 e das *Cumacea* (fig. 52) para ficar convencido da sua extraordinaria semelhanca.

Estatua do Marechal Floriano

POR EDUARDO DE SÁ

FOI o caso em 1904.

Uma comissão nascida no *Club Militar*, que, por esse tempo, era tido como um centro de agitação política, e, como se dizia, de orientação positivista, formulou as bases para a erecção de um monumento ao marechal Floriano Peixoto.

A origem da idéa, e uma das clausulas da concorrência para a feitura desse monumento, na qual se exigia a condição do artista ser brasileiro sobre commungar nos mesmos principios politicos dos *florianistas*, causáram má impressão no pequenino meio artistico da terra, por parecerem portadoras dum *arriére-pensée*.

E o resultado foi que só dois artistas concorreram: o esculptor Correia Lima e o pintor Eduardo de Sá.

Para julgar do valor artistico das maquietaes apresentadas, a commissão nomeou um jury composto dos srs. major Gomes de Castro, membro daquella commissão, pintor Aurelio de Figueiredo e poeta Emilio de Menezes, jury este que escolheu o projecto do sr. Eduardo de Sá.

A escolha provocou protestos. Um grupo de moços artistas, entre os quaes figuravam nomes dos mais estimados do publico, e secundados por alguns escriptores de comprovado talento, como aquelles tambem moços, viu na

escolha uma questão de sectarismo, sem duvida

grandemente antipatico. Mas, apesar desse protesto e, é preciso não esquecer, de outros protestos, a commissão do *Club Militar* deu-se por satisfeita com a opinião do jury, e foi o monumento entregue ao pintor Eduardo de Sá.

Muita gente, no meio da qual me devo incluir por amor da verdade, duvidou do bom exito dessa obra.

E' que ninguem conhecia trabalho algum d'esculptura vindo das mãos do sr. Sá.

Ao demais, o seu projecto apresentava-se cheio de complicações, superabundava

em symbolos, mettia-se-lhe a philosophia de Comte pelas linhas, esbarrava-se com a grande revolução franceza a todo o momento. A base tinha tal fórma porque a tivera o altar da *Festa da Regeneração*; em um plano do monumento, quatro pyras representavam tal consagração; mais adiante havia não sei o que relativo á Umanidade, sem h e com u maisculo (com que se prova que a ortographia do Sylogeu é um plagio); e todas essas coisas ameaçavam-nos de uma formidavel erudição positivista em pedra e bronze desesperadamente jacobinescas...

Realmente, era para nos pôr frios.

Apesar de não conhecer nem-um trabalho d'esculptura do sr. Sá, nem por este motivo o seu *previsto* desastre me assustava muito.

Não é de hoje que data a dualidade profissional artistica. Miguel Angelo foi pintor e



MAQUIETA DO MONUMENTO - CONCLUIDA EM PARIZ

escultor, como foi Leonardo de Vinci. Em nossos dias tivemos Gerome, o inesquecível pintor de *Phrynéa deante do Areopago*, e o impressionante escultor de *Cesar na Gallia* e da *Jogadora de bolas*, tres obras primas.



OUTRO ASPECTO DO MONUMENTO

Falguière, o delicado, o *exquis* interpretador dos movimentos do corpo feminino, o fino e ardente productor da *Danceuse*, foi o pintor de *Cain* e da *Grand'Mère*. E aqui, neste insignificante centro artistico, que temos, contamos o sr. Decio Villares, pintor de grande valia e já hoje escultor de um monumento—o tu-

mulo de Julio de Castilhos, de quem está fazendo, actualmente, a estatua para o Estado do Rio Grande do Sul.

Por ser a escultura, das artes plasticas, a mais imitativa e modeladora, torna-se facil a um pintor executa-la com mais ou menos perfeição.

Os seus bons resultados dependem muitissimo do conhecimento que o artista tiver do desenho.

Ha mesmo casos em que, por um esforço da attenção, se consegue, sem auxilio da vista, reproduzir fórmias sentidas num simples tactear. E' o que se dá com o francez Vidal, o escultor cego.

Comprehende-se, porém, que a obra sahida de mãos que se não adestraram num dado officio não póde trazer o acabamento exigido, salvo nas condições do pintor-escultor Gérome, que praticava quasi quotidianamente as duas artes. Mas, isso que muito importa á escultura de salão, (assim direi, se me consentem, e em falta de melhor termo) nada prejudica á escultura monumentalista, que é uma arte de conjuncto, isto é, de alta composição em que dominam as linhas geraes.

Feita para um fim commemorativo, e commemoração publica, por tanto posta em lugar accessivel ás multidões, a sua collocação exige não só altura bastante para ser admirada como tambem amplidão d'espaco convenientemente resguardado para não soffrer danos de mãos perversas.

A minucia é-lhe, por isso, desnecessaria e, mais do que isso, inutil.

O que se lhe deve exigir é que tenha grandiosidade no seu conjuncto, que impressione ao primeiro golpe de vista pela belleza da sua fórmula integral, e comova pela sua expressão allegorica; é este o seu intento. Nem outro poderia ser.

Quando um homem, chame-se elle José de Alencar, visconde do Rio Branco ou duque de Caxias, desgarrado do vulgar para cima e arranca por seu genio a admiração de um povo, o que nelle se faz perduravel é a sua obra. Pouco se nos dá o seu typo physico e os seus modos. Que elle usasse sobrecasaca como Mr. Renan ou passasse á legenda com um burel de monge como Honoré de Bal-

sac, que fosse magriço, escanifrado e anguloso como o conde de Moltke ou repolhúdo e caturra como qualquer burguez plethorico e commendador, dos de marca redonda, é coisa indifferente aos homens que o veneram e á posteridade que o respeitará. Para conservar-lhe o feitio e os trajos basta um album de familia.

O que o traz glorificado á praça publica, o que o põe em evidencia ao olhar contemplador da multidão, revivendo na memoria das gerações futuras, é o acto superior da sua vida, que o fez maior entre os seus semelhantes pelo beneficio prestado á cultura effectiva dos ho-

mas, a sua individualidade só conquistará a gratidão popular pelo resultado benefico que em sua obra colher a maioria dos individuos, senão da humanidade pelo menos de uma dada região.

Assim, quando se levanta uma estatua a esse ou aquelle grande homem, deve se ter em vista a maneira pela qual, elle é accito, e admirado pela massa popular, mesmo porque, se lhe falta esta admiração, o seu monumento perde a razão de ser, nunca passará de uma figura de praça, anonyma e mais ou menos decorativa conforme o seu valor esthetico. A taes estatuas competem os atrios das academias, a sombra dos jardins publicos, os saguões dos institutos sabios e de caridade ou das secretarias do Estado.

As estatuas de praça, essas, são homenagens prestadas pelo consenso de toda uma população. São os *idolos*, os heroes, os grandes bemfeitores de um povo. As massas populares, modelam-n'as pela sua fantasia, envolvem-n'as na sua lenda, veem-n'as pelo prisma da sua admiração.

E quando o artista desasizado e esquerdo dá-lhe um bonacheirão ao em vez de um trinca-fórtes, um manipão ao em vez de um semideus, por mais que se haja cingido á verdade do typo, ao molde exactissimo do homem, as multidões riem-se, desfibram do seu despeito a corrosiva chacóta com que levam, aos trambulhões, a infeliz estatua á galhofa do porvir.

Ha, pois, dois unicos meios do estatuario fugir a esse eterno desastre: é penetrar n'alma popular para sentir com ella o seu idolo, ou synthetisar a sua obra no monumento, contentando-se com um simples baixo



GRUPO DO Y-JUCA-PYRAMA - Em ultimos retoques para a fundição em bronze.

mens, á liberdade de uma raça ou á unificação nacional de um povo.

Não se nega que esse homem, literato, estadista ou general, seja uma individualidade;

relevo em medalhão ou um busto para recordar a *physionomia* do apothoseado. E assim, em ultima analyse, deve ser. Porque o que podemos e devemos admirar nesse homem é a sua cabeça, a expressão do seu rosto.

Alli está elle. O mais quando não é ridiculo, é réles.

* * *

Ora, no monumento ao marechal Floriano Peixoto o que o artista devia ter por objectivo era precisamente essa apothose.

O marechal defendeu a firmeza do regimen republicano com a integridade da patria, reagindo contra os inimigos interno e externo, os ambiciosos e tresloucados republicanos e os monarchistas que no paiz e fóra d'elle machinavam a quédia do regimen, ou a desaggregação do Brazil. Mas, se o marechal resumiu a reacção nesse momento historico, essa força lhe foi dada pela expontanea e efficaz collaboração dos elementos reaccionarios.

E de facto, o que entrou nessa lucta sanguinolenta foi um idéal politico servido, de um lado, por duas aspirações diversas, mas em combinação; de outro, por uma uniformidade de principios em opposição á torrente revolucionaria.

A concepção monumentalista estava, pois, neste facto—o triumpho do idéal maior pela unidade d'aspiração—onde o sentimento nacional representado pelas classes esclarecidas.

E assim foi que sr. Eduardo de Sá concebeu e compôz o seu monumento.

A maquieta primeira, que serviu para o concurso, desapareceu quasi totalmente no continuo labor a que se entregou esse digno homem e probo artista. Della conserva-se apenas a *idea* fundamental.

Partindo para Paris, por assim lhe pedirem os cuidados da sua obra, que ali teria local apropriado para o seu desenvolvimento, facilidade e barateza do material, incluindo o de modelos que aqui custam sommas fabulosas, são pessimos e ainda a mais rarissimos, não pensou o talentoso e modesto artista que esse deslocamento lhe iria favorecer de modo extraordinario a sua grande obra. Talvez mesmo não lhe tenha dado a divida attenção.

Mas, é facto, á sua partida para a Europa deve elle o muito que conseguiu. Desagregou-se deste pequinino, mofo centro de idéal-zinho de arte; desligou-se das influencias mor-nas do sectarismo a que se não poderia esquivar a sua honesta convicção; encontrou lá não só a commodidade para trabalhar como tambem o estimulo e o companheirismo dos collegas patricios, e talvez teve a collaborar grandemente no aperfeiçoamento da sua obra essa poderosa e sempre prestimosa collaboradora — a saudade.

As forças fortuitas do acaso coadjuvaram-no na realização do seu nobre desejo, para o qual lhe não falleceram esforços.

Triunfou!

Ahi está a sua derradeira maquieta. Salvo corrigendas de ultima—de—mão, esta é a definitiva.

Aqui o leitor poderá vê-la nos seus diversos aspectos e admirar a harmonia ascendente desta linha total, que parece haurir do sólo uberrimo da patria amada a seiva, o vigor da sua audaciosa grandeza. E' junto a vida do sólo, bem sentindo o calor da sua entranha fecunda, que se sentam os grupos por assim dizer—basicos—do monumento.

Forma-se ahi o fundamento da apothose com uma synthese esthetica da nacionalidade.

De um lado, o elemento aborigene, representando a idade primeira da patria pela expansão plena da força e da coragem do seu selvicola.

E' o primeiro grupo que partiu para a fundição, cuja estampa hoje damos mas tirada quando ainda sujeito a retoques. Conhecem-n'o por ventura.

O artista tirou-o do canto VI do *Y-Juca—Pyrama*, desse lindo poema sempre novo dos *Tymbiras*, de Gonçalves Dias. E' no momento em que o velho caboclo cego:

Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!...

E o bravo indio sente vergastar-lhe o brio á suspeita paterna de que se acobardára deante do vencedor. Dil-o a expressão altiva da cabeça dizem-no a firme concentração do olhar, a arrogancia do vigoroso busto.

O artista ahi teve a oportunidade de mostrar os seus recursos d'expressor, annullando a inesthetica forma de um craneo desguarnecido. Olhe-se-o e logo se nos communica o drama do momento, commove-nos esta figura moça e forte, aviltada pelo vencedor. A do velho cego, não se lhe distancia pela intensidade expressivista. Nos seus olhos sem pupillas, no recolhimento moral, traduzido admiravelmente pelos musculos da face, lê-se-lhe o pensamento.

Em outro lado, figurará a allegoria da conquista portugueza, como um grupo em que vae dominar o typo leñdario do Caramurú. Depois teremos o periodo da catechése, o desenvolvimento affectivo do catecumeno á luz espiritual trazida pelo grande Anchieta.

No attender o esboço que se acha no monumento, parece-me inspirado no canto II do *Evangelho das Selvas*, de Fagundes Varella,

quando, o poeta descreveu o apóstolo Anchieta, á porta da cabana e:

..... de joelhos
A seu lado, Nahyda, attenta e muda,
Considera as gravuras primorosas
Do mais bello entre os livros conhecidos.

pelo grupo de Lucas e Maria, do poema *Cachoeira de Paulo-Affonso*, de Castro Alves, no momento em que o negro:

Tomou-a no regaço. . . assim no manto
Apanha a mãe a creancinha loura,
Tenra a dormir.

Reunindo esses quatro grupos, á frente do monumento, e em culminancia sobre o sóco, ergue-se uma figura de mulher, em vestes collantes, forte e, ao mesmo tempo, tranquillã e meiga, symbolisando a paz e o amor.

De então se elança o tóro agulhento do pedestal de granito nosso, em cujas quatro faces serão embutidos baixos relevos de marmore branco representando os elementos que concorreram para a acção decisiva do marechal Floriano — o exercito, na resistencia heroica do general Gomes Carneiro na Lapa; a marinha, na fidelidade do almirante Jeronymo Gonçalves, commandante da esquadra legal; a policia pelo general Fonseca Ramos na reacção riumfadora de Nictheroy; e o elemento civil num grupo de jovens patriotas. E, ao termo, o grupo capital, a completação allegorica do monumento.

A patria, a que acompanha uma theoria de creanças, representando as gerações do por vir, ora ameaçadas pelo bruteza da guerra, aponta o horizonte, em que se acastel-

lam e se ennegrecem furias revolucionarias, num gesto energico, estendido no espaço.



GRUPO DO Y-JUCA-PYRAMA — POR OUTRO ASPECTO

E finalmente a enorme collaboração ethnica da raça africana, representada, segundo julgo,

E' uma linda, arrojada, vivida figura. A composição eleva-a sobre as demais, realçando-lhe a sua primasia, dando-lhe a altitude em que se comprehende a patria, acima de todos os preconceitos, de todas as paixões.

Ao seu lado, em plano abaixo, sobresae o busto de Benjamim Constant, o fundador da republica, a que serve de docel a bandeira nacional, em cujas largas dobras se esboça a cabeça do proto-martyr da nossa liberdade, o *Tiradentes*.

E á frente do grupo, em attitude marcial, Floriano Peixoto espera de espada em punho o perigo que se approxima.

E' este, no imperfeito correr da penna sobre as tiras de uma noticia, o monumento que se vae erigir, dentro de um anno ou pouco mais, na praça fronteira ao Theatro Municipal. Do seu valor já se pode calcular pelas estampas que *Kósmos* publica. Glorificando o defensor da republica, elle perpetuará o nome dum dos mais modestos, conscienciosos e trabalhadores artistas que o vasto céo desta bem querida patria cobre com a belleza da sua seda azul e o ouro rutilante do seu sol.

Outubro de 1907.

GONZAGA DUQUE.

Scenas
e Vistas
de Goiás



CARROS DE BOIS NA ESTRADA SALINEIRA

GOIÁS é um Estado singular, á parte, no convívio nacional. Susulado na gemma deserta no Brasil, sem alento e sem vigor, tão distante da orla marítima onde mais intensivamente a



GADO CURRALEIRO DE GOYAZ

poderia ser a sua situação no concerto da nossa nacionalidade.

Sem um palmo de via ferrea, não possuindo ao menos uma lancha a vapor a sulcar siquer um só de seus grandes e muitos rios navegaveis — o futuro Estado apenas dispõe, ainda em nossos dias, como meios de tranporte, desses pesados e patriarchaes carros de bois — sobrevivencias da Metropole, e que uma das nossas gravuras reproduz no flagrante de seu rodar pela fita intermina das estradas salineiras em fóra...

vida activa do paiz vibra e se agita, tal como a seiva estuante que circula na periphéria dessas grandes arvores da floresta — outra, certo, não

« Os carros puxados a bois, diz Bernardo Guimarães, com seu eixo movel, pesados e vagarosos, são por certo grosseiros vehiculos, que bem denunciam o atrazo dos meios



de condução no interior do nosso paiz. Mas talvez por isso mesmo que revelam a infancia da industria da viação, têm um não sei que de primitivo e poético, que enleva a imaginação.

Eu nunca pude ver sem um singular e indizível sentimento de melancolia essas grandes e pesadas machinas cobertas de couro, arrastadas por vinte e mais bois, quebrando com seu chiar agudo e monotono como o canto da cigarra, o silencio das solidões, atravessando os desertos em lentas e peniveis jornadas ».

Outra photogravura nossa



UMA BOIADA VINDA DO NORTE



A CARIOCA BANHO PUBLICO EM GOIAZ

representa uma *boiada* no momento mesmo em que a forçam a se precipitar a nado através de um desses largos rios que tanto dificultam a marcha do gado vaccum procedente dos sertões interiores com destino aos centros consumidores de Minas, S. Paulo e Rio.

Vem dos confins de Goiás e vai ainda fazer um penoso e fatigante percurso de mais de duzentas leguas, nossa boiada, composta,

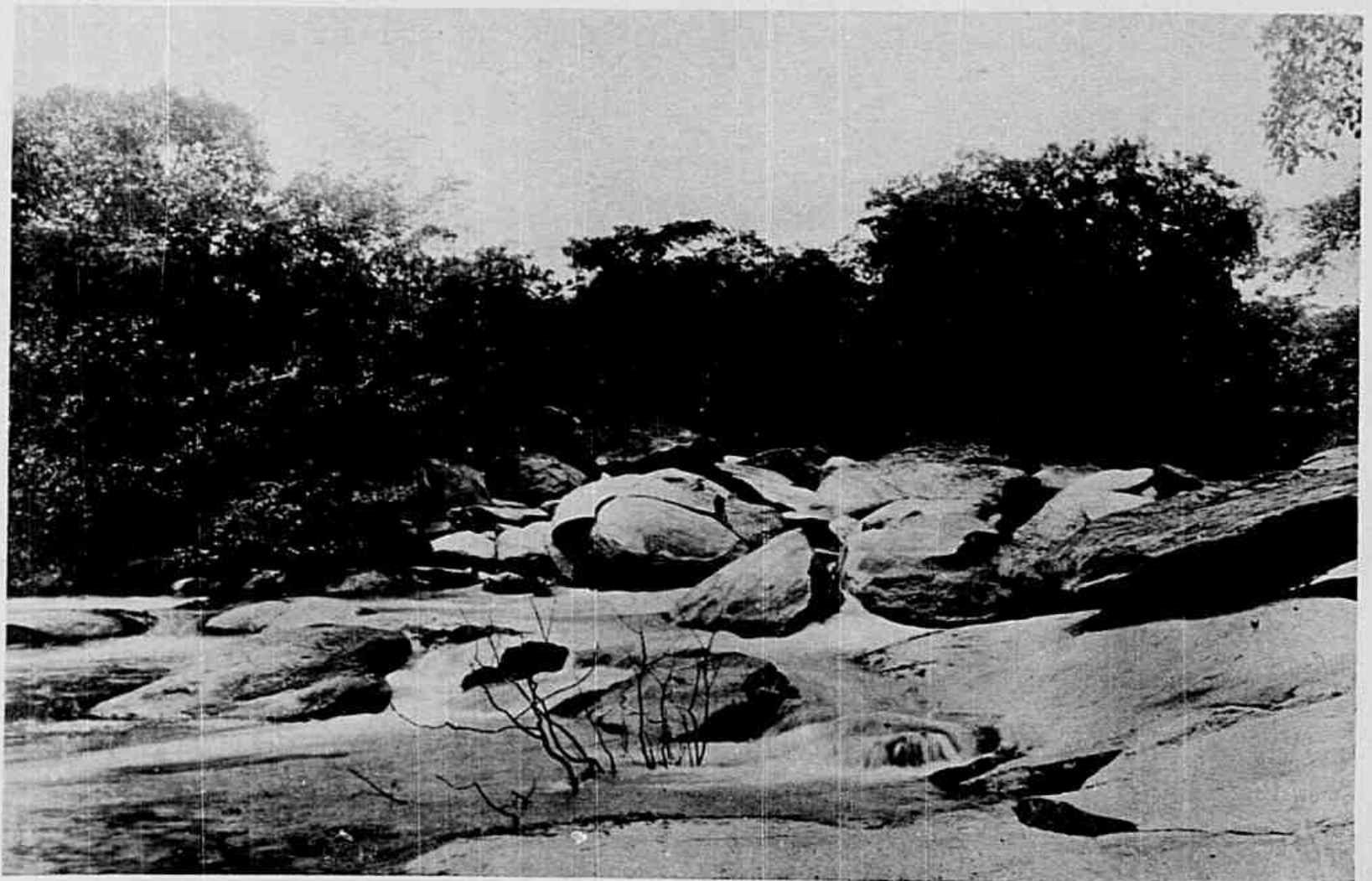
quasi toda de *Curraleiros* — essa raça por excellencia, de bovideos genuinamente nacionaes.

Já fóra dos incomparaveis campos nativos de Goiás onde se criaram e viviam acarenciados — vêm todos nostalgicos dos *barreiros* que as virentes palmas dos coqueiros da matta ensombram. (vide gravura).

HENRIQUE SILVA.



BOIADA PASSANDO O RIO VERMELHO – GOIÁS



RIO DO FEIXE – NORTE DE GOIÁS



A CARIOCA – BANHO PUBLICO EM GOIÁS



CAPIM JARAGUÁ, NATIVO EM GOIÁS



A Vela dos Náufragos



I

A LESTADA amainára após seis dias de furia tremenda em que o pequeno arraial dos Inglezes jazêra agachado e tranzido sob bâtegas diluviaes e espessos nevoeiros. Toda a costa desde a Lagoinha á Ponta-Grossa estivera deserta e abandonada á acção aterradora dos vagalhões revôltos, estourando dia e noite em cachões espumantes que alagavam as praias, os baixios e cômoros turbilhando ululantemente sobre os mais altos cabeços. Tudo ficára á toa, parado, ao Deus dará durante aquella semana. Ninguém fora á rôça ou ao mar. Nenhum mestre de rede ou companha, gente sempre de arrojo ou audacia, atrevera-se a arrostar a tormenta. Nenhuma baleeira ou canôa ousára sulcar os novellos bravios das vagas. Houvera desta vez, como nunca, longa pausa no trabalho. E a pobre e laboriosa população do logar, forçada a uma tal inacção nesses dias que se arrastavam escuros e cheios de miseria, permanecera encarcerada em casa, com as mãos abanando, a bocejar de tédio, ouvindo o vento e o oceano rugindo ameaçadoramente lá fóra, triste, encolhida, atremer de frio em roda dos braseiros em chammas.

Mas afinal voltára o bom tempo.

Uma madrugada de ouro, uma dessas lindas madrugadas catharinenses no littoral atlantico, vinha resplandecendo feéricamente. O céu, no alto, arqueava-se azul, do azul claro e transparente de uma velha faiança hollandeza. As praias limpidas e curvas, os relêvos successivos dos comôros, destacavam magnificamente, á luz, numa alvura de alvaiade. E a planura verde do mar, levemente endulada na vasta calma que succede sempre ás grandes tempestades, estendia-se para todos os lados, aqui e além mosqueada de ilhas e cachopos numerosos, encravados perpetuamente nos seus annéis mivediços d'espuma. A costa inteira tinha de novo a alegria, o movimento das manhãs de bonança. Em frente aos ranchos, reuniram-se já, numa ruidosa algazarra maritima, pequenos grupos de pescadores e roceiros do sitio. Grandes canôas de vôga, alcatroadas e de alto béque, pousadas sobre grossos rôlos de madeira, promptas a investir as aguas, tomada a palamenta e carregadas de rêdes, aguardavam a voz de comêçar a faina. Velas curvas em bôjo cruzavam ao longe, num vôo branco, como grandes azas ligeiras. E uma embarcação maior, um hiate, que parecia o *Andorinha*, do Joaquim Patesca, bordejava a todo panno, em direcção ao porto,

na altura do Arvoredo. Gaivotas enxameavam na praia e ao largo, em festiva grazinação, aos esplendores da bonança.

Então a Maria Virginia, que esquadrinhava o mar desde muito cedo do alto do terreiro da casa, seguindo attentamente o navio, mal o viu approximar-se na attitude de dar fundo, começou a descer apressada a encosta até á venda do Lemos, a colher noticias do *Espadarte*, o brigue onde andava o marido, o Manoel Siqueira, que arrancára para o Rio Grande á vespera da medonha tormenta.

Estava abatida, emmagrecida, desfeita, a pobre rapariga, que ainda ha tres annos era a primeira belleza dos Inglezes. Tinham-a posto nesse estado os dois filhos gemeos que criava, dois herculeos fedelhos rosados e louros, e, principalmente, os cuidados, as afflicções e temores daquella semana, em que a sua alma não tivera socego, a debater-se a noite em pesadellos horriveis, nos quaes, por vezes, fluctuavam, como num quadro sinistro, um casco de navio perdido e o vulto amado do marido, abandonado e náufrago, num desespero, sobre as ondas do mar em furia. Percorrendo nervosamente o atalho vermelho que se torcia entre a verdura rasteira do morro, não tirava um só instante o olhar ancioso de sobre as vagas verdes, onde agora um pequeno batelão remos vogava rapido para a terra. Estugava o passo com esforço para colher as noticias dos proprios marinheiros, falar-lhes, perguntar-lhes de onde vinham e se tinham apanhado a tormenta. Mas o atalho deprimia-se ahi, tendo por diante uma collina que se interpunha entre elle e a orla do mar, assim descia até á falda do monte, até bifurcar-se na estrada do rei, distante ainda muitas braças dos comoros. O batelão, já muito proximo da praia, escondera-se por detraz da collina, e a Maria Virginia só lograva vêr, agora, o trecho de mar ao largo onde ancorava já o *Andorinha* e onde uma esteira de espuma ondulava para além...

Na praia, um grupo de curiosos agglomerava-se bem á batente do mar, no ponto para onde proava a pequena embarcação, em que vinham dois tripolantes do hiate e o capitão Pedro, um rapaz dos Morrêtes, que lidava no mar de menino e era muito conhecido e estimado em toda aquella redondeza. E mal o batelão embicou raspando o patilhão na areia, num *chluáá* de maretas levantadas pela singradura á prôa, o Pedro, de pé á pôpa, o thorax cheio e possante at cado numa grossa camisa de flanela azul com bello peito escarlata em forma de lyra e ornado de bolso, um jaquetão de panno-piloto aos hombros, o bonet carregado sobre os olhos, gritou alegremente:

— Ora Deus seja com todos! Graças á Senhora dos Navegantes, cá estamos. A bordo, tudo a salvamento... Felizmente, desta vez ainda o mar regeitou-nos!



E indagava, com interesse, se o tempo cahira allí como no alto mar — um inferno de ninguém se entender.

Os principaes pescadores e roceiros do grupo informaram:

— Nem falar, Pedro! nem falar! De arrazar tudo... Um horror!

De toda a parte em volta rapazes e homens continuavam a affluir ao local onde atracára o batelão do *Andorinha*. Na venda do Lemos que ficava em frente, á pequena distancia, num alto e á esquina da estrada-real que d'alli partia para o interior, muita gente enxameava ás primeiras compras da manhã. Nos recantos da praia onde a tainha acostava em «magotes» ou «mantas» infinitas, já lanceavam as redes com as suas grandes canôas de voga circulando ao largo.

Apenas o batelão atracou de todo o capitão Pedrou salta, distribuindo aqui e allí pelos presentes apertos-de-mãos e abraços, falando a um e outro, muito risonho, numa rude expansão de marítimo, e, avistando o velho Lemos a uma das portas da venda, com as suas longas barbas alvas, rotundo e rubro na sua camisa de algodão grosso e nas suas largas calças de riscado, no meio da multidão de freguezes que o cercavam, bradou-lhe entusiasticamente:

— Olá! muitos bons dias, *sô* Lemos! Olhe d'ahi uma boa pinga da *branca*!

E rompeu praia ácima, a passadas gigantes que faziam cantar, sob as solas das botas, a fina areia reluzente...

Nesse momento a Maria Virginia desembocava da estrada-real, exausta, offegante, as pernas trémulas, quasi a cahir de canção. Ao entrar na venda já o capitão Pedro, cercado de maior multidão que a principio, e que augmentava sempre, na curiosidade natural do povo deante do primeiro navio a ancorar no porto depois de tão grande lestada, o capitão Pedro, risonho, a physionomia animada, loquaz e gesticulante, perorava com ardor sobre o temporal.

— Havia muito tempo, affirmava, não se sabia de tamanha borrasca ao sul. Os mais velhos marinheiros de bordo, que andavam desde creanças por aquella costa, não se lembravam de ter visto coisa semelhante, nem mesmo nos pontos mais perigosos como a barra de Itajahy, da Laguna, do Rio-Grande... Fazia já vinte annos que elle se batia com o mar, em innumeras latitudes, sob vendavaes, aguaceiros e trovoadas medonhas, mas nunca vira, como desta feita, tanto vento e tamanhos vagalhões. Eram verdadeiras serras d'agua rolando, esbarrando, estourando a arrancar e sepultar tudo... Bordejava na Barra Velha, quando a lestada cahiu. Aguentara-se a principio com todo o panno nos rizes, a vêr no que dava aquillo. Mas o hiate ora pulava, impinava-se, galgava

as ondas como um cabrito, ora cahia na cava do mar, adormecia, não se adrissava, mentia ao leme e ficava alagado de espuma como um cachopo, ameaçando ir a pique. Tentára uma arribada, porém já tarde — a costa toda sumirase-se. A cerração parára- e de não se enxergar um palmo diante do nariz, sobretudo á noite; os fuzis pareciam tições de fogo vivo atirados a esmo no ar; os trovões faziam tremer o proprio oceano; a chuva cahia em bicas... Mettera então á capa e toca a rolar p'r'ahi, ás vezes com a borda toda debaixo d'agua e o casco a querer fazer da quilha portaló... Seis dias e seis noites andára assim perdido, desatinado, num redomoinho. Ninguém parava, ninguém dormia, numa faina maldita. Tivera de pôr ao mar a maior parte da carga para alliviar, desafogar o navio. Para bem se manterem em cima na tolda, elle e a companhia, eram amarrados ao leme, agarrados ás enxarcias e á mesa das malaguetas de barlavento. Os marinheiros moviam-se de pôpa á prôa como macacos, aos pinotes e aos trancos, no convés alagado, segurando-se a pulso a um cabo de vae-vém. Uma parte da gente não largava as bombas, a exgotar o hiate. Não se cosinhava porque o mar varria a cozinha apagando o fogo, e só se comia bolacha e carne secca crúa. Agua para beber era o diabo p'ra tiral-a das pipas, que andavam peadas a bombordo com peitos-de-morte. Ninguém mudava de roupa, ensopado como um pinto e a tremer maleitas de frio. A cada momento báques de coração como facadas vivas, principalmente quando se ficava sem governo e o vagalhão cobria tudo buscando engulir-nos... Nem eu nem a companhia julgavamos que podéssemos mais alcançar terra, tornar a vêr as familias. Choravamos e praguejavamos, ao mesmo tempo, desesperadamente... Promessas á Senhora dos Navegantes allí do arraial aos bandões. (E, pela festa, lá tinham de ir á capellinha com as suas velas de cera, de pés no chão, japona de oleado e «sueste», como andavam a bordo, na lestada). E aos seus gritos de misericordia a Senhora acudira logo, amainando de todo a tempestade, naquella manhã, em que avistaram de repente, á prôa, o Arvoredo, os Inglezes, puxando para o porto á primeira brisa de norte. Era por isso que allí fundeavam agora, sãos e salvo, com aquella casca de nóz do *Andorinha* que só assim podéra vencer e zombar do mar e do tempo...

Ao findar o Pedro a sua exacta e clara narração, a Maria Virginia, que o ouvira attentamente, immovel e muito pallida, com uma ancia no coração, acercou-se por entre os homens, e, saudando-o, falou-lhe numa voz doce e trémula, cheia d'emoção:

— Então chegaste, afinal, a salvamento depois de tantos trabalhos, hein. Que desgraças por essas ondas! E que grande lestada, nem o an-

tigo temporal de Março a que a mãe assistira em menina e a que sempre se referia, e lhe falára ainda, repetidas vezes, naquella semana! Nunca se vira uma coisa assim! Allí no arraial fôra uma calamidade, parecia o fim do mundo! E elle e a sua companhia podêram escapar, felizmente, a tamanhos riscos, tamanha inclemencia! Só mesmo graças á milagrosa Senhora dos Navegantes!...

— E' verdade Maricas, graças á Senhora dos Navegantes e ao Pae do Céu, escapámos...

E num gèsto da mão herculea tirou o bonet, deixando vêr por instantes a fronte alta e larga, contrastando na sua pelle clara e fina com o resto do rosto vivamente sulferino e abrasado pelo sol do mar — bella cabeça de joven marujo, emoldurada numa sedosa barba aloirada e numa densa cabelleira crespa!

A Maria Virginia contou-lhe então, num grande abalo nervoso, em phrases entrecortadas e soluçantes, os lindos olhos negros arrasados de pranto, que a levára até allí, apenas vira entrar o *Andorinha*, a ancía em que estava de saber alguma «nova» do Siqueira, coitado, que se fizera ao mar justamente na véspera de desabar aquelle medonho tempo. De certo andára tambem aos trambulhões por esses mares de Deus... E quem sabe o que lhe teria acontecido? Desde que começára a lestada ella não tivera mais socego, apprehensiva, afflicta, a pensar no que teria succedido ao marido e ao seu navio, pregada dia e noite ao oratorio, a rezar... E não sabia porque, mas «por dentro» alguma coisa lhe dizia que tinha havido desgraça, um sinistro, pois sentia um grande «peso» sobre o coração...

E desatou abertamente a chorar, numa grande convulsão de dôr, como se o seu presentimento traduzisse de facto um prognostico terrível.

O capitão Pedro, com a sua immensa bondade, a innata sensibilidade de todos os marujos cujas almas vivem perpetuamente sobrecarregadas de amor, de ternura e de uma saudade sem fim da Mulher, o que tudo provêm do isolamento constante em que andam, da perenne nostalgia de terra que os fére e das incertezas e afflicções do Oceano — ficára, bem como a multidão em volta, com os olhos mareados de lagrimas; e, commovido, atrapalhado, numa perturbação, mal podia dizer docemente para a tranquilizar e consolar:

— Que, infelizmente, não encontrára um só navio, uma unica vela, durante a tormentosa viagem, porque mesmo era impossivel distinguir coisa alguma em meio á chuva, á cerração. Mas que não se amofinasse, não perdesse a esperança. O Siqueira era marinheiro ás direitas, conhecia o mar como as palmas das mãos. Depois o *Espadarte* era navio de aguentar qualquer tempo, muito seguro, muito novo e de boa construcção. A lestada tinha sido

terrível, sem duvida, mas não fôra de certo a primeira que apanhára o Siqueira, que ainda rapazola percorrera todo o mundo, navegando para a India, para o Pacifico, e até para o Mar-do-Sul, em baleeiros americanos. P'ra se aguentar uma tormenta no mar, ou mesmo um cyclone, não faltavam recursos, sobretudo a um bom marinheiro: havia a capa, havia a corrida com o tempo, e, em ultimo caso, um en-calhe na costa para salvação de todos. Mas bastava a capa, só á capa qualquer casco de vela resistia a todo o mar, a todo o vento. Não! que ella não pensasse em desgraças! Que tolice! Dêsse tempo ao tempo, que havia de receber noticias do Siqueira. Além d'isso, p'ra que mortificar-se com infundadas previsões de infortúnios, máus agoiros... Não, Deus não permittiria que assim fosse... Talvez o Siqueira, aquella hora, já houvesse chegado ao Rio-Grande...

A essas palavras, que lhe haviam calado docemente n'alma, como um allivio, uma consolação, a Maria Virginia cessou de chorar, serenando pouco a pouco. E, de repente, lembrando-se de que os pequeninos, os filhos, já havia muitas horas não mammavam, devendo estar lá em cima, em casa, a ganir de fome, e sósinhos, acompanhados apenas pela velha mãe, coitada, que nada podia fazer, nem metter-lhes sequer a chupetinha na bocca, porque desde muito vivia cahida a um canto, paralytica, — despediu-se á pressa, dizendo com resignação:

— Emfim, tens razão, Pedro. — Para que afflicções antes de tempo? Ha de ser o que Deus quizer... Obrigada; e adeusinho, até depois... Olha, quando pudeses apparece lá em casa... Assim que tiveres vagar, não te esqueças, dá uma chegadinha ao morro. A mamãe ha de gostar de vêr-te...

E fazendo uma despedida geral a todos, sahiu a correr, num movimento rapido e gracioso dos quadris cheios, da cinta estreita e do lindo busto alto, onde o seu pescoço bem feito e o moreno rosto esculptural fascinavam, na sua belleza primitiva e campezina, destacando á plena luz radiante do sol galgando o zenith.

II

D'ahi a quinze dias, pela manhã, espalhavase por todo o arraial dos Inglezes a lutuosa noticia de que o *Espadarte* tinha ido a pique, uma madrugada, a vinte milhas ao mar do cabo de Santa Martha, tendo nelle perecido o gageiro-grande, o contra-mestre e o capitão Siqueira. Soubera do caso o filho do Patesca — do Joaquim, proprietario do *Andorinha* — que chegára da cidade onde estivera com os tripolantes sobreviventes do brigue, os quaes deviam estar no arraial ahi pela tarde, de sitio em sitio, em procissão com a gavea, a tirar esmolas para o cumprimento da promessa feita

á Senhora dos Navegantes, pela salvação dos de bordo nos riscos do temporal. Um d'esses tripolantes salvos, o Manoel Figueira, narráralhe minuciosamente como se dera o sinistro, o naufragio.

O navio abrija agua, um dia antes, com dois mares de través que o asoberbaram ao desfazer da capa morta em que ia, por não ter obedecido prestamente á arribada. Ah! que manobra excommungada! Quando se viu que o barco não podia mais aguentar á capa, o *sô* capitão Siqueira mandou preparar tudo para correr com o empo. O sota-gageiro, o João Lisboa, subiu com a sua gente para a gavea, porque o gageiro-grande, o Justino Fortes, como o melhor homem de governo, estava ao leme; eu fui com dois moços para o velacho, já sobre as bichas e braceado por sotavento; dois outros da companhia ficaram embaixo, á vela de estay. Quando o brigue cahiu no jazigo da vaga o *sô* Siqueira — aquillo é que era nautico, coitado! — gritou do degrau, e o contra-mestre, o *sô* Samuel, accusou logo a voz por entre-vante do mastro grande: — «Centro!» — «Iça a vela d'estay!» — «Larga o velacho!»

«Caça!» — «Carrega!» Carregaram-se e ferraram-se a gavea e a mezena, caçou-se o velacho e içou-se a vela d'estay até tezar bem o gurutil, tudo num abrir e fechar d'olhos. Carregou-se o leme a esperar o vento na alhêta, e aliviou-se a quebrar as guinadas. Executaram-se estas manobras num relampago. Apesar d'isso, contra o que se esperava, o navio só veio p'ra arribada devagarinho. Foi ahi que os mares encapellaram por cima da borda, asoberbando o convés, o salto, o castello, fazendo o casco abrir agua. Cahiu-se então nas bombas p'ra se não ir a pique, e assim que o vento bateu pela alhêta largaram-se e caçaram-se a gavea e o traquete, este nos vizes calções, escôtas folgadas p'ra aliviar de prôa. Ferrou-se logo o velacho. Depois acachaparam-se os mastaréos de joanetes porque os balanços ameaçavam partir a mastreação e leval-a p'ra o «charco». Mandou-se outro homem para o leme, pois um só não aguentava, e, velacho ferrado, gavea ao centro, ainda assim era um «folga, allivia» que matava a todos. Depois carregou-se e ferrou-se todo o panno, e toca a correr... Os vagalhões eram como serras e p'ra não quebrarem sobre a pôpa botou-se uma vela a reboque. Mas o porão era um cêsto; a agua já subira ao fôrro, a carga nadava de fazer medo. Correu-se ás bombas e era um focal-as sem parar, de revesar gente. Aguentámos assim todo o dia até alta noite, e nada d'aquillo melhorar. O tempo era um Deus nos acuda, parecia um castigo. Pela madrugada o navio entrou a sentir-se mal, ameaçando d'um momento para outro afundar. Houve logo uma grande confusão e pavor. Gritou-se então pela

santissima Senhora dos Navegantes, prometendo-se-lhe a gavea e o seu peso em cêra, se chegassemos todos á terra com vida. E toca a tratar da salvação, ensacando bolachas, conservas e roupa, pondo á mão a palamenta dos botes de bordo, desenvergando a gavea para paga da promessa, tirando o sextante e o «agulho» da camara, e, por fim, engatando-se as talhas na lancha e na «bocêta» para as jogar fóra da borda e arrial-as ao mar ao primeiro signal. O temporal parava-se então como nunca se vira: os vagalhões galgavam o barco por todos os lados, carregando tudo; os botes nadavam já dentro do convés; os relampagos amiudados cegavam a gente com os seus clarões terríveis; os trovões estouravam uns sobre outros que parecia que o céu vinha cahindo... De repente um marinheiro que ia para o rancho safar ainda as suas coisas, não poudo mais fazel-o porque a agua enchia o porão até acima, apesar das bombas dando de continuo. E o Luiz Bigota correu para pôpa a dar parte d'aquillo ao capitão que, á balaustrada, com os olhos fisgados na noite e nas ondas, acenava d'istante a instante com o braço para os homens do leme: «*orça! allivia!*» a avitar alguma volta de mar embarcasse de sopetão pelo espelho de ré e fizesse sossobrar de uma vez o navio. Nessa occasião já ninguem aguentava os balanços... A maior parte da companhia correu a lançar fóra das bordas a lancha e o bote, com as talhas sob mão e todos promptos a saltarem para dentro, enquanto o contra-mestre voava a chamar o *sô* Siqueira que, agarrado, á enxarcia-grande, a bombordo, só gritava para a pôpa: «*orça! allivia!*» Nisso, um vagalhão furioso e mais alto que todos rebentou sobre o salto, levando o capitão e os do leme, de quem então só se ouviram uns gritos. E o brigue, erguendo a prôa, começou a mergulhar de alhêta... O Figueira e os outros tripolantes que estavam já na lancha e no bote, espavoridos e como loucos, cortaram immediatamente as talhas e fugiram para o largo a toda força de remos, a gritarem: «Misericordia! misericordia! Valha-nos a Senhora dos Navegantes!...» Quando amanheceu, já o mar em bonança, só se viam, além d'elles, as pipas grandes da aguada e alguns pedaços de vergas a boiarem nas ondas. O sol surgia claro, mas nenhuma vela apparecia no horizonte. Uma aragem de norte começava a soprar. Largaram velas ao bote e á lancha, aproando a oeste em demanda da costa que não devia andar longe...

E a expressiva narração do marinheiro, contando ingralmente o naufragio do *Espadarte*, voava de bocca em bocca por todo o arraial dos Inglezes, despertando enternecimentos e lagrimas pelas casas, os engenhos, os ranchos, e adquirindo, a cada nova edição oral, côres e linhas estranhas.



A' casa da Maria Virginia já haviam acudido os parentes, amigos e toda a vizinhança — e as portas e janellas cerradas deixavam ecoar até fóra e espalhar-se na estrada e nos campos em torno, contrastando com o alegre sol da manhã, um côro surdo e plangente de vózes soluçantes.

A pobre rapariga recebera o grande golpe luctuoso logo ao amanhecer, quando, como de costume, após a tempestade, se achava no paredão do terreiro a esquadrinhar, com um olhar melancolico, a linha clara do horizonte. Levá-ra-lhe a dolorosa noticia uma comadre sua, a Josepha Dutra, que passara ainda escuro pela casa do Patesca, onde se detivera a tomar o «aparado» e a descançar da longa caminhada que trazia desde o cantar do gallo lá do Rio Vermelho onde fóra em busca de remedios para o marido, cahido com as maleitas havia dois mezes. Desde aquelle instante até agora a Maria Virginia se debatia em gritos, numa ancia, numa agitação de desespero, inconsolavel, aturdida e perdida no fundo do seu infortunio. Todos a rodeavam affectuosamente, procurando acalmal-a com palavras que envolviam uma immensa consolação e carinhos — palavras deliciosas que são, na desgraça, como um incomparavel bálsamo bendito.

O lar inteiro andava envôlto em rajada terrivel: dirse-ia a mesma do cyclone que engulira o navio. De todos os lados, de todos os cantos erguia-se, funebremente, na desordem das coisas, como uma levada de soffrimentos que se desprendia do chôro inconsciente das crianças orphãs e do soluçar rouquejante da pobre avó paralytica. Até na cozinha as velhas pretas da casa faziam um côro de pranto. E a immensa afflicção daquelle ninho humilde ecoava plangentemente pelas cercanias onde, como é commum nos campos, a vida corre entre todos docemente enlaçada, na solidariedade fraternal de uma mesma familia compartilhando igualmente as alegrias e as dôres...

Mas o dia encaminhava-se para a tarde e a luz esmaiaava lentamente o seu dourado vido. Pelos morros viam-se os grandes lençoes coloridos das rôças, em que predominavam intensamente dois tons — o verde-negro da mandioca e o louro secco dos milhos. E na serenidade do ar erguia-se, por vezes, uma vaga toada amorosa de campesinas cantigas. Ao longe da costa canôas de rêde, na faina da pescaria, iam traçando incessantemente sobre a lousa verde e liquida do mar em calma, longos hieroglyphos de giz. Pequenas velas ao longe abriam melancolicamente o triangulo claro e vogador da sua aza aligera. E no horizonte, além, a saudosa neblina de pêrola das aguas longinquas.

Subito vózes frescas de crianças estalaram lá em baixo no caminho:

— Olha uma vela do navio! olha uma vela do navio! E' a gente do *Espadarte*... Ahi vem ella...

E logo a noticia de que os náufragos tinham chegado espalhou-se por todo o arraial dos Inglezes.

Effectivamente, na encruzilhada da praia, onde a estrada-real se bifurcava com a da Ponta das Cannas e a das Aranhas, um grupo de homens descalços, em camisa, o bonét sob o braço, as calças arregaçadas, apertadas á cinta na faixa multicôr dos marujos, avançava a passos lentos, conduzindo á mão, pelos envérgues e carregadeiras, uma vela enrolada de navio. Era a gavea do *Espadarte*. Ramalhetes de rosas e palmas, alli depostos piedosamente por mãos artisticas de roceiras — mães, filhas, noivas, irmãs — na passagem pelos sitios, perfumavam e enfeitavam aquella velha lona, agora náufraga, mas que fóra outr'ora no alto da mastreação do brigue a que pertencera, tão feliz e tão amada do sol e dos ventos do oceano!

O préstito caminhava cantando. Era uma velha canção maritima, embaladora e monotona, de uma cadencia acre de onda em tormento, plangente, implorativa, anciosa, de uma nostalgia sem termo. Cada estrophe dizia, primeiro, o rugir dos ventos, o espumar dos vagalhões em furia, o despedaçar dos lenhos; depois o chôro, os gritos, as pragas duras, blásphemas, os fundos desesperos e ancias da marinagem impotente em luta brutal com os elementos. Mas o estribilho rhythmado e frequente tinha um doce tom supplicante, uma funda uncção mystica, a angustia resignada de intimos soffrimentos:

Senhora dos Navegantes
Amparai-nos lá dos céos:
Que por todos os quadrantes
Acalmem-se os escarcéos.

De vez em quando, em frente as casas, a vela parava — e um marinheiro se destacava abordando as janellas e portas, de barrete estendido, esmolando. E as moedas negras de cobre ou os nickeis reluzentes surgiam de toda a parte, cahindo de mãos femininas e brancas num rapido gésto espontaneo.

Uma agglomeração de rapazes e homens cercavam logo a companhia — e conhecidos, amigos, estranhos inquiriam-n'a candidamente, interessadamente, pedindo novas, pormenores do sinistro.

As familias dos náufragos que moravam distante, lá para a Lagoinha, o Rapa, a Ponta das Cannas e as Aranhas, desciam em direcção ao arraial para abraçar os pais, os maridos, os noivos e os filhos. Havia por isso, em todo o sitio dos Inglezes, um movimento de romaria. E quando algum dos marinheiros avistava os seus entes queridos, o seu lar, o bem maior da vida, despedia-se por instantes do lutuoso cortejo — e eram então abraços ardentes, chôros de emoção e de alegria, ás porteiras, nos



terreiros, ás ramagens dos caminhos. Mas logo a vela proseguia, naquella perigrinação dolorosa...

Ao chegar á venda do Lemos, uma multidão de ajudantes, camaradas-de-rêdes e alguns tripolantes do *Andorinha*, que ainda permanecia no porto a metter carga, correu ao encontro dos náufragos, ruidosamente, num jubilo:

— Oh Antonio! oh Constancio! oh Bigota! oh Figueira! Então afinal escaparam, depois de tantos perigos?!... Ora, sempre Deus era grande e tinha compaixão dos infelizes!...

— E' verdade, gente. Mas lá ficou o nosso capitão, lá ficaram o Samuel e o Justino, coitados! Quem diria que tornaríamos sem elles! O que era a vida, o que era o destino!

E dos olhos de todos aquelles marítimos, raiados de sangue pela refração solar do oceano nos tombadilhos, as lagrimas corriam, duas a duas, silenciosamente...

A essa hora, lá em cima no morro, a Maria Virginia, mais calma, mais resignada naquella quasi consolação de poder vêr ao menos a vela do navio do marido, queria por força descer abaixo, ao caminho. Mas os parentes e amigas protestavam, oppunham-se:

— Que não! que não! Pois se a vela ia passar por alli, porque tinha de ficar naquella noite na ermida da Senhora dos Navegantes! Não! Que tivesse paciencia, esperasse um instante. Era só um instantinho, ella veria...

Com effeito, o panno do brigue ia ser depositado alli até ao outro dia. O Figueira já falára ao sacristão, e este appressara-se em subir capellinha, cuja porta principal abria-se agora lá no alto do outeiro, dominando o arraial em volta, as praias, as ilhas, todo o oceano, como nas manhãs claras de missa, aos domingos.

Entretanto o sol rolava já no horizonte, numa barra sulferina. A planura immensa das aguas resplandecia a oeste maravilhosamente, como um estranho tablado oscillante de pedrarias liquidas. Canôas e lanchas corriam ao longe, com velas tintas de purpura á luz fugidia, evocando feéricamente o esquisso luminoso de uma remota esquadilha phenicia singrando num poente vermelho do setim o mar de Tyro. E contra a costa arenosa e limpida, fechada a um lado pelas rochas do Rapa cobertas agora de uma fulguração de sanguinea e mica, o cahir lento e melancolico de uma sombra de nankin onde se distingiam, pouco e pouco, os primeiros lizazes e lyrios das ave-marias.

Então os náufragos apressaram-se e, arrumados á vela de onde as rosas e palmas pendiam, já murchas e tristes da soalheira e do pó dos caminhos, como sobre um panno de esquife, tomaram pela a estrada empinada e tortuosa que levava á ermida. E de novo, repetindo-se incessantemente por entre as outras

estrophes, o estribilho sonoro da canção marítima ecoou no ar, doce, súplice, plangentissimo:

Senhora dos Navegantes
Amparai-nos lá dos céos:
Que por todos os quadrantes
Acalmem-se os escarcéos.

Em frente ao terreiro da Maria Virginia o préstito parou. Uma agglomeração de pessoas tomava ahi a estrada, numa attitude compungida. E logo, da casa toda aberta e em sombra, rompeu uma orchastração clamorosa de chôros e gritos. Dentro a pobre rapariga viuva debatia-se numa angustia sem nome, amparada pelas amigas mais intimas que a conduziam carinhosamente nos braços para uma das janelas, procurando impedil-a de sahir ao caminho, a dizêrem-lhe meigamente:

— Olha d'aqui! olha d'aqui!

Porém ella, num irresistivel impulso nervoso, desatinada, convulsa, retorquia-lhes:

— Não! não! Deixem-me sahir, pelo amor de Deus! E com a idéa sempre fixa no marido: — Quero ir beijar ao menos a vela que lhe escutou o ultimo suspiro...

E, desprendendo-se de repente, jogou-se para a rua, como uma louca, por ente a multidão pasma e commovida.

Foi então uma scena indizível, tristissima. Todos os presentes tinham os olhos rasos d'agua, as pessoas do povo como aquelles rudes marítimos.

E a Maria Virginia, de joelhos, abraçada á vela, toda banhada em pranto e agitada por soluços que a sacudiam intermittenemente, beijava a velha lona náufraga, beijava-a, como numa ardente e estranha consagração cultural. A sua voz, a espaços, débilmente vibrava, trémula, entrecortada, afflictissima, no meio do pesado silencio do céu vespertino:

— Ai! que dôr! ai! que dôr, Virgem Santissima!...

E como a misera se delongava somnambulamente nessa genuflexão de martyrio, o rosto desfigurado, muito livido, como se ella fosse cahir numa syncope, os parentes acudiram arrancando-a piedosamente d'alli...

A vela, sempre acompanhada de povo, pôz-se a caminho, embalada pelo rhythmo sonoro da canção nautica, cujo expresivo estribilho augmentava agora de plangencia tristissima. Subia já directamente, numa andada fatigada e morosa, para a ermida branquinha da Senhora dos Navegantes, que se destacava saudosamente no céu sobre o seu outeiro florido.

Naquelle instante o crepusculo cerrára de todo, amortalhando os montes, as planicies e o mar nos seus largos véos mortuarios de cinza.

VIRGILIO VARZEA.

OITENTA E NOVE.

MONITOR REPUBLICANO DO PIAUHY.

SOB A DIRECÇÃO DE—DAVID MOREIRA CALDAS.

Anno 7.

Thersina. 1.º de Fevereiro de 1889.

Numero 1.

O *Oitenta e nove* será publicado 17 vezes, unicamente, durante este primeiro anno de sua existência, estando a assignatura (paga adiantada) \$2000 reis, até o fim de dezembro.

Numero avulso. 500 reis.

• PAZENCIA, FIRMEZA E VIGILANCIA. •
(Gazetta: Courtois em Brezile.)

Edição deste n.º: 350 exemplares.

Toda a publicação a pedido será feita a razão de \$0 (reza) em pagamento á vista) para os assignantes, e de \$20 (reza) para quem não forem.

Os artigos devem ser devidamente legalizados; não se admittirão artigos de foro nem anónimos.

OITENTA E NOVE.

THESES, 21 DE JANEIRO DE 1889.

Assaz problemático ha de parecer a muitas pessoas este titulo, numerico, que escolhemos para denominar o nosso periodico, pobre successor do *Amigo do Povo*, que resolvemos supprimir depois de havermos publicado o n.º 89; designação esta que importa um symbolo,—a representação synthetica de uma idea capital, facil de penetrar—das que estão iniciadas nas provavissimas lações da historia.

Na verdade, *Oitenta e nove* é a data gloriosa com que, no seculo passado, em o velho mundo, inseri-se de modo positivo, claro e brilhante—os direitos do homem, até alli não reconhecidos devidamente pelas egoisticas classes privilegiadas, que tão indignamente monopolisavão—com a corda—todo bem-estar social. . . .

Oitenta e nove foi com effeito como que um grande dilavio, sob o qual submergiu-se o monstruoso feudalismo, que ainda affrontava a França dos inumeráveis Luizes, que lembravão os Pharaós do antigo Egypto,—isto em pleno seculo de Voltaire, de Rousseau e de Mably; ao passo que na sua candel corrente viu-se descer, a mercê das ondas, o recente berço da Liberdade, recordando o de Moyses a fluctuar sobre as aguas do Nilo. . . .

Oitenta e nove é ainda a data fulgurante da 1.ª conquista plebiscitaria, incontestavelmente obtida pela democracia n'uma das mais bellas porções de o mais vasto continente do novo mundo: veremos fallar de um magno decreto, emanado directamente do povo, ha uns 83 annos, estreado-se então a urna eleitoral, mui honrosamente, nas suas funcões de arauto collectivo,—segundo o qual Jorge Washington foi elevado á dignidade temporaria de chefe dos estados confederados da União americana, que hoje se ostenta ao mundo civilizado como a mais admiravel colunã de cidadãos, e por certo uma das mais poderosas nações da terra!

Finalmente, *Oitenta e nove* recorda ainda, a nós os Brasileiros, a 1.ª tentativa de independencia no dilatado paiz descoberto por Pinzon e por Cabral; tentativa que infelizmente abortou, não grado os bullos esforços das patriotas mineiras, que acabavão por ser outros tantos martyres da liberdade,—outras tantas victimas innocentes, immoladas ante o altar druidico, em forma de throno, onde se achava exposta á veneração dos fies a mentecapta Maria I, digna bisavô do actual imperador do Brazil, a quem Deus guarde—quando muito até 1889. . . . CENTENARIO tres vezes veneranda e assaz significativo para todos os republicanos convictos que estejam de animo deliberado a persistir em semear a brilhante ideia,—activamente trabalhando, por periodos de 17 annos; sem jamais desesperar do resultado da paciencia e da consistencia, a semelhança desses pequenissimos polyros que hão construido immensos bancos de coral. . . .

E' certo que o trabalho vence tudo, e o trabalho intelligente e aturado é sem contestação alguma a mais bella encarnação da fé; com a qual maldoe até os montes, segundo disse Jesus Christo e nós vimos já realiado neste seculo, a respeito dos Alpes Cottienens, depois da perfuração do *Tabar* ou do monte Cenjis! . . .

Devemos calcular os nossos passos e medir as nossas vistas, com a mesma calma imperturbavel com que o astrónomo determina, PARA UM TEMPO DADO, a passagem de um planeta por um certo ponto da

esphera celeste,—produzindo tal phenomeno por elle previsto com admiravel exacção mathematica!

Trabalhemos com a mesma boa vontade com que a abelha manipula o pollen das flores, quando trata de fabricar o seu mel; com a mesma constancia com que a aranha estende, noite e dia, as suas teas, fragilissimas embora; com a mesma firmeza, em fim, com que a formiga remove os insectos e a grama de arca que lhe obstruem a porta de sua moradia subterranea, quando transformada esta por uma eventualidade qualquer. . . .

Sem descremos, pois, das nobres aspirações da humanidade, tratemos de avançar com ella—em busca do ideal da perfectibilidade: embora esta pareça fugir-nos a semelhança de uma miragem, a medida que nos adiantamos na senda do futuro: pouco importa que nos chamem *utopistas*, uma vez que esse nome tem sido o de *lapis*—applicado pelos homens de vistas curtas a todo o grande trabalho do genero humano. *Utopista* é ainda hoje considerado, por muita gente, o Divino Mestre; por haver pregado a caridade,—isto é—á união, a egualdade e a fraternidade entre os homens!

—*Utopistas* forão tambem:

I. Guttemberg, o inventor da imprensa.

II. Colombo o descobridor do novo mundo.

III. Copernico, o autor de um novo systema astronómico.

IV. Galileu, o apostolo da rotação da terra.

V. Newton, o descobridor das leis da gravitação; o dissecador da luz.

VI. Bartholomeu de Gusmão, o inventor do balão aerostático.

VII. Arkwright, o fabricante da primeira machina de fiar algodão.

VIII. Watt, o autor do condensador.

IX. Benjamin Franklin, o inventor do para-raios.

X. Cugnot, a quem se deve a idea da locomotiva a vapor realizada por Stephenson.

XI. Lesage, o pai da telegraphia electrica, creada por Wheatstone e por Morse.

XII. Fulton, o creador da navegação a vapor.

XIII. Daguerre, o pai da photographia.

Forão igualmente *utopistas*, si bem que de ordem secundaria ou somente para uma pequena porção da humanidade:

1.º O conselheiro Saraiva, o fundador de uma nova capital para esta provincia, quando alguns não acreditavão que de uma chapada deserta do Piahy podesse surgir uma pequena cidade! . . .

2.º O conselheiro Junqueira, a quem devemos a navegação a vapor no nosso Parana: rio de leito sumamente arenoso e de canchales variaveis. . . .

A vista de tudo isso, pois, um dia não virá, assim o cremos, em q' a palavra *utopia* se tornará um termo obsoleto nos dictionarios das nações cultas; seja isso, embora, na mane parvosa em que nos *hoteis* houverem substituido os laboratorios, de cunho cunco, depositando-se então um jantar completo n'uma especie de carteira homospathica; lá nesse tempo em que chamar-se-ia *barbato* talvez a quem quer que seja que se ache exposto a horror de indigestão, como o mais infatigavel adorador de papos de perús! . . .

—Em quanto, porem, não avicamos tanto, a ponto de chegar a uma cidade *quarta*, seja-nos

perallido por a fé robusta de ver a REPUBLICA FEDERAL estabelecida no Brasil; pelo menos d'aqui a 17 annos ou em 1889,—tempo assaz sufficiente, se assim pensamos, para a educação livre de uma nova geração, para a qual ousamos appellar—cheio de maior confiança.

Contamos no entretanto, desde já, com a coadjunção sincera de todos os apóstolos da mesma idea que nos anima; bem como com o concurso poderoso dos mais dignos preceptores da mocidade.

Tomamos por patronos de nossa causa patriótica:

- 1.º—MIRABEAU, o eloquente orador que appareceu em França por occasião da revolução de 1789.
- 2.º—Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o TIRADENTES,—o grande martyr da nossa infeliz tentativa de liberdade em 1789.
- 3.º—JORGE WASHINGTON, o primeiro presidente dos Estados-Unidos; o primeiro magistrado livre d'uma republica em terras da America, eleito no referido anno de 1789. . . .

Sim, sejam estes os santos patronos da nossa causa.

Que elles nos inspirem os mais bellos argumentos, para bem podermos persuadir aos que ainda estão em erro; a maior abnegação, para morremos mesmo, se necessario for, defendendo as nossas ideas; finalmente o ensino do melhor systema pratico a adoptarmos, na direcção dos publicos negocios, quando directamente confiados ao proprio povo, consciencia da sua dignidade e dos seus direitos.

—Sentimos que em nosso craneo ferve, como n'um cadinho, a idea de liberdade: que ella, depois de fundida, se consolida brilhantemente em nosso coração—como n'um vasto molde,—para d'ali sair semelhante a uma fulgente estatuza, perfeita e colossal, que em todo tempo atteste a grandeza moral deste paiz em que nascemos; o qual bem poderá exhibir ao mundo uma serie de construcções *cyclopeanas* em suas instituições, forjadas de novo pelos obreiros da democracia.

A nossa officina é a imprensa; nella pois vamos resolutamente começar, outra vez, a grande obra, talvez tentada em vão até este momento.

Não queremos e nem devemos deixar que se cubra de cinzas a fornallia ardente!

Para alimental-a, se preciso for, converteremos em combustivel o nosso pão,—e o. . . dos proprios filhos ainda tenros.

A patria exige actualmente os mais penosos sacrificios.

Que fique somente aos egoistas a gloria de se tornarem medios a mais não poder.

—Mãos a obra, com a coragem do dever que se acrysolá.

A nossa força.

A Republica do Rio de Janeiro, de 28 de dezembro ultimo, sob a epigrapha a cima; publicou um bello artigo editorial, cuja integra passamos para as columnas deste periodico; recommendando aos nossos leitores que o apreciem devidamente.

Artigos tão bem elaborados, como esse da Republica, preferiremos sempre aos de lavra propria.

Eil-o:



O COMMERCIO JAPONEZ

SUA EXPANSÃO MUNDIAL

A SUCCURSAL NIPPAKU & COMP.

DE KOBE

○ ESTABELECIMENTO de artefactos japonezes, inaugurado ha dias, num dos mais bellos edificios da AVENIDA CENTRAL, o de n. 50, de propriedade do capitalista brasileiro Sr. Costa Reis, e para onde afflue constantemente uma multidão sequiosa de ali vêr o que ha de original e de novo, é, sem duvida, o primeiro no genero, que entre nós se installa.

A fundação de uma casa destinada a vender unicamente productos dessa bizarra e exquisita industria japoneza, desde os ligeiros e despretenciosos brinquedinhos de papel aos riquissimos e custosos jarrões do mais artistico lavor, é um facto que precisa ser constatado como symptoma de quanto a formosa cidade do Rio de Janeiro tem progredido nos seus costumes.

E, isso ficou exuberantemente comprovado com o que tem succedido até aqui, tendo a succursal NIPPAKU & COMP., diante de si um futuro grandioso, podendo se transformar no primeiro entreposto sul-americano do commercio japonéz.

Installada para servir ao publico do Rio de Janeiro, que dispendia quantias fabulosas por objectos de uma procedencia não raro duvidosa, mas que eram sempre vendidos como originarios do Japão, — a casa NIPPAKU, já sente necessidade de estender as suas relações para outras praças nacionaes, onde os seus productos terão certamente a mesma collocção remuneradora que aqui lograram obter.

A casa tem como chefe o Sr. Zentaro Ohira, um perfeito cavalheiro, muito moço, intelligente e sympathico, e como auxiliares os Srs. Akira Toshima, Umekichi Akeho e Tsutal Saruhashi, todos muito habéis em assumptos commerciaes e já manejaando regularmente o nosso idioma, o que é de grande vantagem para vendedores

e compradores. Além desses empregados, a casa NIPPAKU mostrou decidido interesse em admittir auxiliares brasileiros, e o fez, aceitando tantos quantos são os de origem japoneza, procedimento este digno de todos os louvores.

O systema de preço fixo que o publico logo depara em todos os objectos em exposição, foi acertadamente adoptado pela gerencia, e agradavelmente aceito pelos que ali vão fazer suas compras, e é a nosso ver o systema que devia ser usado em todas as casas commerciaes, e num estabelecimento como o de NIPPAKU & COMP., elle se impunha, já para denunciar a seriedade que preside os seus negocios, já para evitar perda de tempo á sua numerosa e selecta freguezia.

O que ha de bello, de fino, de exotico, de vaporoso na arte japoneza, os nossos olhos extasiados e felizes foram encontrar na casa NIPPAKU, a qual acha-se preparada com aquelle gosto que é peculiar aos orientaes. Balões venezianos, bandeirinhas, lanternas multicores, artefactos de papel, de bambú, de laca, de charão, appparelhos de porcelanas de diversas qualidades e de caprichosos desenhos, desde os que podem figurar nas mezas de modestos funcionarios, aos que são dignos de pertencer aos archi-milionarios; mobílias estufadas, cabides, porta chapéus, para-sóes de seda e de papel, objectos de marchetaria, kimonos, sandalias, biombos de uma sumptuosidade que encanta, que tenta; gaitas, brinquedos, mantilhas, cartões postaes, cestas, bolsas de palha, pannos bordados e desenhados, lenços de seda, de papel, e uma infinita variedade de cousas aggrupadas, distribuidas em estantes, em prateleiras, em armarios, em cordéis e pelas portas, pelas paredes e ascendendo ao tecto numa polychromia estonteadora, que dão áquella bellissima casa da Avenida Central toda uma im-

pressão feérica de kermesse, ali fomos admirar durante duas longas horas.

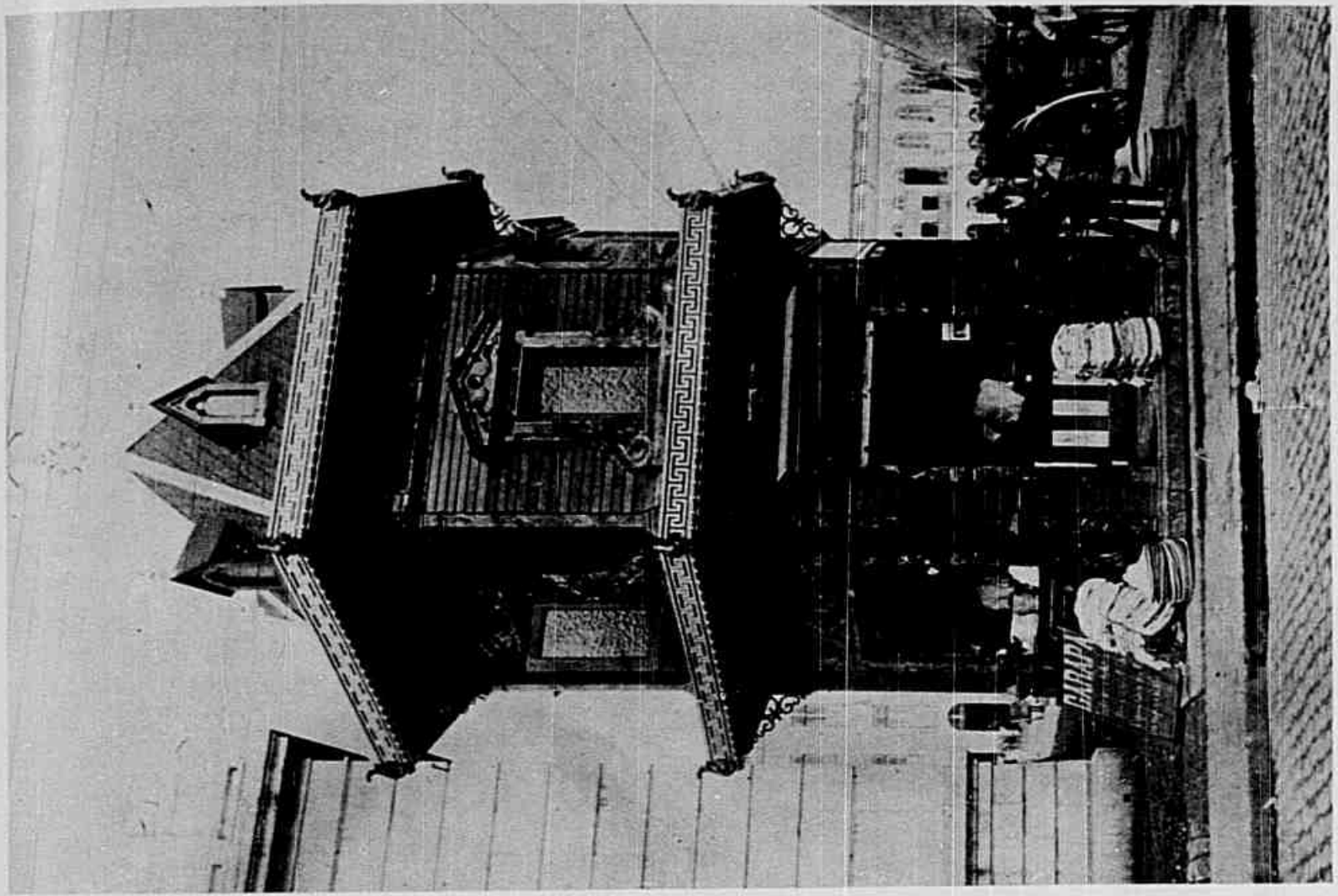
Tudo quanto ali se vende vem directamente consignado aos representantes da casa matriz, de modo que, evitando intermediarios, não receiam elles competidores no mercado, achando-se em condições de vender ao Público por menos da metade, todos os artigos similares e da mesma procedencia, que aqui se encontram só em duas ou tres casas.

Outras fossem as condições das tarifas aduaneiras e por preços mais commodos seriam vendidos os artigos japonezes; infelizmente, isso não se pôde verificar por enquanto; os direitos cobrados são tão elevados em alguns artigos, que a perspectiva de prejuizo sendo evidente, só resta sustar a importação dos mesmos, até que as taxas de entrada sejam menos desanimadoras.

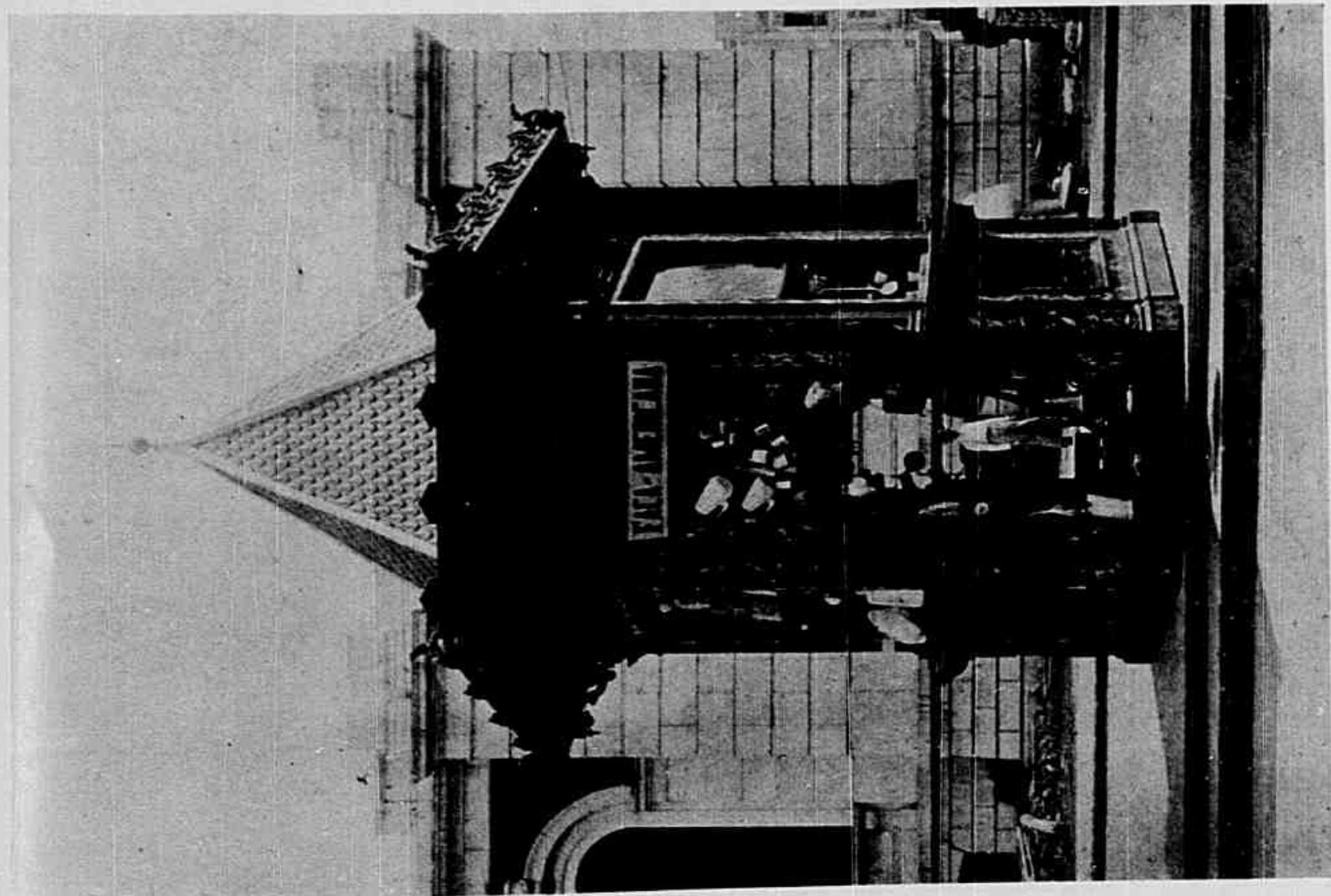
Sabemos que a casa NIPPAKU, que já retirou da Alfandega mais de um fornecimento, receberá constantemente grande quantidade de mercadorias sempre novas e surprehendedentes, e sabemos mais que a mesma casa já está organisando o Catalogo Geral da importação de arte e industria do Japão, no Brasil, afim de ser profusamente distribuido com seus prospectos a quantos lh'os requisitarem.

Aos votos de prosperidade que receberam por occasião da inauguração de sua casa, significamos por nossa vez, os que fazemos para que o progresso da sua representação entre nós, estreitando as relações commerciaes de duas grandes nações amigas, dê ensejo para ficarem assaz conhecidas as tendencias e as aspirações, que, em materia de commercio e industria, sciencia, litteratura e arte, caracterisam a grandiosa Republica sul-americana, o incomparavel Brasil.





KIOSQUE URBANO – TYPO N. 2
Belém, Estado do Pará.



KIOSQUE URBANO – TYPO N. 1
Concessionário Francisco Bolonha, Engenheiro Civil

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaboraaly 9, presididas pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias

SABBADO, 16 DO CORRENTE

152-2.

Grande e extraordinaria Loteria Federal
2 premios de 100:000\$000 *Por 3\$200*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

*VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :
Srs. LEVY IRMAOS & C^a, em Pelotas.
Sr. ISIDORO MARX, em Porto-Alegre.
E NOS PRINCIPALES B-ZARES.*

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

A EQUITATIVA

DOS
Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos
Sobre a Vida

Autorisada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896.



SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS



Negócios Realizados :

Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos :

Rs. 4.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas :

Rs. 6.000:000\$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

♣ ♣ ♣ EQUITATIVA ♣ ♣ ♣

Os sorteios tem lugar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos.



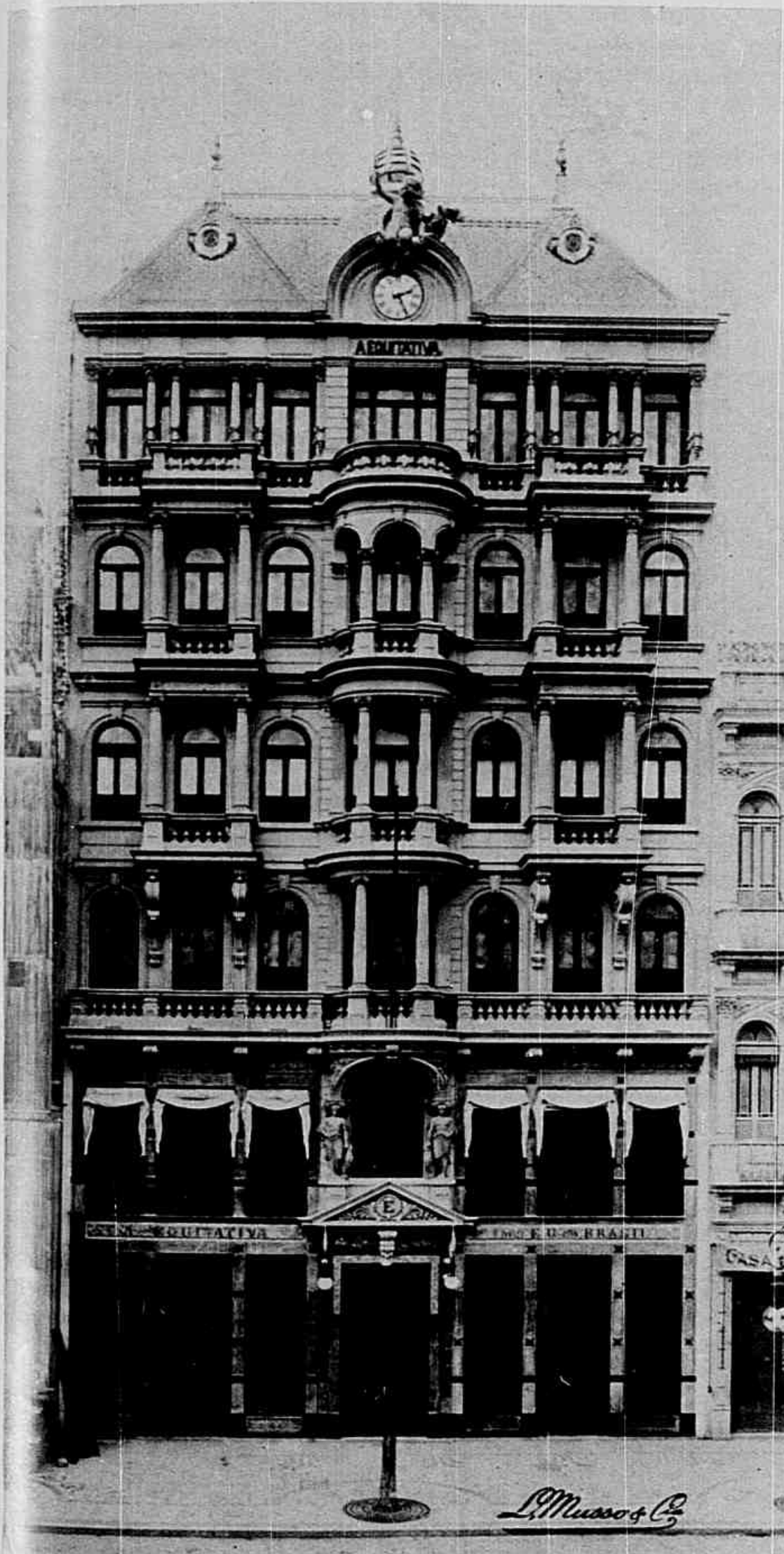
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125





L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000\$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto de Magalhães

